

unesp   
**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

**AGENOR ALMEIDA FILHO**

**CARACTERIZAÇÃO DA ESCRITA NO CIBERESPAÇO:  
CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS EM SALAS DE BATE-PAPO  
BRASILEIRAS**

**Araraquara**

**2011**

**AGENOR ALMEIDA FILHO**

**CARACTERIZAÇÃO DA ESCRITA NO CIBERESPAÇO:  
CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS EM SALAS DE BATE-PAPO  
BRASILEIRAS**

**Orientador: Profa Dra Rosane de Andrade Berlinck.**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Araraquara

2011

Almeida Filho, Agenor

Caracterização da escrita no ciberespaço: convergências e divergências em salas de bate-papo brasileiras / Agenor Almeida Filho. – 2011

222 f. : 30 cm

Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara

Orientador: Rosane de Andrade Berlinck

1. Linguística. 2. Comunicação. I. Título.

**AGENOR ALMEIDA FILHO**

**CARACTERIZAÇÃO DA ESCRITA NO CIBERESPAÇO:  
CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS EM SALAS DE BATE-PAPO  
BRASILEIRAS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Sociolinguística.

Orientador: Profa Dra Rosane de Andrade Berlinck

Membros componentes da Banca Examinadora:

---

**Presidente e Orientador:** Profa Dra Rosane de Andrade Berlinck  
Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho  
UNESP – Araraquara

---

**Membro Titular:** Profa Dra Gladis Massini Cagliari  
Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho  
UNESP – Araraquara

---

**Membro Titular:** Profa Dra Cristina Martins Fargetti  
Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho  
UNESP – Araraquara

---

**Membro Titular:** Profa Dra Fabiana Cristina Komesu  
Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho  
UNESP – São José do Rio Preto

---

**Membro Titular:** Profa Dra Joyce Elaine de Almeida Baronas  
Universidade Estadual de Londrina

**Local: Universidade Estadual Paulista**

**Faculdade de Ciências e Letras**

**UNESP – Campus de Araraquara**

A Deus.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

À dedicação da minha orientadora, Profa Dra. Rosane de Andrade Berlinck, que me guiou com firmeza e sapiência durante estes quase quatro anos de estudo e pesquisa, me apoiando, me iluminando, me dando força e motivação para perseverar nos momentos mais difíceis;

Aos meus pais, Agenor Almeida (in memorian) e Iadine, por todos os sacrifícios feitos para que eu pudesse estudar, sempre me apoiando e incentivando;

A minha esposa, Clêis, que, ao meu lado, soube compreender minhas dificuldades e aflições, incentivando-me a seguir em frente;

Aos meus filhos, Bianca e Diego, que souberam compreender a ausência do pai, respeitando a minha vontade de perseverar em minhas pesquisas;

Às verdadeiras amigas, muitas vezes sacrificadas diante de nossas atribuições cotidianas, em especial a Márcia Rostas, Honorina Simões, Niguelme, Linda Maria, Vilma Diniz, Suzana, Joelina e Auxiliadora. Companheiros que sempre me “socorreram” e muito me ajudaram durante o curso de doutorado;

A todos os demais colegas do Doutorado, que persistiram na busca do conhecimento e desta importante conquista pessoal.

Aos Professores da Faculdade de Ciências e Letras dos quais fui aluno e que deram grandes contribuições para o desenvolvimento deste trabalho, bem como aos integrantes da Coordenação do Curso, nas pessoas das Professoras Doutoras Rosário Gregolim e Márcia Manír.

Aos Funcionários do Departamento de Linguística e da Seção de Pós-Graduação que, sempre prestativos, me ajudaram nas dúvidas e atenderam minhas solicitações, em especial ao James, à Rita, à Carolina e ao Domingos.

A um grande número de amigos que tiveram participação ativa na coleta de dados, envio ou participação nas conversas entre internautas ou em outra etapa não menos importante. Enfim, constituíram parte significativa desta obra, senão vejamos: Alanildo, Alberes, Aline Rodrigues, Álvaro Targino, Ana Beatriz, Ana Clara, Ângela, Camilla Helena, Carlos Magno, Carol Ribeiro, Ciro, Clarissa, Cristiane Jacinto, Eliane (DETEC), Eliúde, Ernane, Graça Sampaio, Guilherme Rostas, Ilza Galvão, Internautas Anônimos, Laércio Diniz, Leandro, Leonilson, Lucas, Lucielle, Luis Jorge, Maria José (Zezé), Marília Costa, Nilzenir, Raimundo Lobato, Rayssa Almeida, Valdir Mariano, Vera Pacheco, Wilson Pedro, Zuleica e a todos os outros que a memória não conseguiu resgatar.

A relação entre o pensamento da palavra é um processo vivo; o pensamento nasce através das palavras. Uma palavra vazia de pensamento é uma coisa morta. E um pensamento despido de palavras permanece uma sombra. A conexão entre ambos não é, no entanto, algo de constante e já formado: emerge no decurso do desenvolvimento e modifica-se também ela própria.

L.S. Vygotsky

## RESUMO

A fala e a escrita constituem duas formas de comunicação entre os homens. Na intersecção de ambas, encontramos as salas digitais de bate-papo disponíveis na rede da internet. Nesse ciberespaço, a conversa *on-line* ocorre sob a forma escrita, exceto aos casos em que se utilizam o microfone. Nesse contexto, o objetivo desta tese é analisar se as formas escritas usadas nas salas de bate-papo por internautas falantes do Português Brasileiro de capitais das cinco regiões brasileiras (Florianópolis, região Sul; São Paulo, região Sudeste; São Luis, região Nordeste; Belém, região Norte; e Brasília, região Centro-Oeste) se assemelham ou se distanciam. A nossa hipótese é de que a escrita usada nesse contexto traz uniformidade na comunicação. Assim, quais são as convergências e divergências em relação à norma escrita nos textos de internautas, considerando-se as variáveis extralinguísticas? Para o questionamento, catalogamos formas divergentes e convergentes (focalizando processos como a acentuação, a abreviação, a onomatopeia, etc.) encontradas nas salas de bate-papo frequentadas por internautas de diferentes regiões do país, adolescentes e adultos, com e sem curso superior, de ambos os sexos. Neste trabalho, buscamos analisar as formas divergentes das salas de bate-papo adotando a noção de língua com base em Marcuschi (2008). O suporte teórico e metodológico é o da Sociolinguística. Com o *corpus* de pesquisa escrita em salas virtuais de conversas (*chats*), os resultados obtidos apontam que: 1) considerando as variáveis sexo e cidade, no que se refere aos adolescentes, verificamos uma equivalência entre o número de ocorrências verificadas em ambos os sexos. 2) considerando as variáveis sexo e cidade, no que se refere aos adultos, verificamos contrastes apresentados nas cidades de São Paulo e São Luis, em ambos os sexos; 3) na frequência de ocorrências por grau de escolaridade dos adultos, observamos que os paulistanos, os ludovicenses e belenenses com menor escolaridade recorrem muito menos ao uso dos processos divergentes em comparação aos informantes com nível superior; 4) nos textos produzidos pelos adolescentes são destacados dois recursos principais de uso: a) a abreviação, destaque no sexo feminino para maior ocorrência em Florianópolis, e para o sexo masculino, o destaque em Belém; e b) a onomatopeia como uso geral em todas as cidades pesquisadas; 5) nos textos produzidos pelos adultos, observamos um uso expressivo do recurso abreviativo, em geral, com altos índices pelos paulistanos, ludovicenses e brasilienses. Diante disso, é possível identificar um perfil dialetológico nesse meio de comunicação por tratarmos de falas regionais com maior emprego de um recurso e não de outro, com determinadas características como apresentadas nos dados e ocorrências desta pesquisa (conforme capítulo 4). Os recursos utilizados, por sua vez, de formas diferentes entre os sexos e as localizações geográficas do Brasil, demonstram singularidades geográfico-dialetais todavia apresentam uniformidade na forma escrita comunicativa pelo fluxo rápido que impõe a prática linguageira dos *chats*.

Palavras-chave: Fala, Escrita, Ciberespaço, Comunicação, Sociolinguística.

## RÉSUMÉ

Parole et l'écriture sont deux formes de communication entre les hommes. À l'intersection des deux, on trouve le théâtre numérique chat disponibles sur le réseau Internet. Dans le cyberspace, la conversation en ligne se présente sous forme écrite, sauf dans les cas que l'utilisation du microphone. Dans ce contexte, l'objectif de cette thèse est d'examiner si les formes écrites utilisées dans les bavardoirs pour les internautes brésiliens capital de langue portugaise des cinq régions du Brésil (Florianópolis, région du sud, São Paulo, la région du Sud-Est, San Luis, Nord-Est; Bethléem, du Nord, et à Brasilia, le Midwest) sont similaires ou plus lointain. Notre hypothèse est que le script utilisé dans ce contexte apporte une uniformité dans les rapports. Alors, quelles sont les similitudes et les différences de la norme dans les textes écrits des utilisateurs d'Internet, compte tenu des variables extra-linguistiques? Pour la remise en cause, les moyens divergents et convergents catalogués (mise au point des procédés tels que le stress, l'abréviation, onomatopées, etc.) Trouvés à forums de discussion fréquentés par les internautes de différentes régions du pays, les adolescents et les adultes, avec ou sans diplôme d'études collégiales des deux sexes. Dans cet article, nous analysons les formes divergentes des salles de chat en adoptant la notion de langage à base de Marcuschi (2008). Le théoriques et méthodologiques de la sociolinguistique. Avec le *corpus* écrit dans les conversations des classes virtuelles (chats), les résultats indiquent que: 1) compte tenu du sexe et les variables de la ville, dans le cas des adolescents, nous avons trouvé un nombre similaire d'événements qui se produisent dans les deux sexes . 2) considérer le sexe des variables et de la ville, dans le cas des adultes, nous avons trouvé des contrastes présentés dans les villes de Sao Paulo et Sao Luis, dans les deux sexes, et 3) la fréquence d'occurrence selon le niveau d'éducation des adultes, nous avons observé que les Brésiliens le Belenenses ludovicense avec moins d'éducation et moins encore recourir à l'utilisation de procédures différentes par rapport aux répondants de l'enseignement supérieur, 4) dans les textes produits par des adolescents, deux caractéristiques principales sont indiquées pour l'utilisation: a) l'abréviation, en particulier chez les femelles fréquence plus élevée à Florianopolis, et pour les hommes, l'accent à Bethléem, et b) que l'onomatopée d'usage général dans toutes les villes étudiées, 5) dans les textes écrits par des adultes, nous avons observé une utilisation expressive de la court-métrage, en général, avec de hauts indices par São Paulo, Brasilia et ludovicense. Par conséquent, il est possible d'identifier un profil de dialectologie ce moyen de communication par les lignes de traitement régional avec une plus grande utilisation d'une ressource et non un autre, avec certaines caractéristiques, telles que présentées dans les données et les événements de cette recherche (le chapitre 4). Les ressources utilisées à leur tour de différentes manières les sexes et entre les différentes régions du Brésil, montrent des particularités géographiques et dialectal, cependant, montrent une uniformité dans la communication écrite en exigeant l'écoulement rapide des chats langageira pratique.

**Mots-clés:** parole, l'écriture, le cyberspace, communication, sociolinguistique.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: fala versus escrita	57
Quadro 2: cultura oral versus cultura escrita	59
Quadro 3: fala e escrita apresentam...	60
Quadro 4: fala e escrita apresentam...	61
Quadro 5: Emotions	79
Quadro 6: Expressões com maior incidência na amostra	102
Quadro 7: Ocorrências Florianópolis	110
Quadro 8: Ocorrências São Paulo	113
Quadro 9: Ocorrências Brasília	115
Quadro 10: Ocorrências Belém	117
Quadro 11: Ocorrências São Paulo	119
Quadro 12: Divergentes – cidades/idade/sexo	121
Quadro 13: Divergentes – cidades/idade	123
Quadro 14: Divergentes – cidade/sexo	124
Quadro 15: Divergentes –média resultados cidades	124
Quadro 16: mensagem instantânea do <i>chat</i>	129
Quadro 17: Universo de ocorrências na amostra	131
Quadro 18: Distribuição de ocorrências considerando as variáveis <i>sexo</i> e <i>cidade</i> (Adolescentes).	135
Quadro 19: Distribuição de ocorrências considerando as variáveis <i>sexo</i> e <i>cidade</i> (Adultos).	136
Quadro 20: Distribuição de ocorrências considerando a variável <i>Grau de Escolaridade</i> (Adultos).	137
Quadro 21: Número de ocorrências por <i>cidade</i> /internautas adolescentes	138
Quadro 22: Número de ocorrências por <i>cidade</i> /internautas adultos	139
Quadro 23: Exemplos de formas de escrita divergentes com eliminação de vogais e/ou consoantes encontradas nos textos dos internautas adolescentes de ambos os sexos, de cidades das cinco regiões brasileiras	147
Quadro 24: Exemplos de formas de escrita divergentes com repetição de vogais e/ou consoantes encontradas nos textos dos internautas adolescentes e	153

adultos de ambos os sexos de cidades das cinco regiões brasileiras

Quadro 25: Exemplos de onomatopeias encontradas nos textos dos internautas adolescentes de cidades das cinco regiões brasileiras de ambos os sexos	155
Quadro 26: Exemplos de eliminações de acento gráfico ou marcação alternativa do acento gráfico encontradas nos textos dos internautas adolescentes de cidades das cinco regiões brasileiras de ambos os sexos.	156
Quadro 27: Exemplos de trocas de letras encontradas nos textos dos internautas adolescentes, de cidades das cinco regiões brasileiras, de ambos os sexos.	157
Quadro 28: Exemplos de registros da oralidade encontrados nos textos dos internautas adolescentes de ambos os sexos de cidades das cinco regiões brasileiras	159
Quadro 29: Exemplos de rebus, símbolos, uso de maiúscula e sinais de pontuação	161

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A explosão criativa dos quadrinhos de M. Cirne	93
Figura 2: Popeye de Segar e Sagendorf	93
Figura 3: Onomatopeias	94
Figura 4: Mapa indicativo-demonstrativo – cidades/ocorrências	109

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Variedades socioculturais ou diastráticas	52
Gráfico 2: Dados de ocorrências divergentes em adultos/adolescentes – Florianópolis	112
Gráfico 3: Dados de ocorrências divergentes em adultos/adolescentes – São Paulo	115
Gráfico 4: Dados de ocorrências divergentes em adultos/adolescentes – São Luís	117
Gráfico 5: Dados de ocorrências divergentes em adultos/adolescentes – Belém	119
Gráfico 6: Dados de ocorrências divergentes em adultos/adolescentes – São Luís	121
Gráfico 7: incidência de ocorrências das formas escritas divergentes encontradas no <i>corpus</i> /adolescentes	133
Gráfico 8: incidência de ocorrências das formas escritas divergentes encontradas no <i>corpus</i> /adultos.	134

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	17
2 RELAÇÕES ENTRE FALA E ESCRITA.....	21
2.1 Oralidade, escrita e história.....	21
2.2 As práticas de oralidade e letramento .....	26
2.3 Letramento e Alfabetização.....	28
2.3.1 Concepções de letramento .....	29
2.3.2 Letramento não é alfabetização.....	33
2.3.3 As práticas de letramento e o objetivo do ensino de língua materna .....	34
2.3.4 O Letramento Digital .....	37
2.4 Ortografia .....	41
3. A COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL: PERSPECTIVAS TEÓRICAS.....	48
3.1 Sociolinguística: o estudo da relação Língua-Sociedade .....	48
3.2 Em busca de uma identidade modal da fala e da escrita .....	56
4. O CIBERESPAÇO COMO UM NOVO ESPAÇO DE COMUNICAÇÃO .....	65
4.1 A comunicação na era da tecnologia digital .....	65
4.2 Os gêneros textuais no/do Ciberespaço.....	67
4.3 Os chats e suas implicações na fala e na escrita.....	72
4.4 A escrita no Ciberespaço .....	74
4.4.1 Abreviação .....	82
4.4.2 Onomatopeia .....	89
5. O COMPORTAMENTO DA ESCRITA NO CIBERESPAÇO: divergências e convergências à norma padrão nas salas de bate papo .....	103
5.1 Contextualização do universo da pesquisa e coleta do <i>Corpus</i> .....	105
5.2 Análise dos dados .....	111
5.2.1 O papel dos fatores extralingüísticos .....	111

5.2.1.1	Análise dos dados coletados em Florianópolis .....	111
5.2.1.2	Análise dos dados coletados em São Paulo .....	114
5.2.1.3	Análise dos dados coletados em Brasília.....	116
5.2.1.4	Análise dos dados coletados em Belém .....	119
5.2.1.5	Análise dos dados coletados em São Luís .....	120
5.2.1.6	Considerações gerais acerca dos resultados obtidos.....	122
5.2.2	Caracterização das formas escritas divergentes .....	127
5.2.2.1	Análise da Frequência de Ocorrências Divergentes na Escrita dos Adolescentes .....	142
5.2.2.2	Análise da Frequência de Ocorrências Divergentes na Escrita dos Adultos.....	144
5.3	Categorias mais recorrentes: a análise dos processos .....	147
5.3.1.	Abreviação:.....	148
5.3.1.1	Eliminação de vogais e consoantes:.....	148
5.3.1.2.	Repetição de vogais e consoantes .....	154
5.3.1.3	Onomatopeias.....	156
5.3.1.4.	Eliminação de acento gráfico ou marcação alternativa do acento gráfico .....	157
5.3.1.5	. Substituição de consoantes e/ou vogais:.....	158
5.3.1.6	. Registro da oralidade:.....	160
5.3.1.7.	Rebus, símbolos, uso de maiúsculas e sinais de pontuação ....	162
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	165
	REFERÊNCIAS.....	169

## INTRODUÇÃO

A homogeneidade linguística em um país é ilusória e muitas diferenças de pronúncia, gramática e vocabulário são observáveis entre os seus habitantes. Essas diferenças, como as formas de falar, são variantes linguísticas e podem ser típicas de certa região, faixa etária, de um determinado nível social e escolar, por exemplo. Assim, existe variabilidade linguística regional e/ou social.

Se, por um lado, a fala tende à heterogeneidade, a escrita tende a ser mais homogênea e funciona como uma forma de neutralizar as diferenças encontradas na fala. A forma escrita, de acordo com Cagliari (1989), neutraliza as diferentes realizações de uma palavra oralmente, durante a leitura, de diferentes formas a depender da região, da faixa etária, da escolaridade de quem a lê.

Apesar de possuírem características bem próprias, a fala e a escrita constituem duas formas de comunicação entre os homens (no último caso, somente para as culturas não ágrafas). A depender do contexto social em que estão inseridas, essas duas práticas encontram-se em extremos opostos ou podem aproximar-se a ponto de observarmos características de uma presente na outra.

É nessa intersecção de fala e escrita que encontramos as salas de bate-papo. Em sua essência, são lugares virtuais nos quais pessoas de várias localidades, crenças, costumes se encontram para conversar. Diferentemente de um encontro entre amigos em uma praça, por exemplo, essa conversa, no ciberespaço, não ocorre sob a forma oral, mas sim sob a forma escrita (isso para os casos em que não se utiliza o microfone).

Então, as conversas em salas de bate-papo possuem a dinamicidade de uma conversa real, mas com a particularidade de se realizarem por meio da digitação, o que torna essa escrita também particular.

Espera-se que, em uma conversa de sala de bate-papo, à semelhança de uma conversa real, peculiaridades linguísticas da região de origem do internauta, de seu nível de formação ou de seu sexo possam emergir. No entanto, é preciso perguntar o quanto dessas peculiaridades realmente emerge nesse contexto comunicativo, visto que a realização da conversa se dá pela forma escrita. Apesar de apresentar especificidades nesse meio de comunicação, a forma escrita tenderia a se manter relativamente uniforme entre as diferentes regiões do país, classes sociais e sexo, pois assim é o sistema de escrita do português, bem como de qualquer outra língua, e base dessa atividade.

Diante dessas reflexões, esta pesquisa reflete sobre a escrita que está presente nas salas de bate-papo, visando evidenciar possíveis diferenças linguísticas regionais, devidas à faixa etária, ao nível de escolaridade e ao sexo do internauta. É possível identificar um perfil dialetológico nesse meio de comunicação? Apesar das salas de bate-papo constituírem um lugar virtual de atividade dialógica muito próxima da conversa oral, que revela particularidades linguísticas de seus atores, a hipótese do trabalho é de que a escrita usada nesse contexto (embora apresente características que lhe são muito próprias) traz certa uniformidade. Desse modo, os internautas, de diferentes partes do país, de diferentes idades e escolaridades, comunicar-se-iam perfeitamente. A nossa hipótese é, portanto, que essa comunicação só é possível justamente em função da uniformidade de escrita no ciberespaço.

Para testar a nossa hipótese foram catalogadas formas divergentes e convergentes à grafia do Português Brasileiro (focalizando processos como a acentuação, a abreviação, a onomatopeia, etc.) encontradas nas salas de bate-papo frequentadas por internautas de cinco regiões do país, representadas por suas capitais, adolescentes e adultos, com ou sem curso superior, de ambos os sexos. Com esse procedimento metodológico, será possível contrastar as características da escrita de internautas com perfis regionais e sociais definidos e avaliar as possíveis diferenças e semelhanças entre essas formas escritas.

Neste trabalho, buscaremos analisar as formas divergentes à norma padrão do Português Brasileiro no ambiente das salas de bate-papo adotando a noção de língua com base em Marcuschi (2008). O autor assume que a língua é um sistema simbólico (ela é sistemática e constitui-se de um conjunto de símbolos ordenados), contudo ela é tomada como uma atividade sociointerativa desenvolvida em contextos comunicativos historicamente situados. Assim, “a língua é vista como uma atividade, isto é uma prática sociointerativa de base cognitiva e histórica.” (MARCUSCHI, 2008, p. 61)

Partimos da consideração de que: a) marcas dialetais caracterizam falares de regiões diversas e falares diversos podem estar atrelados a diferenças de sexo, faixas etárias e graus de escolaridade; b) a língua se manifesta nas modalidades falada e escrita e a fala e a escrita possuem fortes relações entre si; c) o sistema de escrita do Português do Brasil (PB) é comum a todas as regiões brasileiras; e d) o internetês possui tanto aspectos da modalidade oral quanto da modalidade escrita.

Tendo em vista os pressupostos citados acima esta tese irá investigar se há semelhança da língua oral com a forma escrita usada nas salas de bate-papo. Desta forma buscou-se apresentar características que sejam particulares a internautas de regiões diferentes, a determinada faixa etária, graus de escolaridade e sexo, quais são as convergências e divergências na escrita de internautas, considerando-se essas variáveis extralinguísticas.

Para chegar a responder essa questão geral, organizamos essa tese em quatro seções. A primeira trata da relação fala e escrita, atentando-se para oralidade, letramento e letramento digital. Na segunda seção, discutimos a comunicação interpessoal sob perspectivas teóricas, destacando pressupostos da Sociolinguística e a busca de uma identidade modal da fala e da escrita. Na seção 3, enfocamos o espaço digital – o ciberespaço – como um novo espaço de comunicação, o chat como gênero (hiper-)textual, e as implicações do ciberespaço na fala e na escrita, com destaque maior para a

escrita. Na última seção, a quarta, apresentamos os dados da pesquisa para discutirmos o comportamento da escrita no ciberespaço, observando ocorrências de formas escritas de adolescentes e de adultos de cinco capitais brasileiras. Coletamos dados produzidos por meio de processos, como, por exemplo, uso de abreviação, onomatopeia, acento gráfico, marcas de oralidade, rebus, símbolos, letras maiúsculas, sinais de pontuação, entre outros.

## 2 RELAÇÕES ENTRE FALA E ESCRITA

Nesta seção, tratamos de dois aspectos importantes para esta tese, quais sejam: (i) oralidade e letramento e (ii) ortografia. Na primeira parte, focaremos a relação entre oralidade, escrita e história, a fim de destacar a língua na operacionalização da história, pela memória. Também focaremos a interação verbal por meio da fala, tópico em que a história encontra o seu lugar. Ainda, ressaltamos algumas diferenças entre letramento e alfabetização, focando, em princípio, em duas abordagens do letramento: modelo autônomo e modelo ideológico. Na segunda parte, discutimos questões da ortografia em uma visão da escrita como tentativa de representação da fala.

### 2.1 Oralidade, escrita e história

Segundo Benjamin (1994, p. 224), a verdadeira imagem do passado perpassa veloz. O passado só se deixar fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecida.

Esse é um conceito de história que se concebe enquanto algo que se mostra rapidamente, por isso o autor usa a metáfora do relâmpago. Ela é uma aparição inesperada e veloz que os olhos apreendem somente se estiverem fixos na direção do seu surgimento, ficando perceptível somente uma imagem passageira, ou seja, que foi e não é mais, um movimento dinâmico irreversível. Dessa forma, a história para Benjamin não é um fenômeno imutável, mas dinâmico. Um movimento novo a cada instante.

Diante das considerações, pergunta-se: qual é a relação entre a história e a língua? Língua e história estão intimamente relacionadas, uma vez que os homens que falam são os mesmos que produzem história. Pode-se dizer que a relação é de reciprocidade, pois língua e história se implicam mutuamente. Para pensar essa relação, seria fundamental recorrer ao conceito de memória, que se constitui enquanto representação coletiva da realidade, inserida em dois planos: o da *conservação* e o do *esquecimento*. É na memória

que as imagens são construídas e retidas, e é nela que essas mesmas imagens se revelam e se ocultam.

A construção e a representação da história só é possível diante da capacidade do homem de criar linguagem e, por conseguinte, poder construir um sistema linguístico, estruturado em códigos e regras de funcionamento que sejam compreensíveis e operacionalizáveis pelos seus construtores/ usuários.

Sendo assim, torna-se possível a interação verbal e social entre os sujeitos históricos, isto é, a ocorrência dos fatos históricos, sua construção e representação. É, portanto, a língua que operacionaliza a memória, condicionando a produção de imagens. A história, por sua vez, fornece as condições necessárias para a língua apropriar-se de significados e operacionalizá-los na própria história. E é assim que as imagens (representações) sobre a história e a língua vão surgindo e se ocultando, num jogo de memória e esquecimento.

Cabe saber, agora, a relação entre a história e as modalidades da língua: a fala e a escrita. Numa relação de primazia, pode-se afirmar que a fala é a “amiga mais velha” da história, o que não desmerece, de forma alguma, o valor da escrita na produção e na conservação da memória histórica. São outros os problemas que aí se manifestam (MARCUSCHI, 2007).

Antes de o homem passar a escrever, ele falou. Era só a fala. A fala constitui(u)-se num elemento fundamental no desenvolvimento da história. Ela é interativa, ou seja, sua natureza constitutiva fundamenta-se no diálogo. Não se pode pensar em fala numa perspectiva individualista, levando em consideração um único indivíduo desconectado do contexto social. Falar é interagir, é relacionar-se. Alguém poderia objetar argumentando que o monólogo é uma fala isolada, não social, e, portanto, haveria fala com um único indivíduo. Isso seria uma leitura apressada.

Como bem afirma Mikhail Bakhtin (1988, p.88):

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar (BAKHTIN, 1988, p. 88).

Se Adão é a origem da espécie humana, como professa a fé cristã, Bakhtin o apregoa como origem “da primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado” (BAKHTIN, 1988, p. 88), assim, sendo ele, inicialmente, o único de toda a humanidade, ausente da relação dialógica alheia de todo o discurso.

Com isso, *falar* pressupõe o eu e o outro, dois ou mais. Ao monologar, o indivíduo cria um outro “eu”, com quem ele interage. Tanto o “eu” como o “outro” encontram-se no mesmo indivíduo, mas não simultaneamente. Quando o “eu” fala, o “outro” desempenha a função de ouvinte, e vice-versa. Em outras palavras, o indivíduo desempenha uma dupla função: a de locutor e a de interlocutor.

O monólogo só se torna possível pela criação de um interlocutor, que é visto como uma entidade linguística que substitui a presença físico-social de um interlocutor concreto. Sem essa criação abstrata que se realiza no próprio locutor, não seria possível o monólogo. Portanto, falar sempre exige a presença do “eu” e do “outro”, mesmo que o outro seja projeção do próprio eu, como é o caso do monólogo. E mais, a fala é adquirida socialmente, isto é, no contato com outras pessoas. Logo, o falante, ao monologar, está expressando uma forma e um conteúdo social.

É na interação verbal – por meio da fala – que a história encontra seu lugar fértil para se realizar, pois a história é social por natureza. Mesmo

que se fale na história de um único indivíduo, ela não seria possível sem a atuação de outros sujeitos.

Uma das principais referências que se pode fazer da relação entre fala e história é a epopéia, a qual se constituiu em um gênero eminentemente oral, isto é, fundado sobre a base da língua em sua modalidade falada. O *Aedos* grego contava a história do seu povo de forma magistral e encantadora, por meio da comunicação oral. Para garantir o êxito da narrativa, eram empregados todos os recursos possíveis. As técnicas da rima e da métrica, analisadas posteriormente na *Arte Poética* de Aristóteles, devido à sua cadência e sonoridade, associadas ao contar com entonação adequada, fluência, voz firme e agradável, garantiam a apreensão da “imagem” da história mítica da *Héllade*, e sua reprodução. A memória era indispensável. Benjamin (1994, p. 210) diz que a “memória é a mais épica de todas as faculdades”, em virtude de sua relação com a história e com a língua em sua modalidade oral. Por isso, *Mnemosyne*, a deusa da reminiscência, era a musa da poesia épica.

Para Le Goff (1990 [1924], p.130-131) a criação da escrita traz grandes inovações: a história passa a ser registrada em documentos (entendidos como os diversos meios e/ou materiais de registros escritos históricos), podendo ser conservada por mais tempo e reproduzida de um meio para outro. Conservação e reprodução, eis aí as duas grandes novidades que vão trazer sérias implicações sociais.

A conservação escrita dos fatos históricos foi associada à ideia de objetividade histórica; enquanto a memória oral ficou associada à subjetividade e, portanto, à compreensão de falseamento da verdade, entendida sob a perspectiva da objetividade científica. Por isso, a escrita adquiriu um *status* de superioridade na história social e a narrativa oral ficou marginalizada.

Segundo Ramos (2010, p.14-16), durante a Idade Média, por exemplo, a escrita era restrita à elite. Assim, o conhecimento histórico chegava ao povo apenas por meio da oralidade. A fala era acessível a qualquer

indivíduo, logo ele podia ter acesso à cultura, à história, ao conhecimento de seu povo e ao mundo por meio da narrativa oral. Nesse sentido, enquanto a escrita era privilégio de poucos, a fala democratizava o conhecimento histórico.

O autor enfatiza que, no entanto, a possibilidade de reprodução de informações (maximizada pela invenção da imprensa) criou condições para uma progressiva expansão do acesso ao acervo cultural da humanidade e, sobretudo, para que um maior número de pessoas tivesse acesso ao texto escrito.

Le Goff (1990 [1924], p.145) adianta que, mais tarde, no século XVIII, com o advento da industrialização, uma das metas era possibilitar o acesso da massa trabalhadora a procedimentos e técnicas de escrita. No entanto, tal massa se restringiu ao automatismo e à repetição das atividades, para atender às demandas do desenvolvimento do mundo do trabalho, sem a necessária reflexão sobre a escrita – procedimentos e técnicas – e sem refletir quais seriam as implicações e consequências de se aprender a escrever.

Atualmente, uma das implicações na relação história, fala e escrita não se encontra no acesso à escrita ou na perda da memória oral, mas, sim no terreno ideológico. Segundo Bakhtin (1997, p. 96), “a língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida”. Em outras palavras, a grande questão centra-se no terreno do discurso, isto é, o que está sendo veiculado pela tradição escrita e pela oral, quem está falando este discurso, de onde e por quê.

Entender o que se fala (a partir dos temas de bate-papos), quem fala (jovens e adultos), e ainda o lugar de onde se fala (amigo(a), irmã(ao), desconhecido de quem fala, etc.) poderá possibilitar a compreensão da linguagem utilizada, considerando a relação que se estabelece entre língua e sociedade, e que não se resume a práticas tais como codificação/decodificação.

Também é necessário entender o como se fala e em que medida particularidades e semelhanças linguísticas refletem características do lugar social de quem fala. As práticas linguísticas observadas nas salas de bate-papo incluem, por exemplo, o uso recorrente de onomatopeias e abreviações; torna-se, assim, necessário levar em conta esses e outros aspectos. Discorreremos sobre o assunto na seção 4.

## **2.2 As práticas de oralidade e letramento**

Investigar a relação entre fala e escrita perpassa por dois conceitos a elas associados: a oralidade e o letramento. Muitas são as discussões realizadas sobre essas duas temáticas. No entanto, pode-se colocar como questão central a discussão abordada pelos dois modelos de compreensão da relação entre oralidade e letramento: o modelo autônomo e o modelo ideológico descritos por Heath (1993) e Street (1984).

O **modelo autônomo** de compreensão da relação entre oralidade e letramento é desenvolvido entre os anos 50 e 80 por sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais. Esse modelo baseia-se na superioridade da escrita em relação à fala. A modalidade escrita da língua representa uma instância nova e mais evoluída na forma de organização do pensamento e da cultura da humanidade. O modelo autônomo, portanto, baseia-se numa perspectiva culturalista.

Essa proposta entende a escrita como uma forma de ordenação simbólica do mundo independente da fala, e que se diferencia dela em sua estrutura, capacidade de percepção do mundo (cognição) e uso. Está evidente, portanto, uma visão dicotômica da relação entre letramento e oralidade.

Letramento nessa compreensão confunde-se com alfabetização, decodificação. A abordagem da realização é de caráter eminentemente linguístico, uma vez que é entendido como letrado o indivíduo que sabe operacionalizar os códigos da língua; isto é, apropriar-se deles de forma a codificar e decodificar os signos verbais, realizando a leitura do sistema como

um todo, executando uma leitura exclusivamente intralinguística, uma leitura de caráter imanente. A codificação/decodificação, comprovação da alfabetização, é a prática de letramento.

A oralidade, por sua vez, é concebida como a operacionalização do sistema fonológico e auditivo de modo a construir e compreender fonemas de uma dada língua. Há, aqui, também, o processo de codificação/decodificação, porém o nível é diferente do letramento. Este é exclusivamente visual, privilegiando a sensorialidade da visão, representado de forma gráfica, materializado pela escrita; enquanto que na oralidade o processo operacionaliza-se na materialidade do som, privilegiando o sistema fonador e o sistema auditivo, o processo de codificação/decodificação é exclusivamente acústico. A prática da oralidade é a realização da leitura de fonemas do ponto de vista da codificação/decodificação.

O **modelo ideológico** de compreensão da relação oralidade e letramento, por sua vez, vai além da compreensão do modelo autônomo: enquanto o modelo autônomo funda-se em uma abordagem estritamente imanente da língua – concebendo a oralidade e o letramento enquanto práticas eminentemente intralinguísticas – o modelo ideológico, pelo contrário, extrapola o âmbito estruturalista da língua, relacionando oralidade e letramento com a dimensão social.

Marcuschi (2001, p. 27) diz que, em contraposição com o modelo autônomo, Street (1984) propõe um “*modelo ideológico*”, que sugere a inserção dos estudos da relação fala e escrita no contexto das práticas de letramento e nas relações de poder que imperam em qualquer sociedade.

Street (1984) trabalha o conceito de ideologia como um lugar de tensão, onde se encontram de um lado autoridade e poder, e do outro, resistência e criatividade. O autor se distancia do conceito mais frequentemente abordado pelos estudiosos, o marxista, no qual ideologia é compreendida como mascaramento da realidade ou falsa consciência. Para

Street, o estado de tensão se manifesta na língua em suas modalidades oral e escrita.

A questão da relação entre oralidade e letramento sai do campo linguístico para ser discutida em um terreno mais amplo, o social. O que vai determinar a prática da oralidade e da escrita não é o processo de codificação/decodificação, e sim a leitura de mundo, a compreensão da ideologia materializada no texto escrito e oral.

Saber operacionalizar oralidade e letramento é compreender o lugar de tensão, o *locus* onde se realiza a ação sócio-política; é saber atuar através dessas duas práticas sociais no mundo de modo a transformá-lo por meio dos discursos e das ações sociais. Portanto, oralidade e letramento não são simples processos de caráter linguístico, mas, sim, atividades que se fundamentam na relação entre língua e sociedade.

Nesse sentido, pode-se dizer que as marcas linguísticas no espaço de salas de bate-papo, na rede de computadores, são manifestações que resultam da relação língua e sociedade. São manifestações sociais materializadas por práticas de linguagem subsidiadas pela realidade, pelas intervenções pessoais, políticas. Ao optar por um código, um sinal, um grafema, no momento de digitação no ambiente virtual da sala de papo, a ação inscreve marcas que veiculam sensações, estados, momentos, ou seja, sentidos.

### **2.3 Letramento e Alfabetização**

A seguir, apresentamos alguns pontos teóricos sobre letramento e alfabetização, conforme autores renomados na área. Tratamos das duas noções enfocando o ensino de língua materna e a modernização digital.

### *2.3.1 Concepções de letramento*

De acordo com Neves (2003, p. 59-88), a sociedade contemporânea está fundamentada no processo de simbolização do mundo por meio da representação escrita. Sendo assim, saber ler e escrever são capacidades imprescindíveis para sobreviver em um mundo capitalista. A partir deste entendimento de Neves (2003), podemos questionar, diante dessa realidade que força o homem a assimilar os processos de escrita e leitura, o que significa ser um cidadão letrado. É o mesmo que ser alfabetizado? Conhecer os signos representantes da realidade externa ao homem basta, ou é necessário saber utilizá-los em situações reais de comunicação?

Macedo (2000, p.84-99) enfatiza que existem várias abordagens de compreensão da concepção de letramento, a saber: abordagem acadêmica, utilitária, do desenvolvimento cognitivo, romântica e emancipadora.

Para o autor, a abordagem acadêmica baseia-se na idéia de uma classe exclusiva de pessoas que detém o poder das letras. Estas são tidas como as capazes de ler e interpretar os cânones literários. Essa é uma visão elitista da capacidade de letramento, segundo a qual somente alguns podem ser letrados, os demais não tem essa capacidade, e, portanto, devem desenvolver outras capacidades, como a do trabalho manual. Há, aqui, o pressuposto da divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual. Os trabalhadores manuais (operários) não são, não podem e nem devem ser letrados, ficando essa capacidade restrita aos segundos; estes vivenciam a realidade acadêmica, lendo, escrevendo, interpretando, analisando as letras e os números.

No que se refere à abordagem utilitária, Macedo (2000) afirma ainda que essa se fundamenta no uso da língua para atender necessidades da sociedade. Desta forma podemos inferir que, neste sentido, letrado não é aquele que assimila os códigos da escrita, mas aquele que, após assimilá-los, pode atuar com esses códigos para atender necessidades na sociedade em

que vive. Portanto, o indivíduo letrado é aquele que aprende o código escrito para comunicar-se por intermédio da escrita, e ainda saber ler e compreender o que está escrito é o *feedback* deste mecanismo. Um exemplo usado pelo autor é o de escrever uma carta à mãe que mora distante e depois compreender através da leitura a sua resposta por meio de uma carta-resposta. Outro exemplo de uma pessoa letrada, segundo o mesmo autor, seria o caso do sujeito que sabe ler um mapa para se localizar numa cidade que desconhece. Em suma, podemos então perceber que, nessa abordagem, ser letrado é ser um indivíduo que compreende o mundo em que vive através do código escrito da linguagem.

Já a abordagem do desenvolvimento cognitivo, segundo Mateus (2006), investiga o modo como os leitores constroem significados. O desenvolvimento da capacidade de leitura é entendido por essa abordagem como um processo puramente intelectual, cognitivo; pressupostos de ordem cultural não são investigados. Sendo assim, nesta abordagem, o processo de letramento não é uma prática sociocultural, mas uma elaboração mental do indivíduo. Desta forma, aprender a ler e escrever independe de fatores culturais, tais como o grupo social ao qual pertence o indivíduo, a interação social, dentre outros. Mateus (2006, p.56) enfatiza que basta apenas o indivíduo ter uma estrutura cognitiva que possibilite a realização da operação mental e desenvolverá, por etapas, a capacidade de letramento.

Observamos, nesta forma de compreender o processo de letramento, que o indivíduo é isolado do mundo que o cerca. Ele nasce, e a partir daí, pela capacidade inata que provém de sua estrutura cognitiva, ele desenvolverá esta habilidade, na qual a inquirição constituída por perguntas e respostas seria o disparador de um gatilho para que viessem à tona estruturas cognitivas inatas já presentes, enquanto propensões e potências ativas, as quais são propriedades geneticamente determinadas do ser humano. Tal pensamento é distinto do que esperamos com relação ao processo estudado

nesta tese, uma vez que acreditamos que exista uma (inter)relação entre os sujeitos dentro do ambiente virtual.

A quarta abordagem citada por Macedo (2000) é a romântica, que tem como fundamento básico a afetividade. O processo de letramento desenvolve-se numa atmosfera de carinho, amor, bondade. Basta ter esse clima de afetividade que o indivíduo conseguirá aprender a ler e escrever. Fatores cognitivos, sociais e culturais não são abordados. Desta forma, esta abordagem também não se configura como elemento que interage com os elementos desta pesquisa. Podemos afirmar que, independente do processo de afetividade, atmosfera de amor, carinho, bondade, o indivíduo que utiliza as salas de bate papo, se comunica de um modo igualmente eficiente.

Por fim, a abordagem do letramento segundo uma perspectiva emancipadora, de acordo com Freire (2007, p. 35-36), é aquela que encoraja a reflexão crítica dos leitores sobre a ordem social. Freire (2007, p 56) afirma que:

A estrutura capitalista da sociedade contemporânea condiciona a marginalização e exclusão dos indivíduos, produzida por uma avassaladora má distribuição de renda, o que leva ao processo de empobrecimento, mendicância, desemprego, falta de moradia etc. A abordagem emancipadora do letramento fundamenta-se na crítica a essa (des)ordem social.

Neste sentido, podemos afirmar que ser letrado não significa dominar os códigos escritos ou saber usá-los em necessidades cotidianas, mas saber usá-los para atuar como sujeito social e crítico na sociedade, compreendendo os processos político-sociais e agindo criticamente sobre eles como cidadão. Ser letrado nessa perspectiva é atuar politicamente como cidadão.

Marcuschi (2007, p.21) define letramento como:

um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas, ou seja, letramentos.

Ele adota, portanto, uma concepção de letramento emancipadora, como faz Freire (2002), uma vez que o autor relaciona o processo aos usos que dele podem ser feitos para atender a necessidades sociais.

Para Marcuschi (2007, p.25) o letramento é um processo de aprendizagem, isto é, é um processo que precisa ser assimilado/construído pelo sujeito.

Neste sentido, acreditamos que seja necessário um ambiente que forneça as condições necessárias a este processo de aprendizagem, em que a interação entre os sujeitos seja condição de possibilidades para a construção da prática de letramento.

Para Soares (2004), o ambiente é fator de estímulo à prática de letramento. O sujeito inserido em uma realidade que possibilite a interação da exterioridade com a sua subjetividade poderá assimilar e construir mecanismos de leitura e escrita no âmbito cognitivo e social, ou seja, assimilar os signos linguísticos e usá-los nos mais diversos contextos. A interação do sujeito com o ambiente social pode influenciar as informações de que ele dispõe – isto em termos de acesso – e influenciar no processo de letramento antes que este sujeito venha frequentar um ambiente formal de letramento.

Este fator é muito importante, uma vez que não é só a escola, enquanto uma instituição que formaliza a prática do letramento, que cria condições de assimilação e uso da escrita, mas muitos outros espaços, incluindo aí as salas de bate-papo. Ousa-se afirmar que, neste espaço, o indivíduo troque inúmeras informações, enriqueça seu vocabulário, estabeleça processos novos de elaboração formal da escrita que atendam a este espaço diferenciado de comunicação.

Marcuschi (2007) também destaca, como vimos, a natureza social e histórica do letramento. Não se pode desvincular esta prática do contexto sócio-histórico em que ela está inserida e no qual é operada. Segundo o autor:

A prática do letramento está presente nos mais diversos contextos sociais em que se usa a língua escrita e falada como processo de comunicação e interação social, como, por exemplo, na família, escola, trabalho, sindicato, faculdade etc. Cada um desses ambientes exige do falante uma capacidade de uso da língua falada e/ou escrita para comunicar-se com o outro num processo de compreensão e interação social. No ambiente familiar, o indivíduo precisa da capacidade de letramento para ler e escrever um bilhete ou recado, ler jornal e revista, fazer uma lista de compras etc.; são inúmeras as atividades em que o sujeito faz uso das práticas de letramento, e isso em virtude de essas práticas serem um processo social que não se desenvolve somente em ambientes sociais formais (tribunais, fóruns, academias, imprensa jornalística, emissoras etc.), mas também em ambientes informais (ler um recado preso na geladeira). (MARCUSCHI, 2007, p.29)

### *2.3.2 Letramento não é alfabetização*

A alfabetização é um processo de aquisição da escrita que ficou atrelado ideologicamente à escola, condicionando o pensamento social à ideia de que não há alfabetização fora do âmbito escolar. Quando o indivíduo pensa em aprender a ler e a escrever, associado a essa ideia vem a representação espacial da sala de aula e a figura do professor.

No entanto, podemos recorrer ao pensamento de Jung (2007, p. 78-79) quando afirma que a prática de alfabetização como processo restrito e ambientado na escola não é uma verdade histórica e social, uma vez que ela pode ser desenvolvida em outros espaços sociais e com outros atores sociais, como, por exemplo, na família, em que o filho torna-se o alfabetizando e a mãe ou pai o alfabetizador. Segundo a autora, essa prática, por exemplo, ocorreu na Suécia, onde no final do século XVIII, 100% da sua população foi alfabetizada no ambiente familiar, motivada por fatores de ordem religiosa e questões relacionadas à cidadania.

Ainda segundo Jung (2007, p. 80):

como a alfabetização, a partir do século XX, passa a ser realizada exclusivamente pela escola, essa concepção de ser letrado está diretamente relacionada com o nível de escolaridade do indivíduo.

Assim, em conformidade com o pensamento da autora, a construção do ambiente formal de educação, no caso a escola, condiciona o pensamento à ideia de que letrado e alfabetizado é a mesma coisa. E que o letramento, bem como a alfabetização, só se dá por meio da escola. Nessa concepção, letrado, portanto, é aquele que aprende o código linguístico em um espaço formal destinado a esse fim. Neste sentido, quanto mais escolarizado é o indivíduo, mais letrado também o será.

Para Soares (2004, p. 89), atualmente, para além da aprendizagem das habilidades básicas de leitura e de escrita, o letramento envolve o desenvolvimento, por todo e qualquer indivíduo, de “habilidades, conhecimentos e atitudes necessárias ao uso efetivo e competente da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita.”

O processo de letramento, desse modo, pode alcançar níveis de situações cotidianas (planejar o que comprar nas férias, fazendo o orçamento, operando a relação custo-benefício) até situações que exijam níveis mais especializados da fala e da escrita (produção de um livro, apresentação de um projeto em uma empresa). Por conseguinte, a prática de letramento não está associada à alfabetização; sendo ou não alfabetizado, o sujeito pode ser letrado. É por esse motivo que Marcushi (2007, p. 25) diz que “letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz uso formal da escrita”.

### *2.3.3 As práticas de letramento e o objetivo do ensino de língua materna*

A escola, enquanto instituição social que visa desenvolver habilidades e capacidades no aluno durante o processo de ensino-aprendizagem, tem como principais objetivos saber o que se deve ensinar e como ensinar. A primeira questão detém-se no âmbito dos conteúdos, enquanto que a segunda, no âmbito da metodologia.

Os conteúdos devem ser ensinados numa perspectiva contextualizada e significativa, isto é, devem ser selecionados de forma que

não fiquem isolados da realidade do aluno, devem ter relevância e poder contribuir para desenvolver as capacidades especificadas. Neste sentido, devem-se evitar os reducionismos, o que significa dizer que os conteúdos devem ser ensinados, mas não devem ser o foco do processo de ensino-aprendizagem.

A metodologia consiste na forma como devem ser transmitidos os conteúdos de modo a serem assimilados ou construídos com eficácia. Método é o caminho para se chegar a um fim determinado, portanto, o método pode ser múltiplo, desde que alcance o seu objetivo.

Neste contexto institucional escolar, em que se faz necessário pensar o ensino da língua materna, levando em consideração conteúdos e metodologia, é necessário que se pergunte: qual deve ser o objetivo do ensino da língua? Conteúdos e metodologias devem estar subordinados ao objetivo definido para se atingir quando se ensina uma língua ao aluno.

Ao pensar nestes objetivos, o professor tem que estar ciente das novas modalidades e formas de relação do aluno com a linguagem, isto é, deve-se pensar também na linguagem virtual, no ciberespaço, no internetês. Neste contexto, as práticas de letramentos devem permear todo o processo de desenvolvimento da capacidade de uso da leitura e escrita que envolve os domínios tradicionais da língua e os novos domínios derivados do advento da informática.

Segundo Bagno (2002, p. 52), deve-se propor, então, um ensino de língua que tenha o objetivo de direcionar o aluno a adquirir um *grau de letramento* cada vez mais elevado, isto é, desenvolver nele um conjunto de habilidades e comportamentos de leitura e escrita que lhe permitam o maior e mais eficiente uso possível das capacidades técnicas de ler e escrever.

O ensino de língua na contemporaneidade não pode mais se respaldar somente no ensino de gramática, pois este paradigma já foi rompido com o desenvolvimento dos estudos pragmáticos da língua. O paradigma atual

é a língua em uso, ou seja, a análise linguística deve focar seus estudos na língua em funcionamento, considerando a apropriação que o falante faz do sistema linguístico e da forma como ele utiliza esse sistema na sua interação social em contextos reais de comunicação.

O conceito de letramento como prática de uso da leitura e escrita se justifica na nova forma de se pensar o ensino da língua, que visa ao uso social da linguagem em situação real de comunicação. Sendo, desta forma, a concepção adotada para as análises neste trabalho: O que se quer afirmar é o fato de a linguagem se realizar em qualquer espaço e suporte, embora, o contexto, o espaço, o suporte sejam importantes para o funcionamento linguístico.

Uma situação que exija um grau maior de formalidade, mais tensa, requer uma prática de letramento para esse ambiente social. Em contrapartida, o contexto menos formal e menos tenso já exigirá outra prática de letramento. O importante é desenvolver as capacidades e habilidades de leitura e escrita para uso em diferentes contextos sócio-comunicativos.

Os conteúdos devem estar subordinados aos objetivos do ensino que tem como base o desenvolvimento das capacidades e habilidades de ler e escrever, isto é, as práticas de letramento em contextos reais. Por isso, não se admite que as seleções dos conteúdos levem apenas em consideração as teorias gramaticais tradicionais que apregoavam que o ensino da língua devia se basear nos conteúdos das gramáticas normativas. Com isso, não se está afirmando que o ensino da gramática normativa é inútil, mas que precisa ser revisado de forma que se articule com as situações comunicativas reais.

Os conteúdos devem ser pensados também em uma perspectiva pragmática, isto é, devem ser selecionados tendo como critério contextos diversificados de uso da língua, fato que descarta o conteúdo de ensino da língua na perspectiva formal como o único meio válido e que, portanto, deve ser ensinado nas escolas.

Conteúdos de situações informais de comunicação social devem também ser aproveitados pela escola, uma vez que o letramento não é delimitado exclusivamente em ambientes formais, mas está presente nos informais. Por isso, devem-se utilizar/abordar conteúdos como linguagem coloquial, diferenças dialetais, gírias, lexis regionais. Nesse contexto, os chats são veículos de comunicação possíveis e válidos de trabalhar em sala de aula para explorar questões linguísticas que envolvem práticas de escrita dos alunos. O ambiente escolar precisa valorizar e trazer para efeito de benefícios na aprendizagem a realidade do aluno moderno. Sabemos que mesmo aqueles que não tem acesso a um computador em casa, podem encontrar na escola espaços para a utilização dessa mídia.

No que tange à metodologia aplicada ao ensino de língua que visa ao desenvolvimento de práticas de letramentos, ela tem que viabilizar o processo de uso da língua em contextos reais de produção. Neste sentido, a interação social em sala de aula entre docente e discente adquire uma importância fundamental, pois permite que o aluno utilize a fala e a escrita para dialogar e expressar sua opinião e construir, na discussão, sua concepção de mundo e sua postura sociopolítica em relação à realidade. Portanto, a metodologia deve pautar-se no uso efetivo da língua em práticas de letramento que possibilitem o desenvolvimento de comportamentos sociolinguísticos diversificados para contextos diferentes.

#### *2.3.4 O Letramento Digital*

Do que foi exposto nas seções anteriores, ressalta-se que é adotada neste estudo a concepção de letramento enquanto prática social de uso da leitura e da escrita. Acrescenta-se a essa visão a ideia de que no ambiente virtual é construída uma nova forma de uso da língua. Tendo esses dois pontos em vista, chega-se à necessidade de pensar a relação entre práticas de letramento e a leitura, assim como o uso da escrita em ambiente virtual.

As práticas de letramento devem levar em consideração as novas formas de interação com a língua e os novos espaços em que ela opera. Com o desenvolvimento da tecnologia informatizada, a linguagem sofreu várias modificações em sua forma, conteúdo, veículo e uso. Um novo espaço formou-se, definido em um plano imaterial, que denominamos neste estudo “ciberespaço”. O ciberespaço é um novo lugar no qual a língua é utilizada para a comunicação, de forma dinâmica, ultrapassando barreiras físicas, distâncias geográficas e temporais.

Nesse novo contexto de comunicação, o internauta busca reproduzir a velocidade da conversação fazendo uso de diversos recursos linguísticos, caracterizados por uma forma mais dinâmica, abreviada dos itens lexicais, por diferentes construções, apropriando-se de siglas, onomatopeias, abreviaturas etc... no corpo do texto.

Bagno (2002, p. 55-56) reporta-se a este fenômeno diferenciado de comunicação ao afirmar que a tela do computador se tornou em novo portador de textos (e de hipertextos), suscitando novos gêneros, novos comportamentos sociais referentes às práticas de uso da língua oral e escrita.

Desta forma, podemos afirmar que o uso do computador possibilitou ao homem novas formas de se comunicar e romper barreiras espaciais, um mundo que não é concreto no sentido de ser sensível, palpável, mas o é, por ser a concretização da comunicação.

Embora o ciberespaço se constitua a partir de uma estrutura virtual, isso não significa dizer que o ambiente onde se processa a linguagem entre os internautas, neste caso, falantes nativos de sua língua materna e até de uma segunda língua, seja uma ilusão. A virtualidade, longe de ser uma ilusão, é real: é um mundo “desmaterializado”, no sentido de que não existe um território concreto, geográfico, palpável em que as informações são veiculadas.

É neste espaço virtual que o processo de interação linguística vai ocorrer, e onde os falantes e a linguagem transformam-se em entes virtuais.

Intenta-se através desta exposição a respeito deste espaço esclarecer que, embora o ambiente seja diferenciado, o processo de comunicação entre os falantes usuários das salas de bate papo concretiza-se, e isso é real.

Podemos até afirmar que alguns usuários destas salas de bate-papo podem projetar avatares que representem quem eles gostariam de ser. Trata-se de uma forma diferente de se apresentar a amigos de grupos distintos e ser aceito a partir de qualidades e comportamentos que não possuem. Esse fenômeno é interessante e fundamental para compreender as interações no ciberespaço. Determinado falante pode conversar com outro em uma sala de bate papo, ambos possuem um nome, características, nacionalidade, preferências, que os identificam, porém nada comprova a veracidade desses falantes no mundo real; eles podem não existir empiricamente, sendo uma criação virtual de um indivíduo real. Todavia ressaltamos que este espaço é comumente usado também por pessoas que se conhecem, e este meio de comunicação pode se configurar somente em mais uma forma de manter contato independentemente de espaço físico.

O texto que é produzido em um ambiente virtual dentro das salas de bate-papo é a projeção da fala. Por ser um espaço descontraído e que oportuniza de alguma forma a troca de informação com a interação de ambos os falantes, diferentemente de um e-mail, um texto escrito é produzido por alguém que escreve e recebido por outra pessoa quase que imediatamente. Esta forma de comunicação se dá em tempo real, situação que se configura como se sujeitos de produção escrita estivessem sentados lado a lado ao amigo, batendo papo. Nessa prática virtual, eles não usam o som da fala, mas o representam no texto escrito. Sendo assim, a “fala virtual” utilizada nas conversações constitui-se em um texto misto que possui características da fala e da escrita. Esse é um fenômeno distinto na história: um texto que mescla fala e escrita simultaneamente.

A “fala virtual” se materializa em um texto escrito, porque se organiza estruturalmente na forma escrita, utilizando-se do código alfabético

escrito e suas regras de combinação para formar sequências de signos, que darão origem aos enunciados, textos e discursos. E é um texto falado porque se utiliza da estrutura da fala, uma vez que se representam as palavras da forma coloquial, utilizando-se de gírias, onomatopeias; porque é marcado pela espontaneidade, pela sincronia.

Neste sentido, a “fala virtual” não pode ser definida como a modalidade escrita da língua, porque possui características da fala, porém não pode ser definida como modalidade da fala, porque possui características da escrita; estamos diante de uma nova forma de pensar as modalidades da língua como atuantes na criação de um novo gênero, de natureza virtual (LIMA; SANTIAGO, 2009, p.950)

As práticas de letramento não devem deixar de lado o mundo tecnológico e digital; antes devem participar ativamente desse novo espaço de interação que se ambienta no ciberespaço. Os conteúdos e metodologias devem ser elaborados tendo em vista a linguagem virtual. O hipertexto, os links, as *homepages*, as hiperlinks podem ser materiais e objetos de estudo para viabilizar um ensino de língua que atenda às transformações sociais e tecnológicas.

Os indivíduos devem desenvolver práticas de letramento que visem ao uso do internetês nos mais diferentes microespaços virtuais, tais como Orkut, Facebook, MSN, Skype, e-mail, bate-papos, *sites*, programas e ferramentas, etc. O desenvolvimento das capacidades e habilidades de uso da língua no meio virtual é atualmente uma necessidade social; portanto, faz-se necessário que, durante o processo de ensino-aprendizagem, ensinem-se práticas de letramentos que visem à construção de comportamentos linguísticos que atendam ao contexto virtual, como, por exemplo, saber utilizar um *site* para preencher um currículo padrão de uma empresa e pleitear a uma vaga nesse estabelecimento empresarial.

## 2.4 Ortografia

Segundo Dubois et al (2004, p. 445-446):

O conceito de ortografia implica o reconhecimento de uma norma escrita com relação à qual se julga a adequação das normas que realizam os indivíduos que escrevem uma língua; a ortografia supõe que se distinguem formas corretas e formas incorretas numa língua escrita, contrariamente à grafia, que não implica a referência a uma norma gramatical. Em princípio, na escrita de referência fonológica tenta-se representar a língua oral. Se esta última fosse representada fielmente por uma sequência unívoca de signos alfabéticos, não haveria senão problema de grafia, de transcrição, e não problemas de ortografia.

Desta forma, poderíamos afirmar que a ortografia consiste no sistema correto de escrever as palavras de uma língua definida a partir de um conjunto de regras que estabelecem o uso adequado de letras e outros símbolos escritos. Porém, como bem retratado pela citação acima, “na escrita de referência fonológica tenta-se representar a língua oral”; acreditamos que seja esta a abordagem mais relevante para as discussões que motivam este estudo: o “embate” entre as normas ortográficas e uma visão da escrita como tentativa de representação da fala.

A base da ortografia está composta por uma série de convenções estabelecidas de antemão por uma comunidade linguística com o objetivo de manter e "respeitar" através do tempo a unidade da língua escrita.

A razão pela qual a ortografia resulta do estabelecimento de convenções está alicerçada no fato de que não há sempre uma correspondência unívoca entre o som e a grafia de um termo. Por outro lado, parte-se da ideia de que desde sempre existiu uma quantidade importante de línguas no mundo inteiro e que os critérios utilizados para fixar estas convenções não são os mesmos para cada língua; ou seja, cada uma observará suas próprias convenções.

Em línguas, como o caso do Inglês, em que não há autoridade máxima para mudar as regras (embora dicionários como o Oxford tenham

grande influência sobre o uso geral), a ortografia reflete um critério etimológico, de modo que a pronúncia fica cada vez mais separada da representação gráfica.

Segundo Cagliari (1999), o objetivo em se estabelecer a ortografia das línguas é neutralizar as variantes linguísticas e evitar que cada sujeito escreva da forma que fala e vice-versa. O autor afirma que, ao universalizar e padronizar o conhecimento da escrita, a ortografia evita o preconceito linguístico e abre “caminho para a leitura em qualquer variedade dialetal” (CAGLIARI, 1994, p. 558).

Para Cagliari (1999), embora a ortografia surja para amenizar os problemas da “variação linguística” entre os usuários da escrita de diversas regiões, a nossa sociedade tem a crença de que a ortografia das palavras refletirá na sua pronúncia correta.

Com a ortografia, a presença das variantes da fala na escrita foi reduzida e as relações entre letras e sons passaram a ser definidas pela ortografia, e não pelo princípio alfabético ou acrofônico<sup>1</sup>.

O surgimento de novas tecnologias, especialmente a Internet, tem afetado todas as áreas da vida. A web está neste hiato entre o presente e o futuro, um espaço rico em assuntos e recursos, sendo que tal fato não pode ser desprezado em qualquer estudo que seja.

Ao tomarmos uma amostra de anúncios, notas, intervenções em fóruns, etc., onde se pode analisar a linguagem espontânea usada na internet, observam-se desvios ortográficos unidos a abreviaturas da linguagem,

---

<sup>1</sup> Acrofonia – princípio de transcrição segundo o qual a constituição de uma escrita silábica ( que nota a sílaba por um único sinal gráfico) foi feita a partir da escrita ideográfica (na qual o sinal gráfico representa uma palavra), atribuindo-se ao ideograma o valor fônico da primeira sílaba da palavra por ele representada (DUBOIS *et al*, 2004, p. 18).

ausência de concordância e, por vezes, supressão de sinais de pontuação. Estes exemplos fazem com que muitos textos sejam verdadeiros exercícios de interpretação da língua.

No conceito de Castilho (2000, p.42):

língua é um sistema de representação constituído por palavras e por regras que as combinam, permitindo que expressemos uma idéia, uma emoção, uma ordem, um apelo, enfim, um enunciado de sentido completo que estabelece comunicação.

Portanto, baseado nas ideias de Castilho (2000), a língua, pelo que ela representa, é o objeto principal deste estudo. Não pela discussão em torno da possível emergência de uma nova língua, que venha a existir a partir do uso do ciberespaço como ambiente de comunicação. Como já afirmamos anteriormente, essa é uma questão complexa, que não abordaremos diretamente. A língua é o objeto primeiro deste estudo, fundamentalmente, por aquela que acreditamos ser sua função primordial e razão de sua existência – permitir a interação e, por meio dela, a comunicação.

A escrita impulsionou mudanças na época da sua criação que permanecem até os dias atuais. Hoje, grandes avanços em várias esferas da sociedade se dão principalmente devido às tecnologias de informação e comunicação.

A era da tecnologia digital implica em novas formas de agir na sociedade, as relações se ampliaram; no passado, as interações eram basicamente face a face, no presente, a interação ocorre também através do computador. A conexão simultânea dos atores de comunicação a uma rede traz uma relação nova que implica em novas formas de ler, escrever, pensar e aprender.

As mensagens eletrônicas instantâneas têm sido de grande importância para a comunicação humana. Este instrumento surge na tentativa de produzir uma conversação "face a face" com a outra pessoa; no entanto,

mesmo com ajuda de teclado e outros elementos como a *web cam*, tal desejo constitui-se difícil de realizar.

Relacionando essas questões ao nosso estudo, as mensagens instantâneas representam um complicador para um ensino pautado na gramática normativa e na norma ortográfica. A simplificação da palavra escrita, a adição de ícones, os novos sentidos dados às palavras, todas essas características acabaram por fazer parte das "distorções" das manifestações linguísticas presentes nesse tipo de mensagem.

As redes sociais também se tornaram cúmplices neste fenômeno, pois os usuários querem sentir confiança, falar coloquialmente, sem um atrelamento à norma padrão. O uso destas ferramentas é tão grande que as expressões são deixadas à vontade dos usuários, incluindo na escrita o seu modo de falar. Eles intencionalmente escrevem com "k" ou "z" para se destacar dos outros e fazer da escrita algo pessoal e divertido ou até mesmo fazer uso da representação fônica com finalidade de imputar brevidade à comunicação, à semelhança da fala, pela economia de letras, sem no entanto abrir mão do som.

Hoje, se torna cada vez mais comum o diálogo virtual; a comunicação mediada por computador "virou mania" entre a população que tem acesso à Internet, pois é um meio muito eficaz, rápido, com um menor custo que um telefonema, por exemplo, e, também, agradável de se comunicar. Esses meios são adotados especialmente pelos jovens e adolescentes, por conta do grande grau de interatividade. A conversa em tempo real com qualquer pessoa em qualquer parte do mundo tornou-se um novo mundo de possibilidades e acesso a outros olhares da vida. Segundo Amaral (2003, p. 41):

A linguagem adotada no mundo virtual requer habilidades de escrita rápida para esta geração net, o que cria uma solução intermediária [entre fala e escrita] de comunicação, provocando muita preocupação aos estudiosos da linguagem.

A forma de escrita no ciberespaço é um modo bastante irreverente, pouco formal, sendo muito mais próxima à usada na forma oral com uma forte semelhança com as conversas telefônicas ou com as interações verbais diretas.

O chat torna-se, então, veículo de expressões subjetivas. A respeito disso, Othero (2002) nos afirma que:

Por ter um alto caráter de interatividade, as salas de bate-papo (os chamados chat rooms ou somente chats) logo se tornaram uma verdadeira mania na Internet. Através desses chats, é que se tornou possível 'conversar', em tempo real, com uma pessoa em qualquer parte do planeta através do computador. Um meio de comunicação no qual o discurso empregado revela um processo de subjetivação (OTHERO, 2002, p. 53)

A grafia utilizada nas salas de bate papo tem aparência mais econômica e chamativa; uma maneira mais moderna e heterogênea de refletir a visão de mundo do escritor (ou *teclante*) em suas expressões coloquiais. Contudo, para outros, uma realização repugnante e violadora da norma culta.

Embora haja divergências contundentes acerca do uso ou não da linguagem das salas de bate papo, devemos perceber que esta é uma ferramenta capaz de adaptar-se a ambientes diferentes de comunicação. Ou seja, as vantagens da prática linguística no espaço virtual são a independência de distintos dispositivos (Skype, Orkut, Facebook, Quepassa, Badoo, Skoob), o rápido fluxo de comunicação e a circulação de informações.

As salas de bate-papo constituem oportunidades para o usuário mesclar marcas da oralidade na escrita. O ambiente de comunicação sincrônica é como uma teia em que o locutor está interagindo com vários interlocutores como no encontro face a face.

A escrita virtual e a escrita informal não podem ser vistas de forma separada, como se ambas existissem em contextos totalmente isolados. Assim como a fala está atrelada geralmente a escrita no que tange a sua

representação, os diferentes recursos utilizados para escrita se articulam e (inter)relacionam.

Na internet, embora o texto seja escrito, traduz uma linguagem da oralidade, que na atualidade, tem um papel no ensino de língua. Este fato pode ser identificado no texto integral dos Parâmetros Curriculares Nacionais quando afirmam que:

a questão não é falar certo ou errado e sim saber que forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa (BRASIL, 1997, p.27).

Portanto, aprimorar essa capacidade é uma forma de ampliar o relacionamento com o mundo, e a língua portuguesa, falada ou escrita, é sempre um elemento fundamental deste intercâmbio de experiências.

Assim, fala e escrita não constituem efetivamente espelhos uma da outra e a relação entre elas está longe de ser unívoca e transparente. A depender da prática social em que a atividade de escrita está inserida, pode estar bem próxima da língua falada, como acontece com os bilhetes escritos entre amigos ou ainda com as mensagens trocadas nas salas de bate-papo. Por outro lado, uma conversa formal entre duas pessoas importantes socialmente pode apresentar um formalismo exacerbado que só se encontra em textos escritos no padrão formal.

Mas a diferença que existe entre a língua escrita e a língua falada pode ser compreendida se se considerar, entre outros aspectos, a principal função da ortografia, que, de acordo com Cagliari (1998), é neutralizar a variação linguística no nível da pronúncia. Além disso, não se pode esquecer que, sendo um bem público, a escrita é objeto de controle social; já a fala, como um bem particular, está mais suscetível a sofrer mudanças por aqueles que dela se utilizam (TERRA, 1997).

Considerando que todas as línguas apresentam variações dialetais, escrever a mesma palavra de diferentes formas, visando construir uma perfeita sincronia com a fala, tornaria a modalidade escrita bastante complexa, o que poderia dificultar o processamento dos textos escritos e, conseqüentemente, o próprio processo de comunicação. Assim, cabe à ortografia neutralizar todas essas variações dialetais no nível da pronúncia da palavra e apresentar uma única forma de escrita, que deverá ser lida pelo leitor de acordo com o seu dialeto (CAGLIARI, 1998; MATEUS, 2006). De acordo com Cagliari (1998), é impraticável achar que existe uma ortografia fonética. A variação linguística é neutralizada pela ortografia, que esconde a real pronúncia da palavra.

Não podemos ignorar, contudo, que dados de aquisição da escrita mostram perfeitamente uma forte influência da fala. Em fases iniciais de aquisição da escrita, a criança, por ainda desconhecer as regras ortográficas, escreve orientada pela forma como ela fala. Assim, temos, nessa fase do processo, formas escritas que constituem verdadeiras transcrições fonéticas como, por exemplo, *eraumaveiz*, *dirrepente*, *caza*. (MATEUS, 2006). No entanto, o processo de letramento levará o aprendiz a rever essas formas, e substituí-las por aquelas autorizadas pela norma ortográfica.

Assim, em síntese, pode-se afirmar que a escrita não tem um compromisso de registrar tudo o que é dito pelo falante. Ela não tem, pois, um objetivo fonético. Caberá a ela registrar aquelas realizações que são de fato distintivas para a língua. Realizações orais que não contribuem para a efetiva organização do sistema fonológico não são contempladas.

### **3. A COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL: PERSPECTIVAS TEÓRICAS**

A principal forma de comunicação entre os homens se dá pela língua que se materializa via fala. Além da comunicação oral, algumas sociedades contam com outra forma de comunicação: a escrita, produto da evolução cultural (MARCUSCHI, 1997).

O que se pode afirmar, portanto, é que a comunicação humana pode ocorrer de duas formas: pela modalidade falada ou pela modalidade escrita. A depender do uso de cada uma delas, ambas podem apresentar características e usos que as colocam em extremos opostos ou em uma relação em que se confunde fala e escrita.

Tendo em vista que fala e escrita estão estreitamente relacionadas ao uso na prática social, faz-se necessário empreender uma discussão sobre a Sociolinguística, área da Linguística que tem por foco as relações entre língua e sociedade.

#### **3.1 Sociolinguística: o estudo da relação Língua-Sociedade**

A primeira consideração a ser feita é que o uso do termo “Sociolinguística” é, de certo modo, redundante, uma vez que, no entendimento dos sociolinguistas, não existe língua dissociada de sociedade. Quando se emprega o termo Linguística já se está falando de uma língua que se relaciona inerentemente à sociedade. Foi mantido o termo Sociolinguística, em virtude do seu uso corrente por parte dos teóricos, mas sob a ressalva de que sendo a língua um fenômeno social, a Linguística e a Sociolinguística devem ser consideradas como termos sinônimos de uma mesma ciência que estuda a língua sem desconectá-la da sociedade (LABOV, 2008).

Prete (2003, p. 12) afirma que:

entendida como manifestação da vida em sociedade, o estudo da língua pode ligar-se à sociologia, abrindo-se, a partir daí, campos novos de pesquisa, em especial o da sociolinguística.

Para o estabelecimento da Sociolinguística, enquanto disciplina, foi necessária a sua articulação com a Sociologia. Antoine Meillet foi o precursor dessa concepção, articulando as ideias linguísticas com as teorias do sociólogo Émile Durkheim, introduzindo, por conseguinte, o conceito de língua enquanto fato social. Portanto, é essa abertura que a Linguística faz para possibilitar uma relação interdisciplinar com as ciências sociais (sociologia, antropologia, etnologia, etc.) que condiciona o surgimento de uma nova concepção de língua, entendida por um prisma social.

Neste contexto de rompimento do núcleo duro (estrutural) da língua, entendida por muitos teóricos enquanto estrutura imanente, o movimento de saída em direção à exterioridade linguística, por meio de uma abertura interdisciplinar, é que surge a sociolinguística enquanto uma epistemologia que relaciona língua e sociedade (ROBINS, 1981, p.38-40).

De acordo com Lucchesi (2004, p. 50):

Essa contradição entre plano social da língua e o plano do indivíduo falante (abstraido de suas relações sociais) se perpetuará ao longo do desenvolvimento do estruturalismo linguístico, constituindo um dos pontos cruciais a ser atacado pela ruptura epistemológica implementada pelo modelo teórico da sociolinguística variacionista, na década de 1960. Segundo esse modelo teórico, longe de aceitar passivamente a estrutura da língua, o indivíduo atua sobre essa estrutura, consoante à maneira como está inserido no contexto social.

Assim, pautada no princípio de que a língua não pode ser dissociada da sua dimensão social, uma vez que ela é usada por indivíduos que não vivem isolados no mundo, mas sim mantêm uma relação de interdependência social entre si, a Sociolinguística Variacionista promove uma ruptura com a corrente estruturalista saussuriana.

Não se objetiva negar a relevância do modelo teórico de Saussure, que compreende a língua enquanto sistema. A língua é, de fato, um sistema em que os componentes estão inter-relacionados numa relação de solidariedade linguística. Todavia a língua não se isola na sua estrutura interna

ou intralinguística, ela transfere-se para a estrutura extralinguística, isto é, a dimensão social.

Deve-se pensar, segundo Lucchesi (2004), em uma relação dialética entre língua e sociedade. Alguns podem pensar que a língua sofre uma ação passiva na sua relação com a sociedade, entretanto isso seria um engano. Existe entre ambas uma relação dialética, isto é, elas se implicam mutuamente. A língua sofre ação da sociedade, em virtude de mudanças na conjuntura histórico-político-cultural, mas, também, age sobre ela como instrumento ativo de transformação. O processo é um movimento em que língua e sociedade se constroem mutuamente numa dialética constante.

Segundo Mollica (2004, p. 9), a Sociolinguística é:

uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

A Sociolinguística relaciona os aspectos linguísticos aos aspectos sociais para compreender quais são as implicações nessa relação. Neste tipo de abordagem, o dinamismo social é visto como fator condicionante das variações e transformações na estrutura da língua. A língua deve ser estudada nessa perspectiva não como um objeto “em si e por si”, todavia como resultado da interação entre língua e sociedade; logo as variações e transformações que ocorrem no sistema linguístico têm condicionantes de caráter linguístico e social.

O objeto de investigação da Sociolinguística não é a língua enquanto entidade ou instituição abstrata que existe só ao nível do pensamento, mas a língua enquanto realidade concreta, usada nos seio das comunidades de fala. Então, o que deve ser observado, estudado e descrito é a língua em sua realização empírica pelos usuários concretos que a operam em suas ações sociais; em outras palavras, é a fala – a *parole* nas palavras de Saussure (1970

[1916]) –, suas variações e transformações que são objeto de estudo da Sociolinguística, quer sejam em nível diatópico (ou geográfico), diastrático (ou social), diafásico (ou situacional), diacrônico (ou histórico).

Como afirma Mollica (2004, p.10), a Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente.

Essa área focaliza, portanto, os seus estudos na variação linguística, pois entende a língua como sistema heterogêneo. Apesar de não existir uma correlação direta entre extensão territorial e diversidade linguística, há que se considerar relevante o fato de o Brasil possuir grande extensão territorial, com área de 8.500.000 km<sup>2</sup>. Em função disso, há que se evidenciar a possibilidade da existência de aspectos associados à variação e à heterogeneidade linguísticas. Em cada região as transformações linguísticas se sucederam de uma forma, tomando configurações diferentes e formando variações de natureza geográfica, histórica e social. Constituem-se, portanto, objeto de investigação sociolinguística.

Segundo Tarallo (2005, p. 6), a Sociolinguística constitui-se “de um modelo teórico-metodológico que assume o suposto ‘caos’ linguístico como objeto de estudo”. Tarallo está denominando de “caos” linguístico o fenômeno de heterogeneidade da língua, que lhe é inerente. A linguística estruturalista entende a língua como um fenômeno homogêneo, como uma realidade que não possui variação em sua constituição, sendo que os elementos que a compõem são universais e regulares. A fala, que é a realização concreta da língua, é vista pelo estruturalismo como um caos, isto é, uma atividade sem regras, normas e regulamentos próprios. Ao contrário dessa visão, Tarallo (2005) defende que:

A cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. E é precisamente essa situação de heterogeneidade que deve ser sistematizada.” (TARALLO, 2005, p. 6)

A Sociolinguística fornece um modelo teórico-metodológico para explicar a realização concreta da língua, aquilo que é entendido pela linguística imanente como 'caos'. O sociolinguista desenvolve instrumentos para demonstrar que o caos é apenas aparente, pois as realizações efetivas da língua não se dão de forma desordenada, obedecem a determinadas regras de uso dentro de uma comunidade linguística. Ele observa como as regularidades ocorrem na heterogeneidade e diversidade linguísticas, e descreve essas ocorrências, buscando explicações para a realização dos eventos, contemplando sempre a relação indissociável entre língua e sociedade.

Segundo Preti (2003, p. 24), “poderíamos subordinar o estudo do problema da *variedade linguística* a dois amplos campos”. A saber, variedades geográficas ou diatópicas e variedades socioculturais ou diastráticas. De acordo com Mollica (2004, p. 12) “no primeiro [variedades diatópicas] as alternâncias se expressam regionalmente, considerando-se os limites físico-geográficos; no segundo [variedades diastráticas], elas se manifestam de acordo com os diferentes estratos sociais.”

As variedades geográficas ou diatópicas são as que ocorrem num espaço geográfico determinado, onde se localiza uma comunidade linguística, ocasionando os regionalismos, dialetos ou falares locais. O eixo definidor dessa variedade é horizontal.

As variedades socioculturais ou diastráticas são as que ocorrem no seio de uma comunidade linguística, em virtude do comportamento social, cultural e histórico dessa comunidade na sua relação com o todo social. O seu eixo definidor é vertical. O gráfico abaixo representa essas manifestações, conforme estudos de Preti (2003, p.25).

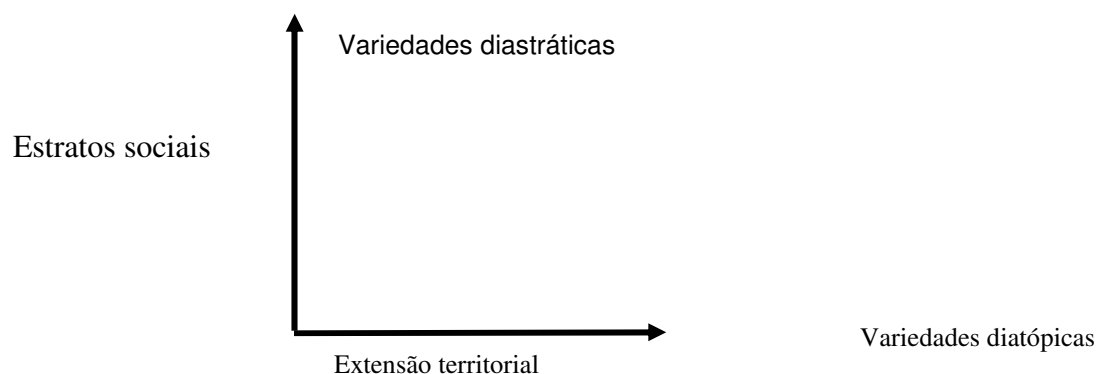


Gráfico 1: Variedades socioculturais ou diastráticas

Ainda segundo Preti (2003, p. 26):

As variações socioculturais podem ser influenciadas por fatores ligados diretamente ao *falante* (ou ao grupo a que pertence), ou à situação ou a ambos simultaneamente.

São eles:

a) fatores ligados aos falantes (ou ao grupo a que pertencem), como idade, sexo, etnia (cultura), profissão, posição social, grau de escolaridade, local em que reside; e

b) fatores ligados à situação como, por exemplo, ambiente, tema, estado emocional do falante e grau de intimidade entre os falantes.

A Sociolinguística deve investigar o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis, a fim de encontrar regularidades em sua ocorrência, descobrir a ordem no “caos” aparente. (MOLLICA, 2004, p. 11)

Para execução dessa investigação, empreendimento que exige grande esforço metodológico e rigor científico, o sociolinguista faz uso dos conceitos de *variação*, *variável* e *variante*.

A *variação* é um fenômeno geral, universal: “A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas alternativas denominadas variantes”. (MOLLICA, 2004, p. 10)

Por *variável* entende-se um subconjunto da variação. “O termo ‘variável’ pode significar fenômeno em variação e grupo de fatores” (MOLLICA, 2004, p. 10)

Por *variante* entendem-se as diversas possibilidades de realização da variável: “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 2005, p. 8).

Tarallo (2005, p. 8) cita um exemplo para compreensão desses conceitos: a marcação de plural no sintagma nominal no português brasileiro é um caso de variação. A realização da marcação do plural no sintagma nominal é uma variável. As variantes são as duas possibilidades de realização dessa marcação de plural: a marcação do plural com o segmento fônico / s / e a não marcação do plural indicada pela ausência do segmento fônico / s /.

Outras distinções relevantes apresentadas por Tarallo (2005, p. 11) dizem respeito às dicotomias *variantes padrão/não-padrão*, *conservadora/não-conservadora*, *estigmatizada/prestígio*. Geralmente, a variante padrão é a mais conservadora e a que usufrui de maior prestígio social. Entretanto, ela não é uma correlação absoluta, pois podemos ter uma variante inovadora e prestigiada. E o processo inverso ocorre com as variantes não-padrão. No exemplo acima, a marcação do plural no sintagma nominal é a variante padrão segundo a gramática normativa da língua portuguesa e, por conseguinte, é a variante conservadora e a que tem o maior prestígio social. Por outro lado, a variante que não marca o plural no sintagma nominal é tida como não-padrão e, por conseguinte, não-conservadora, sendo, também, estigmatizada socialmente.

As variáveis que são objeto de estudo da Sociolinguística manifestam-se em dois níveis: um de natureza interna, outro de natureza externa.

As variáveis internas ocorrem no plano da estrutura interna da língua: léxico, fonética, morfologia, sintaxe e semântica. Já as variáveis externas ou extralinguísticas são aquelas que ocorrem no plano externo à estrutura da língua, ou seja, no plano social, as quais podem ser: inerentes ao indivíduo (etnia, sexo); propriamente sociais (escolaridade, nível socioeconômico, profissão, classe social) e contextuais (o discurso empregado dependendo da situação comunicativa) (MOLLICA, 2004, p. 12).

A Sociolinguística relaciona os fatores intralinguísticos com os fatores extralinguísticos, atribuindo-lhes uma relação de implicação, considerando as variáveis sociais condicionadoras das transformações internas do sistema estrutural da língua nos planos léxico-fono-morfo-sintático-semânticos. No entanto, há de se considerar, como já mencionamos, que a língua, muito embora seja condicionada pelos fatores sociais, não sofre uma ação passiva da estrutura social; ela também atua sobre essa estrutura. Nas palavras de Lucchesi (2004, p. 61): “Existe um movimento dialético na estrutura da língua entre a sua organização interna (o seu modo estrutural) e sua relação externa com a estrutura social.”

Os estudos no campo da variação linguística – considerando as variedades geográficas e socioculturais – possibilitarão compreender os fenômenos convergentes e divergentes no uso da língua no universo da internet, a partir de variáveis ligadas ao falante/navegador (faixa etária, sexo, grau de escolaridade, local em que nasceu) e a fatores ligados à situação de “fala”/escrita no ambiente da rede de computadores.

Entende-se que uma teoria adequada à investigação do grau de convergência e divergência das formas em relação à língua padrão permitirá compreender melhor um possível perfil dialetológico do internetês dos falantes

das diferentes regiões brasileiras, a fim de que se compreenda, também, se é possível, ou não, falar-se em uma identidade linguística desses falantes no âmbito do ciberespaço.

### **3.2 Em busca de uma identidade modal da fala e da escrita**

Compreender um dado fenômeno não é uma tarefa fácil, principalmente quando esse fenômeno é variável no tempo e no espaço, constantemente suscetível a mudanças, como é o caso da língua, que passa por processos ininterruptos de transformações. A língua, por sua própria natureza, é mutável, isto é, faz parte inerente de seu ser a mudança; logo os modos como essa língua se manifesta também são mutáveis e, por conseguinte, as modalidades oral e escrita obedecem a esse processo natural de mutabilidade linguística.

Visto que os modos de materialização da língua (fala e escrita) estão em contínua transformação, a tarefa de investigação de uma identidade, isto é, compreender *o que* é fala e *o que* é escrita, deve ser norteado tendo em vista esse processo. Compreender a relação fala e escrita, visando delimitar a sua natureza constitutiva, é perceber esses dois modos de uso da língua como um processo dinâmico, em constante transformação, e não como algo estático que não se movimenta na história, ficando cristalizado no tempo, tal como vêem os gramáticos normativistas.

Outra questão a ser considerada, ao se tentar definir *o que* é fala e *o que* é escrita, é o fato dos limites entre uma e outra não serem intransponíveis, sendo que os traços que tradicionalmente caracterizam uma dessas modalidades podem se encontrar na outra. Portanto, a definição de uma identidade modal da fala e da escrita deve contemplar uma relação de imbricamento entre ambas.

Em termos gerais, a modalidade escrita é compreendida como mais tratada, cuidada, tensa e formal, assumindo uma característica mais conservadora, isto é, mais resistente às mudanças da língua. A fala, em

contrapartida, é concebida como despreocupada, espontânea, distensa e informal e, portanto, menos conservadora, sendo mais suscetível às transformações.

No entanto, essa forma de compreensão é questionável, uma vez que apresenta uma série de lacunas a ser preenchida. Por exemplo, a fala é tida como informal, entretanto numa apresentação de um telejornal, que se dá no nível da oralidade, ela se manifesta como uma linguagem formal derivada de uma escrita formal. Fenômeno semelhante a esse pode ser visto em uma palestra, em um pronunciamento político, em uma defesa no tribunal etc.

Quando da produção de uma obra literária (romance, novela), por exemplo, a fala dos personagens será apresentada com vocábulos e construções próprias da oralidade, mas em um gênero da escrita. Já em uma entrevista oral feita por um repórter e depois transcrita para uma revista ou jornal, a tendência de tom mais formal constitui-se produto da transposição da fala para a escrita.

Situações como as apresentadas acima mostram que não é fácil determinar a área de atuação específica da fala e da escrita, uma vez que uma está implicada na outra. Em consequência disso, surgem maneiras variadas de explicar essa relação entre esses dois planos da língua. Marcuschi (2007, p. 27) denomina essas diferentes visões de a perspectiva dicotômica, a tendência fenomenológica de caráter culturalista, a perspectiva variacionista, e a perspectiva sociointeracionista.

Linguistas como Bernstein (1971) e Ochs (1979) são representantes da perspectiva dicotômica, que polariza a relação entre fala e escrita; devido a esse caráter polarizador, ela é denominada de *dicotomia estrita*. A concepção de língua adotada para fazer a distinção entre fala e escrita é imanentista; ou seja, a língua é entendida como um sistema de códigos que segue determinadas regras para funcionar, em que as mudanças que ocorrem têm causas na internalidade do próprio sistema. “No caso das dicotomias estritas,

trata-se, no geral, de uma análise que se volta para o código e permanece na imanência do fato linguístico” (MARCUSCHI, 2007, p. 27).

A escrita é vista como o lugar de ordem, enquanto a fala é o lugar do caos, da desordem. Neste sentido, se ‘entende que a humanidade evolui do caos da fala para a ordem da escrita. A fala é um estágio primário da língua, a qual está em seu estágio mais avançado na modalidade escrita. É a partir dessa ideia que deriva a associação de civilização à apropriação e uso da escrita, ou seja, é civilizado aquele que operacionaliza o código escrito.

Esta concepção é discriminadora e não contempla as diferenças linguísticas; antes estabelece um parâmetro de comportamento linguístico, que determina o que é certo e o que é errado. Esse parâmetro é o que se denomina como norma culta da língua. Normatização é uma forma de regularização, de ordenação. É isso que se pretende com a norma culta: evitar o “caos” da fala e ordenar o mundo da confusão linguística por meio da padronização escrita. A perspectiva dicotômica estrita tem o inconveniente de considerar a fala como o lugar de erro e do caos gramatical, tomando a escrita como o lugar da norma e do bom uso da língua. (MARCUSCHI, 2007, p. 28)

Observe-se o quadro desenvolvido por Marcuschi (2007), em que as características dessa perspectiva são comparadas de forma polarizada:

---

<b>Fala</b>	<b>Versus</b>	<b>Escrita</b>
Contextualizada		Descontextualizada
Dependente		Autônoma
Implícita		Explícita
Redundante		Condensada
Não-planejada		Planejada
Imprecisa		Precisa
Não-normatizada		Normatizada
Fragmentária		Completa

---

Quadro 1: Fala versus escrita - Fonte (MARCUSCHI, 2007, p. 27).

Além da polarização, fica evidente a associação da escrita com características avaliadas positivamente, em oposição à fala.

A tendência fenomenológica de caráter culturalista relaciona a Linguística à Sociologia, à Antropologia e à Psicologia. São representantes dessa corrente Walter Ong (1982), Jack Goody (1977), Sylvia Scribner (1977), David Olson (1977). Esses autores pretendem analisar as mudanças que ocorreram na sociedade a partir do momento em que o sistema escrito foi introduzido. Essa concepção entende a escrita como a forma mais avançada de desenvolvimento linguístico associada ao desenvolvimento do pensamento e da civilização. Nesse sentido, se equipara à proposta anterior.

Marcuschi (2007, p. 29) afirma que para os representantes dessa tendência a escrita representa um avanço na capacidade cognitiva dos indivíduos e, como tal, uma evolução nos processos noéticos (relativos ao pensamento em geral), que medeiam entre a fala e a escrita.

Percebe-se que a abordagem feita por esses estudiosos da cultura e do pensamento baseia-se na concepção de que a estrutura mental do homem evolui no tempo e no espaço, tornando-se cada vez mais complexa. O desenvolvimento da escrita revela, por conseguinte, que essa estrutura mental evoluiu, pois o homem através do poder de seu pensamento desenvolveu um sistema de códigos escritos regido por regras, no qual é possível representar e registrar sua história; ou seja, ele criou um mecanismo de ordenação do mundo e conservação da história.

Considerando assim o que defende a visão culturalista, a escrita é uma evolução de um pensamento mais concreto (veiculado pela fala) para um pensamento mais abstrato e, por conseguinte, mais universal, condicionando possibilidades de estudos sistemáticos da língua e institucionalização da mesma.

O quadro abaixo sintetiza a visão culturalista, representado a dualidade entre a cultura oral (tida como primária) e a cultura letrada (mentalidade mais complexa).

<b>cultura oral</b>	<b>Versus</b>	<b>cultura letrada</b>
pensamento concreto		Pensamento abstrato
raciocínio prático		raciocínio lógico
atividade artesanal		Atividade tecnológica
cultivo da tradição		Inovação constante
Ritualismo		Analiticidade

Quadro 2: Cultura oral versus cultura letrada - Fonte: (MARCUSCHI, 2007, p. 29)

A perspectiva variacionista rompe com a visão dicotômica da língua, uma vez que baseia o seu modelo no conceito de diferença, ou seja, compreende que existe uma diversidade linguística que se desenvolve no tempo e no espaço, de acordo com a perspectiva de Labov (2008). O parâmetro de determinação de valores certos e errados não se sustenta nessa abordagem, haja vista que o “erro” não é visto como erro, mas sim como variação, isto é, formas de manifestação efetiva do fenômeno linguístico. Predomina, portanto, nessa perspectiva a concepção de heterogeneidade da língua.

“Neste paradigma não se fazem distinções dicotômicas ou caracterizações estanques, verifica-se a preocupação com regularidades e variações” (MARCUSCHI, 2007, p. 31).

No quadro abaixo são relacionadas características da fala e da escrita não dicotomizadas, mas, sim, numa perspectiva variacionista.

---

### Fala e escrita apresentam

língua padrão	variedades não-padrão
língua culta	língua coloquial
norma padrão	norma não-padrão

---

Quadro 3: Fala e escrita apresentam... - Fonte: (MARCUSCHI, 2007, p. 31)

Percebe-se que, segundo essa compreensão da realidade linguística, a variação dá-se tanto no plano da fala quanto da escrita. Se na concepção dicotômica da língua, a fala é a manifestação de uma linguagem não-padrão, informal e coloquial, na perspectiva variacionista não se faz essa leitura; antes entende-se que a linguagem oral não é um desvio da norma culta, mas sim uma modalidade da língua que, assim como a escrita, também sofre variação.

Marcuschi (2007) enfatiza que a perspectiva variacionista também discute a questão da classificação de fala e escrita enquanto dialeto ou modo de manifestação da língua. Afirma que sociolinguistas, como Trudgill e Labov, direcionam seus estudos para uma compreensão de fala e escrita como modo de manifestação da mesma língua. Marcuschi (2007, p.32, grifo do autor) manifesta sua compreensão sobre essa questão:

Minha posição é a de que fala e escrita não são propriamente dois **dialeto**s, mas sim duas modalidades de uso da língua, de maneira que o aluno, ao dominar a escrita, se torna **bimodal**. Fluente em dois modos de uso e não simplesmente em dois dialetos.

A concepção sociointeracionista compreende a língua enquanto um fenômeno dinâmico e dialógico, que estabelece uma intrínseca relação com a sociedade, isto é, a estrutura linguística e a estrutura social são entendidas numa relação de interação mútua. As mudanças linguísticas são resultados das mudanças sociais, e a língua é simultaneamente um instrumento para as transformações sociais.

A fala e a escrita são entendidas, por conseguinte, como dinâmicas e dialógicas. Elas estão em constantes mudanças, num processo de construção contínua, em que são significadas e (re)significadas. Com essas mudanças, a forma como os homens relacionam-se com a fala e a escrita se transforma e outros modos de relação são estabelecidos. Por exemplo, o desenvolvimento da informática mudou a forma de relação do homem com a escrita e a fala. Agora, ele comunica-se por um texto escrito em tempo real (tal como fazia ao falar), e esse texto escrito é, em geral, caracterizado pela espontaneidade, apresentando-se interações formais e planejadas em ocorrências possíveis. O usuário da informática está diante de vários gêneros que possuem um misto da modalidade falada e escrita, sendo que ele deve ter consciência disso, e “encarar” esse fenômeno como uma nova forma de manifestação da língua.

No quadro 4, abaixo, em que são elencadas as principais características que a fala e a escrita apresentam, percebe-se que a leitura não é dicotomizada, mas sim que tais características são vistas enquanto inerentes às duas modalidades da língua (fala e escrita).

---

**Fala e escrita apresentam**

dialogicidade  
usos estratégicos  
Funções interacionais  
Envolvimento  
Negociação  
Situacionalidade  
Coerência  
Dinamicidade

---

Quadro 4: Fala e escrita apresentam... - Fonte: (MARCUSCHI, 2007, p. 33)

Com base no que foi apresentado, assumimos que a busca por uma compreensão da relação entre fala e escrita não deve ser analisada dentro de uma perspectiva que se fundamente numa polarização dicotômica entre fala e

escrita. A identidade da fala e da escrita deve ser percebida numa perspectiva dialógica e dinâmica, não como algo estanque que se estruture e funcione dentro de um sistema fechado.

Desse modo, no presente estudo, compreendemos a relação entre fala e escrita sob o prisma das perspectivas variacionista e sociointeracionista, haja vista que as modalidades falada e escrita estão relacionadas de forma imbricada, isto é, se implicando mutuamente, num *continuum* de produção discursiva. Como afirma Marcuschi (2007, p. 34), “as relações entre fala e escrita não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua”.

Tendo em vista que as línguas possuem regularidades e variações, constituindo, assim, fonte de ação e de interação humana, muitos usuários do ciberespaço se adéquam a essa dinâmica.

Desse modo, a seção 3 apresentou os pressupostos gerais da Sociolinguística, vista como estudo da articulação língua-sociedade. Essa articulação demonstrou a abertura da Linguística para as Ciências Sociais. Vimos ainda, a relação dialética entre língua e sociedade proposta por Lucchesi (2004); a variação como objeto da Sociolinguística demonstrada por Mollica (2004); e a posição de Tarallo (2005) sobre o suposto “caos linguístico”, isto é, a heterogeneidade linguística. Por fim, recorreremos a dois teóricos – Preti e Marcuschi. A visão de Preti (2003) sobre o estudo do problema da variedade linguística em dois campos fundamentais quais sejam: as variedades geográficas (ou diatópicas) e as variedades socioculturais (ou diastrásticas). Nesta, a posição teórica faz uso de conceitos como “variação”, “variável” e “variante”. Já na discussão sobre a identidade modal da **fala** e da **escrita**, recorreremos a Marcuschi (2004), que apresenta as diferentes visões sobre esses campos primordiais, partindo da visão culturalista, que opõe a cultura oral (ou primária) e a cultura letrada (mentalidade mais complexa), para, então, apontar as características não dicotomizadas em perspectiva variacionista.

A seguir, na seção 4, tratamos da comunicação no espaço digital centrado-nos na discussão de que a linguagem dos internautas combina aspectos normativos e não-normativos, materializados em alguns elementos linguísticos.

## 4. O CIBERESPAÇO COMO UM NOVO ESPAÇO DE COMUNICAÇÃO

Nesta seção, nos propomos discutir a comunicação na era da tecnologia digital. Esta comunicação, denominada aqui de linguagem no ciberespaço, será embasada nos postulados de Costa (2006a,b), bem como nas noções de hipertexto, link e hipermídia. Propomos também identificar os gêneros textuais neste ambiente de comunicação, reconhecendo a tecnologia da escrita como propulsora da revolução tradicional à sociedade letrada. O contexto dos chats e a sua interação, em distintos dispositivos digitais, serão observados como característicos para a identificação de “gênero”. Esta terminologia abordará o trabalho por Bakhtin (1997) e o seu Círculo, objetivando compreender ainda o diálogo, sua relação com a linguagem. Em seguida, por fim, iremos tratar da escrita no ciberespaço, verificar o fenômeno.

### 4.1 A comunicação na era da tecnologia digital

O homem contemporâneo tem testemunhado mudanças aceleradas resultantes da globalização. O surgimento do computador e da internet, que se constituem tanto em causas como em efeitos dessas mudanças, promoveu uma forma nova de o homem relacionar-se com a língua.

A língua deixa de se propagar pelas ondas sonoras no espaço físico e, também, de se materializar em palavras escritas em um meio concreto, como o livro. O lugar onde o sistema linguístico realiza-se não é mais material, é virtual, denominado de *ciberespaço*.

De acordo com a concepção de Costa (2006a, p. 20), o ciberespaço é um “novo espaço de interação e produção de conhecimento humano, que se abre para todas as áreas (científica, econômica, artística, política), e a Educação não pode e não vai ficar fora dela. É um espaço de interação dinâmica.”

O ciberespaço é um novo lugar de comunicação entre os homens. A interação estabelecida no ciberespaço assume uma dinâmica própria, devido às possibilidades de ações que se podem realizar nesse espaço virtual.

Segundo Costa (2006b, p. 20) a primeira das grandes mutações ou revoluções se deu com o advento da escrita. Depois veio a invenção da imprensa, do cinema, da mídia televisiva e, agora, contemporaneamente, da internet. Todas essas tecnologias engendraram transformações profundas na forma de relação humana e alteraram o processo de interação verbal, condicionando novas possibilidades comunicativas. Por isso, a internet é concebida como revolução, uma vez que trouxe grandes mudanças na interação social. É a representação de um novo momento comunicativo humano, em que é possível, a uma mesma pessoa, realizar as mais diversas tarefas e papéis sociais.

O usuário da internet pode, por meio dos periféricos de entrada e saída do computador, digitar textos, inserir imagens, ouvir músicas, assistir filmes. Pode tornar-se leitor, autor, distribuidor de textos, segundo a sua necessidade social. Tem-se, portanto, uma interação dinâmica realizando-se no território virtual, tal como descreve Costa (2006a, p.21):

o advento da internet parece provocar uma mudança maior ou, talvez, uma “volta” às sociedades orais: virtualmente, mensagens são construídas/ escritas/ transmitidas/ veiculadas/ lidas *on-line* por pessoas reais em espaços diferentes, cujo contexto é o ciberespaço.

Na internet é estabelecida uma comunicação viva entre os usuários, operando de modo interativo, em que o leitor pode ser autor, o autor pode ser leitor ou simultaneamente autor e leitor, e assim se constroem os sentidos na interação entre os usuários, diferente da escrita, em que o autor torna-se fonte de autoridade. O texto é, portanto, construído em coletividade, e não isoladamente, como o romance, por exemplo.

O ciberespaço condicionou a produção de uma “rede” de textos que aumenta a cada segundo em uma dimensão assustadora. Essa rede de textos

possui uma dimensão expansiva e que concentra os mais diversos tipos de conteúdos, sendo denominado de *hipertexto*. De acordo com Costa (2006c, p.39):

Cunhado, portanto, na e pela informática, o hipertexto possui uma textualidade eletrônica virtual, cujo espaço é outro; por isso, vai além do texto em seu formato tradicional. Trata-se de um texto que podemos facilmente visualizar quando acessamos a Internet.

O hipertexto é caracterizado por sua não-linearidade, isto é, não segue uma sequência retilínea, antes é ramificado em múltiplas direções, formando o que se denomina na linguagem da informática de *links*, isto é, uma porta de acesso a outros textos que estão associados ao conteúdo do texto visualizado. Outro traço constitutivo da sua natureza é a *hipermídia*, que é entendida como um conjunto de recursos do ciberespaço que dinamizam a comunicação, recursos de natureza visual, auditiva e vários modos de organização de informação (dados). O hipertexto é dinâmico, heterogêneo, múltiplo e se constitui como um lugar de encontro das mais diversas formas de saber, sendo, portanto interativo e interdisciplinar.

O ciberespaço, portanto, constitui-se em uma nova realidade de interação humana, que ocorre em um ambiente (des)territorializado. Ele é um espaço virtual de comunicação humana, dinâmico, heterogêneo, condicionando uma nova forma de relação social e comunicativa.

## **4.2 Os gêneros textuais no/do Ciberespaço**

A tecnologia da escrita revolucionou a sociedade – de tradição oral para uma sociedade letrada<sup>2</sup> – transformando a necessidade de ouvir em necessidade de ver; as palavras saíram do campo da audição para o campo da visão. Na contemporaneidade, a rede de computadores, em suas salas de

---

<sup>2</sup> A sociedade tornou-se letrada, mas não totalmente, já que a oralidade é a modalidade de linguagem básica do homem.

bate-papo, possibilita a aproximação da oralidade com a escrita por meio de uma linguagem informal.

Os enunciados produzidos nas salas de bate-papo são próprios de gêneros que surgem na internet. Tais enunciados:

Emanam de interlocutores pertencentes a uma determinada esfera da atividade humana (adolescentes da contemporaneidade) e refletem as condições específicas e as finalidades dessa esfera, tanto por seu conteúdo (temas de interesse dos adolescentes), quanto por seu estilo verbal (lexical, fraseológico e gramatical) e principalmente quanto à construção composicional (construção de um código discursivo escrito complexo, mediado pelo computador, composto de caracteres alfabéticos, semióticos e logográficos). (PEREIRA; MOURA, 2006, p. 81).

Vale lembrar que, embora os autores façam menção apenas aos adolescentes, todavia, como se sabe, paulatinamente, outros segmentos etários foram tomando gosto por esse tipo de interação, o que fez com que esse tipo de linguagem ultrapassasse os limites desse grupo etário. Levando em conta essa expansão, a presente pesquisa contempla tanto adolescentes quanto adultos, usuários desse tipo de gênero digital, questões que serão detalhadas na Seção 5.

No espaço de interação social propiciado pelo computador e otimizado pela internet surgem novos gêneros discursivos. Os gêneros do discurso são produzidos a partir das relações sociais, sendo espelho dessas relações, representações das experiências humanas, funcionando também como um instrumento de ação social. A produção desses novos gêneros no ciberespaço advém de novas necessidades de interação social.

A internet oferece, portanto, uma variedade imensa de tipos de textos que podem ser lidos ou escritos/ produzidos, ou seja, **novos gêneros (hiper)textuais** que estão presentes nesse novo espaço cultural, podem ser lidos ou construídos com os imensos recursos técnicos que o computador coloca à disposição (COSTA, 2006c, p. 23).

Para entendermos a linguagem peculiar utilizada pelos sistemas de bate-papo na internet é preciso compreender o conceito de gênero do discurso proposto por Bakhtin.

Bakhtin (2003, p. 262) conceitua gêneros como sendo “*tipos relativamente estáveis de enunciados*”. O gênero é construído pela operacionalização de um processo de tipificação, em que são contempladas as diferenças e semelhanças de textos falados e escritos, seguida de uma análise e verificação de sua constituição para ser categorizado como sendo deste ou daquele tipo.

A tipificação dos gêneros não se restringe a uma categorização que leva em consideração apenas o texto em si, suas leis internas e forma de organização, mas, é, sobretudo, um processo que considera a dimensão social, ou seja, a relação do texto com as suas condições de produção, com a história e a sociedade. É o fator externo ao texto que, em última instância, determina a sua tipificação, e não apenas a sua forma linguística.

Há um modelo previamente determinado para a caracterização de um texto, isto é, um padrão. No entanto, esse padrão é suscetível a mudanças, podendo um gênero sofrer transformações em sua própria estrutura, ou até mesmo evoluir e dar origem a outro(s) gênero(s). Exemplo desse processo é o gênero “carta”, que evoluiu tecnologicamente e deu origem ao gênero *e-mail*. Por isso, Bakhtin afirma que os gêneros são “relativamente estáveis”.

O autor compreende os gêneros como sendo *infinitos*. Essa infinitude de gêneros dá-se em virtude da capacidade produtiva do homem ser uma fonte de criação e em constante renovação; ou seja, a cada instante tornam-se manifestas novas representações semióticas geradas pelo poder criativo desse sujeito situado no tempo e no espaço. O caráter de infinitude dos gêneros revela sua diversidade. Tanto uma categoria como a outra encontram sua razão de ser no espírito humano que tende para o infinito, e produz atividades diversificadas para atuar no mundo.

A heterogeneidade é também uma marca inerente aos gêneros. Estes não são uniformes, ou seja, não se apresentam de uma única forma na prática social. A heterogeneidade não significa uma desorganização ou dispersão incontrolável; antes os gêneros, heterogêneos por natureza, possuem um *princípio organizador* que põe “ordem na casa”, isto é, regula as suas manifestações. Para cada situação social um tipo de gênero do discurso será empregado, e é esse princípio organizador que regula a formação desses gêneros. A lei que determina essa formação não é exclusivamente do âmbito interno da língua (linguístico-textual), mas contextual (sócio-histórico). Por isso pelas palavras de Bakhtin (1997, p. 121, grifo do autor): “O *centro* organizador de toda a enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo”.

Não obstante os gêneros apresentarem-se distintos quanto à composição, eles possuem um princípio gerativo que os sistematiza, lhes condiciona a forma de gênero. Logo, existe uma unidade na heterogeneidade, o que permite, de acordo com o entendimento bakhtiniano, construir uma *teoria geral da natureza dos gêneros*.

Bakhtin (2003) ressalta a importância de se criar uma teoria geral que explique a natureza do enunciado, uma vez que sem o conhecimento de sua estrutura e funcionamento pode-se continuar inserido no modelo linguístico de formalismo, de abstração e de a-historicidade da língua. Isto é, pode-se continuar pensando língua enquanto abstração (*langue*) e não enquanto realização concreta da vida humana. “Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizem); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2003, p.265).

O autor (2003, p. 263) classifica os gêneros discursivos em: *primários e secundários*. São exemplos de gêneros secundários: romance (policial, romance), pesquisa científica (tese, dissertação, monografia), peça de teatro (drama, tragédia, comédia) etc. Dentre os gêneros primários destacam-se a réplica de um diálogo, uma carta, um recado, por exemplo.

A diferença entre os gêneros primários e secundários não se encontra na funcionalidade deles, mas sim na sua condição de produção. Os primeiros são elaborados em condições imediatas da vida cotidiana, em que se usa a língua para resolver problemas práticos, não exigindo, por conseguinte, uma complexidade na sua constituição. Os segundos, por sua vez, são produzidos em contextos sociais mais complexos, como o artístico, acadêmico, jurídico, estando mais relacionados à modalidade escrita da língua.

A concepção de gêneros do discurso bakhtiniano é essencial para se pensar a relação entre fala e escrita numa perspectiva de língua enquanto interação social.

A necessidade de uma interação/comunicação mais rápida entre os homens possibilitou o surgimento do gênero *e-mail*. Essa necessidade é produto da forma como o homem contemporâneo construiu seu mundo, baseado na velocidade das relações, exigindo, por conseguinte, uma comunicação mais rápida. A carta – gênero que deu origem ao *e-mail* – não poderia atingir esse objetivo, haja vista que demorava tempo para a mensagem sair das mãos do emissor até chegar ao destinatário. Um novo gênero teria que emergir para atender essa necessidade; emerge o *e-mail*, que se constitui em uma evolução da carta, engendrado pela nova dinâmica social. Ele, por estar inserido no espaço cibernético, circula em uma velocidade superior à carta – que se insere no espaço geográfico –, tendo, no entanto, a mesma finalidade que essa.

Nesta pesquisa, a discussão sobre gênero do discurso se faz importante ao se pensar que a internet, em especial no que diz respeito aos sistemas de bate-papo, deu margem ao desenvolvimento de uma linguagem própria adaptada às necessidades e características desse tipo de comunicação, o internetês, do qual trataremos em 4.4.

### 4.3 Os chats e suas implicações na fala e na escrita

O gênero *chat*, por exemplo, constitui-se em um modo de comunicação que faz uso da oralidade em sua forma escrita, pois o diálogo se estabelece no meio virtual. Pode-se considerá-lo como uma evolução do gênero primário denominado diálogo, no qual é estabelecida uma interação entre locutores face a face. Depois, em virtude do desenvolvimento tecnológico, evoluiu para o telefone, abandonando o caráter presencial para realizar-se à distância, culminando nos dias atuais para a conversação virtual (*chat*), que sai de um espaço geográfico físico para a virtualidade geográfica do ciberespaço.

Para a efetivação do diálogo através do *chat*, primeiro é necessário o computador em sua composição física (*hardware*) e lógica (*software*), fato que ainda torna inviável o conhecimento e uso desse gênero por uma grande quantidade de falantes. Além do aparato físico-lógico do computador, faz-se necessário que o usuário esteja conectado à internet, pois só assim ele pode localizar outros usuários no ciberespaço e estabelecer contato com eles.

Nesse movimento de projeção virtual na internet de um indivíduo para encontrar-se com uma projeção de outro(s) indivíduo(s), a linguagem desempenha um papel fundamental, uma vez que esse canal só pode ser estabelecido por meio dela.

Além disso, possuir algumas habilidades técnicas (conhecer a linguagem específica dos internautas, seus signos, símbolos e significados), habilidades linguísticas (conhecer o sistema linguístico e as regras de funcionamento da língua em uso) e conhecimentos extralinguísticos (conhecer a realidade sociocultural). De posse de todos esses instrumentos, habilidades, conhecimentos e competências, os usuários dos *chats* podem empreender sua viagem pelo ambiente virtual.

Para compreensão dos *chats*, deve-se entender sua composição estrutural e organizacional. Devido ao *chat* ser um novo gênero que se originou

na fala, ele conserva traços característicos desta; no entanto apresenta também traços da escrita, constituindo um texto misto ou híbrido, como advertem Defillipo e Cunha (2006 p. 101, grifos nossos):

Se assim considerarmos a categorização dos gêneros discursivos, podemos **identificar nas conversas de salas de bate-papo [chats] um hibridismo** que se dá tanto pela transformação dos gêneros primários em secundários, quanto pelo entrelaçamento entre oralidade e escrita em um novo espaço – o ciberespacial.

O diálogo nos *chats* assemelha-se e distancia-se do diálogo presencial. A semelhança com a fala faz com que Costa (2006c, p. 23), como já vimos, levante a hipótese de que o advento da internet é um *retorno dialético* às origens da oralidade, um reencontro entre as sociedades orais e a sociedade eletrônica digital.

As semelhanças dizem respeito ao modo como é estabelecido o diálogo cotidiano, a saber, é espontâneo, informal, descontraído e revela intimidade tal como a maioria dos diálogos. A comunicação é sincrônica, ou seja, acontece em tempo real mediada pelo computador. Há uma interação simultânea em que são estabelecidos turnos, um “fala/escreve” o outro “ouve/lê” cada um no seu tempo, seguindo as regras da conversação. A linguagem que se utiliza na fala espontânea é também uma característica que está presente na conversação virtual.

As diferenças consistem em que na conversa face a face (fala), a realidade é real – no sentido de concreta, material –, enquanto que na conversação no *chat*, a realidade é virtual, isto é, dá-se num espaço (des)territorializado, cibernético; a interação entre os interlocutores ocorre face a face (presencial) na fala, enquanto que na conversação “internáutica” é virtual, ou seja, ocorre no ciberespaço. Na conversação face a face, a língua manifesta-se em sua modalidade falada, no entanto na conversação virtual, ela apresenta-se em forma escrita (MARCUSCHI; XAVIER, 2004, p. 24).

A organização textual dos enunciados dos *chats* caracteriza-se por meio de: a) uso de dêiticos – para situar os interlocutores, o espaço e o tempo;

b) linguagem espontânea, coloquial – identificação com o diálogo cotidiano distenso; c) períodos curtos e simples – em virtude da rapidez da comunicação; d) presença de marcadores conversacionais – recursos verbais, não-verbais (riso, gesticulação) e supra-segmentais (pausa, tom de voz). Esses recursos apresentam-se de maneira bem específica nos *chats*, diferente de sua manifestação na fala. Tais mecanismos se apresentam na forma de: a) *emotions* (carinhas, caracteres) – recurso usado para expressão de sentimentos e sensações, tais como raiva, alegria, tristeza, etc. b) letras maiúsculas – recurso usado para exprimir a elevação da tonalidade da voz – por exemplo: FELIZ NIVER (feliz aniversário em tom alto, como representação de uma parabenização bem calorosa); c) letras pequenas – recurso empregado para representar uma “fala” baixa, murmúrio; e, por fim, d) alongamento de vogais e consoantes – recurso utilizado para significar a intensificação de uma palavra ou ideia – por exemplo: te amooooooooo!!! significando uma demonstração de amor intenso.

Concordamos com Bernardes e Vieira (2005, p. 46), para quem o *chat* é concebido como uma conversa espontânea, mas que, devido às suas condições de produção via computador realiza-se com o suporte da escrita reestruturada, portanto, em outros moldes que não os de uma conversação que se realiza face a face.

#### **4.4 A escrita no Ciberespaço**

A internet possibilita um fluxo rápido e contínuo de informação. Ao mesmo tempo em que uma informação chega ao destino numa fração de segundos, essa mesma informação pode viajar o mundo inteiro e ir ao encontro de um grande número de outros destinos.

O internetês não é um novo sistema linguístico, pois não apresenta uma nova estrutura e funcionamento divergentes das línguas já existentes. O internetês apropria-se das regras das línguas, adequando-as à nova realidade que se apresentou: a realidade virtual. Por exemplo, a redução gráfica, que é

uma das características do internetês, é realizada por uma necessidade que o usuário da internet sente em nível de coletividade – isto é, um fato não isolado, mas social – de realizar uma comunicação mais rápida economizando tempo, espaço, energia, capital, que, em última instância, é uma determinação da estrutura e funcionamento da sociedade capitalista, um modo de viver marcado pelo constante processo de movimentação acelerado das relações interpessoais e institucionais.

Existe uma tendência de compreensão da linguagem da internet como uma deformação da língua, que encontra sua fundamentação na teoria que afirma que a língua está passando por um processo de decadência, um movimento de involução, processo para o qual o ciberespaço com sua linguagem seria um grande contribuinte. A linguagem gíria e demais linguagens marginais (não-padrão) são apontadas, também, como causa e/ou efeito desse processo de decadência linguística (COSTA, 2006b).

A base epistemológica dessa concepção é a visão da gramática normativa que determina o “certo” e o “errado” na língua, a qual é entendida como um sistema que apresenta uma funcionalidade perfeita, mas que é perturbado por algumas anomalias linguísticas, que precisam ser retificadas. Neste sentido, a linguagem do ciberespaço seria uma disfunção da língua, e precisaria ser corrigida, tomando como parâmetro os princípios e regras da norma padrão culta.

No entanto, não é essa a perspectiva linguística que se adotará neste trabalho. Os métodos, regras e princípios aplicados nessa pesquisa encontram sua fundamentação na Sociolinguística, a qual rejeita a concepção de língua em que se estabelece um parâmetro de certo e errado como norteador de toda e qualquer atividade linguística. Para a Sociolinguística, o princípio fundamental e fundante da realização da língua é a heterogeneidade, isto é, a diversidade de formas de manifestação da língua, sem instauração de hierarquias discursivas, nas quais sempre uma forma de manifestação adquire

mais validade do que a outra, se legitimando por um fator de poder nas relações sociopolíticas.

A linguagem da internet não pode ser vista como anomalia, disfunção, irregularidade ou deformação da língua, e, sim, como um fenômeno linguístico, produto de uma nova realidade que se apresenta como nova forma de relação, dinâmicas, tecnologias e política (COSTA, 2006b). Sendo um fenômeno linguístico específico da contemporaneidade, deve, por conseguinte, tornar-se objeto de estudo, uma vez que está diretamente relacionado às relações sócio-históricas e culturais, constituindo-se, portanto, em um instrumento de ação e reação social e um modo de compreensão deste momento histórico.

Na linguagem da internet, a fala e a escrita fundem-se numa relação que não pode ser entendida pela concepção dicotômica da língua, pois esta visa separar de forma estanque fala e escrita, como já discutimos nas seções 2 e 3.

Segundo Rojo (2001, p. 63):

trata-se de um discurso implicado e conjunto, cuja temática composicional e estilo se aproximam das relações ditas “orais” e dos gêneros primários do discurso. No entanto, trata-se de texto escrito, materialidade esta determinada pela mídia eletrônica, mas que também convoca léxico e estruturas heteroglóssicas, de outras esferas de comunicação.

Percebe-se que o texto produzido no ambiente virtual é complexo, uma vez que não se constitui como um modelo ideal de fala ou de escrita. Mostra-se como um texto que traz em si as marcas dessas duas modalidades da língua. A autora denomina-o de um discurso implicado e conjunto. Implicado devido ao caráter de imbricamento que apresenta na relação fala/ escrita; conjunto porque não é plenamente formado pela modalidade falada, nem tampouco pela modalidade escrita, mas pela relação conjunta entre elas.

O discurso produzido no espaço cibernético, onde se encontram a interação sincrônica da fala e a materialidade da escrita, numa contingência de implicações indissociáveis, constitui, assim, um “texto híbrido”.

O internetês caracteriza-se por uma linguagem escrita que suprime vogais com o intuito de se aproximar da linguagem oral; além do encurtamento das palavras, outro artifício utilizado pelos internautas são os recursos gráficos como ponto de exclamação, parênteses, enfim, símbolos que são compreendidos pelos usuários, pois formam desenhos, *gifs*<sup>3</sup>, etc.

Muitos falam que o internetês é um código desenvolvido por adolescentes na intenção de reforçar a identidade do grupo. É possível que essa tenha sido sua fonte, porém com a difusão da Internet o acesso a este código também passa a fazer parte da vida da grande maioria que usa a rede mundial de computadores, independentemente de idade.

O natural da língua é mudar, se transformar. Só que para saber usá-la, segundo as mudanças, é preciso conhecer o básico da linguagem. Assim como acontece com palavras e expressões que são modificadas e/ou introduzidas na língua padrão; um exemplo disso é a expressão *Vossa Mercê*: antes utilizada no tratamento de reis, hoje tem a forma *você* e destina-se a tratamentos informais, e pode acontecer que no futuro a forma “vc” não se apresente tão estranha quanto é, para alguns, hoje.

Um fato mundial que pode exemplificar as mudanças ocorridas em uma língua é o futebol, que é um esporte de origem inglesa que foi introduzido no Brasil por Charles Miller, em 1894. É natural que com a importação do jogo, se importassem também os termos relativos à sua prática: *goal*, *match*, *score*, etc.; com a popularização do futebol no Brasil, a maioria dos termos usados nesse esporte se aportuguesaram ou foram substituídos por palavras de

---

<sup>3</sup> Os *gifs* são imagens que possuem movimento.

origem vernácula. *Football* virou *futebol*; *match*, *partida*; *off-side*, *impedimento*, *back*, *beque* (ALMEIDA FILHO, 2010, p.90).

Assim como no futebol, o computador fez com que incorporássemos termos relativos a ele: *software*, *windows*, *word*, etc. Com a popularização do computador e por conseguinte da Internet, muito mais termos foram e/ou estão aportuguesados ou substituídos por palavras da língua portuguesa: em vez de *download*, também se pode usar (e se usa) “baixar”, entre outras.

A língua se modifica no tempo, palavras novas das mais diversas origens são incorporadas ao idioma e logo absorvidas pelos usuários/falantes que passam a utilizá-las no seu processo diário de comunicação. E a tecnologia possui essa exigência da criação de novas palavras.

A popularização do correio-eletrônico ou e-mail impulsionou dois fenômenos ligados à linguagem usada na comunicação na Internet, que se expandiram para os programas de mensagem instantânea como MSN (Messenger) o mais popular, que teve mais ênfase nos anos 90. Outro programa que também ocasionou grande impacto é o site de relacionamentos ORKUT e mais recentemente o Facebook.

O primeiro fenômeno foi a adaptação da escrita da língua portuguesa e, conseqüentemente, alteração na forma e/ou criação de palavras. Pessoas adeptas da Internet, inicialmente usuários assíduos, com muita ousadia, criaram, a despeito das normas gramaticais, vocábulos, encurtando palavras, retirando acentos e pontuações, tornando a comunicação menos formal, em salas de bate-papo, por exemplo.

Essa adaptação chegou a fazer com que um canal de televisão por assinatura criasse, em 2005, o *Cybermovie*, que passa filmes com legendas com termos como *kde* (cadê) e *9dades* (novidades). Para alguns pesquisadores, as abreviações em mensagens pela Internet não se devem apenas à economia de tempo na comunicação, mas também por preguiça e modismo (INAGAKI, 2005).

Com relação à visão de Inagaki (2005), discordamos da premissa apresentada por ele no que tange à forma econômica de escrita utilizada pelos internautas, as quais ele atribui à preguiça e ao modismo a razão desta forma de comunicação. Como já discutimos exaustivamente, os usuários das salas de bate-papo conhecem muito bem a língua e suas nuances, por isso conseguem expandi-la além do monitor, dando movimento, som ao diálogo. De forma alguma podemos caracterizar esta forma de comunicação como proveniente de preguiça ou até mesmo de um modismo.

O outro fenômeno, também ligado à tentativa de amenizar a formalidade, transformou as mensagens na rede em sistemas gráficos híbridos de representação. Trata-se da inserção dos chamados “emotions”, que nasceram com a adaptação de recursos do teclado do computador para expressão de sentimentos como alegria :) ou tristeza :( e evoluíram para animações gráficas prontas para o consumo imediato do usuário em conversas eletrônicas.

O emprego de *emotions*, abreviações e neologismos pode ser pensado como modo de caracterizar e identificar comunidades de escreventes da língua, em oposição a outras comunidades, como se faz em diversas outras atividades humanas, tendo prioritariamente o objetivo de simplificar para agilizar..

O emprego dessa linguagem na internet apresenta formas divergentes e convergentes em relação ao português padrão. Diante disso, seria possível dizer que para cada grupo de internautas, de determinada faixa etária, sexo, grau de escolaridade e região do Brasil, haveria uma identidade linguística mediante os recursos utilizados nas salas de bate-papo?

Com o tempo, essa comunidade vai organizando e produzindo um conjunto particular de usos de linguagem, por meio de novos signos ou símbolos, que a distingue de outros grupos e comunidades. O signo é a unidade de qualquer sistema de comunicação. Os signos, por exemplo, são

utilizados na rede de computadores para atender às mais diversas necessidades, desde uma conversa simples a uma interface de última geração.

Portanto, assim como nos mais variados universos físicos, num contexto virtual, o signo teria a função de gerar uma significação, segundo esse contexto de comunicação. Um signo utilizado em *chats* pode ser modificado para atender a funções interativas, de ordem puramente tecnológica. Ele funciona como representação de uma realidade ou de um estado dessa realidade. A relação que se estabelece entre um signo verbal (palavra) e um não verbal (*emoticons*, ícones, imagens, etc.) se complementa num bate-papo. Os emoticons são pistas não-verbais que o indivíduo utiliza para que outro indivíduo possa manter certo envolvimento conversacional. Esses recursos, elencados no quadro 5, a seguir, são usados como representação de um sentido (ALMEIDA FILHO, 2010, p.93).

Feliz	: -)
Dengoso	; ^)
Tampinha, feliz	:)
Uma garotinha	8: -)
Piscando o olho	, -)
Mulherão	: -)8<
Exultante	(: -)
Tagarela	: -0
Muito triste	(: -(
Mente como Pinóquio	: ----}
Triste, chorando	; -(
Deslumbrado	# -)
Chorando	: ,(
Fumante	: -Q
Irônico, piscando o olho	, -}
Usando walkman	[: -)
Cochichando	: -"

Pirata	P-(
Cético	:-/
Abraços	[]s
Sarcástico	:->
Um novo pequeno amigo	:]
Berrando	:-V
Dizendo com sorriso	:-d
Indeciso	:-\
Sorriso charmoso	:-7

Quadro 5: *Emoticons* (ALMEIDA FILHO, 2010, p. 95)

A cada dia, mais pessoas estão se comunicando através da língua escrita e esta prática está fazendo com que a língua se modifique para atender as necessidades dos usuários.

Inegavelmente, existem povos que usam a mesma língua, embora em variedades diferentes, como, por exemplo, brasileiros e portugueses. Seguindo essa linha de raciocínio, cada segmento de nossa sociedade, assim como cada indivíduo, tem a sua forma de se expressar. Nesse sentido, a *Internet*, a maior rede de comunicação e informação criada pelo homem, por meio dos recursos e ambientes de comunicação que oferece, criou condições para o surgimento de uma nova forma de escrever a língua, o internetês. Hoje, milhões de pessoas no Brasil utilizam a *Internet* e todos os dias, milhões de novos brasileiros se conectam a essa enorme rede. Cada vez, mais e mais pessoas estão acessando as chamadas "salas" de "bate-papo". Cada vez mais pessoas vão aprendendo o "internetês", o linguajar dos *internautas*.

O uso de internetês numa sala de bate-papo não significa que será uma prática em todas as esferas da sociedade. O problema não é existir o internetês na vida do jovem, mas sim existir só ele como prática significativa. Então, compreender essa nova forma de linguagem, sabendo discernir onde e em que meio ela deve ser utilizada, é uma forma de não ocasionar conflitos

entre a norma-padrão e as alternativas não-padrão na sociedade contemporânea.

#### 4.4.1 Abreviação

A abreviação é um fenômeno linguístico muito comum na sociedade, estando presente nos mais diversos canais e meios de comunicação. Percebe-se a sua presença em livros, revistas, jornais, enciclopédias, internet, etc., sendo, deste modo, um importante recurso linguístico empregado desde tempos remotos, razão por que faz-se necessário compreender a sua natureza e ocorrência como fenômeno linguístico.

A abreviação é uma redução de um vocábulo. Essa mudança ocorre na sequência dos grafemas que representam os fonemas, sendo que uma parte daqueles é alterada por redução, gerando uma nova sequência menor do que a original.

Como exemplos, temos:

- Anarq. < anarquismo (ocorreu a redução com a eliminação da sequência *uismo*);
- Antrop. < antropologia (eliminação de *ologia*);
- Ap. < apartamento (eliminação de *artamento*);
- AAA - Alcoólicos Anônimos (eliminação de quase toda a sequência de grafemas da palavra, restando só as iniciais AA).

No último exemplo, há uma ocorrência de sigla, que é a abreviatura constituída pelas letras e/ou sílabas iniciais dos termos componentes (DUBOIS et al., 2004).

O que justifica esse processo, segundo a definição é a comodidade expressiva, a saber, expressão da palavra de forma mais prática e viável em

situações linguísticas que exijam o registro do vocábulo de forma mais rápida e inteligível.

Henriques (2007) diz ainda que, eventualmente, a abreviação ocorre mediante um processo de acomodação ou deturpação fonética. Como, por exemplo, em *Bonsuça* (< Bom Sucesso), o nome primário é constituído por duas palavras *bom* e *sucesso*, é um nome extenso e que produz um certo incômodo na sua realização oral, fato que leva naturalmente a um processo de redução para uma acomodação na fala e sua posterior representação escrita (*Bonsuça*). Aqui o fato oral tem prevalência sobre o escrito no processo de redução, a grafia constitui-se apenas como uma representação de um fenômeno que ocorreu naturalmente na fala.

O autor também fala de uma deturpação fonética. Acreditamos que o termo “deturpação” não cabe bem para explicar a realização do fenômeno, uma vez que deturpação é um termo pejorativo, sugerindo que ocorre uma corrupção na língua. E a abreviação não se constitui como um processo de corrupção linguística, mas sim como uma ocorrência natural no âmbito da fala e da escrita. Não busca corromper, mas sim acomodar, facilitar e viabilizar de forma mais prática determinadas situações comunicativas; em outras palavras ocorre uma transformação e não uma deturpação.

Para Azeredo (2008, p. 467), a abreviação consiste em “criar lexemas mediante a redução da forma de uma construção que funciona como uma unidade lexical.” Nesse caso, então, a abreviação é compreendida como um processo de criação de lexemas. O lexema, no sentido geral, é uma unidade lexical de duas faces, uma relacionada à forma e outra ao conteúdo, podendo ser também entendido como um signo de natureza não gramatical. Ele constitui-se como a *unidade de base do léxico*, numa oposição léxico/vocabulário, em que o léxico se situa em relação à língua e o vocabulário à fala.

o O autor ainda afirma que existem três modelos principais de abreviação (2008, p.30-34):

1) Por *redução*, geralmente ao primeiro elemento, da forma lexicalmente complexa.

- foto < fotografia
- quilo < quilograma
- lipo < lipoaspiração
- moto < motocicleta
- video < videocassete

Nesses casos, a palavra é formada por composição mediante justaposição, isto é, dois elementos que se unem formando uma palavra, gerando o que o autor chama de forma lexicalmente complexa. Esta, por sua vez, sofre o processo de abreviação, em que é eliminado o segundo elemento, ficando a forma reduzida constituída somente pelo primeiro (*foto; quilo; lipo; moto; video*).

A redução também pode afetar palavras formadas por prefixação, como:

- pré < pré-natal ou pré-vestibular
- pós < pós-graduação
- micro < microcomputador
- vice < vice-presidente
- ex < ex-namorado
- tetra < tetracampeão
- mini < minissaia
- extra < extraordinário

Nos casos ilustrados acima, a abreviação ocorreu por um processo inverso ao de formação prefixal, isto é, ocorre uma supressão da palavra primitiva, ficando somente o prefixo (pré; pós; micro) para designar as palavras. Não há alteração de significado, somente na forma da palavra, pois o que antes era prefixo incorpora o sentido total do lexema original.

2) Supressão de uma sequência fonética, inicial ou final, sem significado próprio.

- Mengo < Flamengo (foi supressa a sequência fonética *Fla*);
- Flu < Fluminense (foi supressa a sequência fonética *minense*);
- Bete < Elisabete (foi supressa a sequência fonética *Elisa*);
- Zé < José (foi supressa a sequência fonética *Jo*).

3) Representação de um nome composto ou de uma expressão por meio de unidades iniciais (fonemas, sílabas ou, até mesmo, os nomes das letras). Processo também conhecido como *siglagem* ou *acronímia*.

- CD < Compact Disk;
- CEP < Código de Endereçamento Postal;
- DETRAN < Departamento Estadual de Trânsito;
- EMBRATEL < Empresa Brasileira de Telecomunicações;
- FUNAI < Fundação Nacional do Índio;
- FUVEST < Fundação Universitária para o Vestibular;
- IBGE < Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;
- IBOPE < Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística;
- IGPM < Índice Geral de Preços do Mercado;
- IOF < Imposto sobre Operações de Crédito;
- INSS < Instituto Nacional de Segurança Social;

- IPI < Imposto sobre Produtos Industrializados;
- IR < Imposto de Renda;
- ISV < Imposto sobre veículo;
- ONU < Organização das Nações Unidas;
- PT < Partido dos Trabalhadores;
- PMDB < Partido do Movimento Democrático Brasileiro;
- PIS < Programa de Integração Social;
- PASEP < Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público;
- SENAC < Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial;
- SENAI < Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial;
- USP < Universidade de São Paulo;
- SPC < Serviço de Proteção ao Crédito;
- S.O.S < Save our souls (mensagem de socorro);

Sandmann (1991, p. 51- 52) ressalta que a abreviação é um tipo de formação de palavras bastante produtivo - ela [a abreviação] é parte da vida moderna, com sua complexidade burocrática, administrativa, técnica e econômica, colaborando para a brevidade e densidade da comunicação linguística.

A modernidade impõe ao homem uma vida de velocidade no processo de comunicação e interação social, no trabalho, no processo de ensino-aprendizagem, em suma, em todos os processos cognitivos e sociais, exigindo que o falante seja rápido e inteligível na produção da fala e da escrita. Neste contexto, surge o processo de abreviação como recurso linguístico para realização do textos orais e escritos em menos tempo, mas que comunica a mesma ideia da palavra que a derivou e, que, com isso torna a comunicação em determinados contextos, que exijam menos tempo para comunicar pensamentos, mais veloz e eficiente.

É justamente nesse tipo de reflexão que se baseia a afirmação de Monteiro (1991) de que a abreviação, por fundamentar-se no princípio da economia da linguagem, viabiliza e facilita o emprego de parte de um vocábulo em lugar de vocábulo inteiro. A formação se dá, como vimos, pela substituição da parte pelo todo, por exemplo, *acúst.* < *acústica*, *adjet.* < *adjetivamente*, *adm.* < *administração*. Utiliza-se aqui o conceito de economia da linguagem, que é um princípio linguístico que gera várias mudanças na língua. A economia da linguagem consiste na acomodação de determinada ocorrência linguística para facilitar e viabilizar com mais clareza e simplicidade determinado fenômeno linguístico. No entanto, deixemos claro que o princípio da economia não significa que o falante sempre busca aperfeiçoar a língua, mas busca adaptações abreviadas e simplificadas de escrita para o rápido fluxo de comunicação.

Cunha (2007, p. 130) chama a atenção para os limites do processo: a abreviação ocorre com a “redução de frases e palavras até limites que não prejudiquem a compreensão.” Por exemplo, a palavra *pneumático* só pode ser reduzida até *pneu*, a supressão de mais um fonema, no caso o *u*, poderia comprometer o sentido da palavra, que ficaria *pne*; o mesmo sucede com a palavra *quilograma*, que se reduz até *quilo*, retirar o fonema *o*, poderia comprometer seu sentido (*quil*).

Alves (1994, p. 68) fala de um outro processo muito produtivo, denominado “truncação”: “a formação de palavras pelo processo de truncação constitui um tipo de abreviação em que uma parte da sequência lexical, geralmente a final, é eliminada.” Guardadas as devidas proporções é o que acontece com a ‘redução’, conforme Azeredo (2008). Ela diz ainda que os colunistas sociais, ao primarem pelo emprego de expressões apelativas, utilizam a forma resultante do processo de truncação como, por exemplo, *coq* < *coquetel*. Outros exemplos são:

## (4.1)

- flagrante > flágra
- jabuticaba > jabú
- neurose > nêura
- palhaço > pálha
- professor > prófi
- bijuteria > bijú
- responsabilidade > respónsa

#### 4.4.2 Onomatopeia

De acordo com Azeredo (2008, p.12-13) na Grécia surge uma discussão sobre a natureza da palavra e a onomatopeia é pensada no âmbito dessa discussão pelos filósofos. No Livro o “Crátilo” de Platão, essa discussão dá-se de forma acirrada. A questão é saber qual a natureza (essência, substância) da linguagem.

O autor afirma ainda que Crátilo defende que os entes têm um nome por natureza (*physei*), isto é, que as coisas são denominadas deste e não de outro modo porque existe um nome na própria essência das coisas que determina a sua manifestação por meio da linguagem na palavra. Neste sentido, as onomatopeias comprovariam claramente essa tese, uma vez que elas constituem-se como representação da forma como as coisas são manifestadas na natureza, percebidas pelo pensamento e expressadas pela linguagem. Essa concepção é denominada de *naturalismo*. Por exemplo, o nome *mar* existe como palavra porque, de algum modo, revelaria a natureza da substância mar.

Azeredo (2008) enfatiza que a posição de Hermógenes é contrária à de Crátilo. Ele afirma que o nome é fruto de convenção (*syntheke*) e do uso (*ethos*) da linguagem. A nomeação de um ente não resulta de uma decorrência natural das coisas, mas de uma convenção. O coletivo determina por meio do uso de determinada palavra que sua forma será essa e não aquela e a generaliza por meio de uma convenção social que pressupõe o acordo do coletivo sobre essa determinação para uma norma social legitimada pelo uso dos falantes. Nesta tese, as onomatopeias seriam puro resultado de uma convenção social; ela não imitaria o som da natureza por uma determinação da própria natureza, mas sim por uma compreensão humana de que determinada palavra poderia representar um ente, e isso seria generalizado e aceito pelo coletivo.

O autor traz também a posição de Platão, que nessa discussão é intermediária. Para ele existe certa *afinidade natural*, ou pelo menos deve haver, entre o som e sua significação. Essa afinidade natural está no fato de que a escolha de determinadas palavras dá-se em virtude da aproximação que elas têm das coisas que representam. Neste sentido, as onomatopeias seriam um claro exemplo dessa relação de afinidade natural, uma vez que elas são representações aproximadas dos sons, ruídos, vozes da natureza.

Há consenso quanto à ideia de que as onomatopeias são palavras que pretendem imitar o som da natureza, isto é, uma reprodução na modalidade oral e escrita de um som que existe no mundo e que os sentidos percebem de tal forma, e nessa forma pretendem reproduzir, tentando o máximo possível se aproximar do natural (Câmara Jr, 2007, Cunha, 2007). Observemos os seguintes exemplos (4.2)

(4.2)

- Tique- taque – palavra que reproduz o ruído produzido por um relógio de pêndulo;
- Au Au – palavra que simula o som produzido por um cão latindo;
- Miau – palavra que simula um som de um miado de gato.

Cunha (2007) afirma que os verbos e substantivos denotadores de vozes de animais têm origem onomatopéica. Por exemplo, o verbos *ciciar* e *coaxar* derivam das respectivas palavras onomatopéicas *cicio* (imitação do som produzido pela rã) e *coaxo* (imitação do som produzido pela rã e pelo sapo). É também o caso de *mugir*, *miar* e *piar*, por exemplo.

Câmara Júnior (2007, p 39) afirma que as onomatopeias são, em regra, monossílabos, frequentemente com reduplicação acompanhada, ou não, de alternância vocálica, tal como (4.3).

## (4.3)

- pum! (monossílabo);
- tique-taque, toque-toque (vocábulos reduplicados).

O autor explica a formação de uma categoria linguística que deriva da onomatopeia, denominada *onomatopaico*, que é compreendido como o vocábulo resultante da combinação das onomatopeias (semantema) com morfemas nominais e verbais, como podemos observar em (4.4).

## (4.4)

- Zumbido
- Pumba
- Catapimba
- Tilintar
- Matraquear
- Coaxar
- Cochichar

As onomatopeias visam imitar os mais diversos sons produzidos no mundo: ruídos, gritos, canto de animais, sons da natureza, barulho de máquinas, o timbre da voz humana, como ilustramos nos exemplos (4.5), (4.6), (4.7), (4.8) e (4.9), a seguir (cf. DICIONÁRIO SENSAGENT, 2010):

(4.5)

Ruídos:

- Nhec – rangido
- Blin Blong! - campainha
- Tibum: o som de alguém caindo
- Atchim – espirro.
- Tchibum - mergulho
- Splash - mergulho
- Crash! - batida

(4.6)

Sons produzidos por animais:

- Piu-piu - canto do passarinho
- Au Au! - Cão latindo
- Miau! – miado
- Grrr! – grunhido
- Muuu – mugir (boi, vaca, etc)
- Quack! – pato
- Cocoricó - Galo cantando

(4.7)

Sons da natureza:

- Boom – trovão
- Chuáaa – água

(4.8)

Barulho de máquinas:

- Bii Bii - Buzina
- Tic-tac! – relógio
- Bang! – tiro

(4.9)

Manifestação da voz humana.

- Buá: o choro de alguém
- Ha Ha Ha!– riso
- Ah! – grito
- Ai! –dor ou grito emoção
- Zzz! – zumbido ou alguém dormindo
- Ai, ai – lamentação

As onomatopeias variam de língua para língua e constituem um recurso muito utilizado na produção das narrativas de histórias em quadrinhos, em virtude de transmitirem uma ideia com bastante expressividade. Vejam-se os seguintes exemplos:

Imitando o som produzido por uma explosão:



A Explosão Criativa dos  
Quadrinhos de M. Cirne

Figura 1: Fonte: [http:// www.asdicas.com.br/onomatopeia-exemplos/](http://www.asdicas.com.br/onomatopeia-exemplos/)

Reproduzindo o som produzido por um “soco” dado por uma árvore no personagem Popeye.

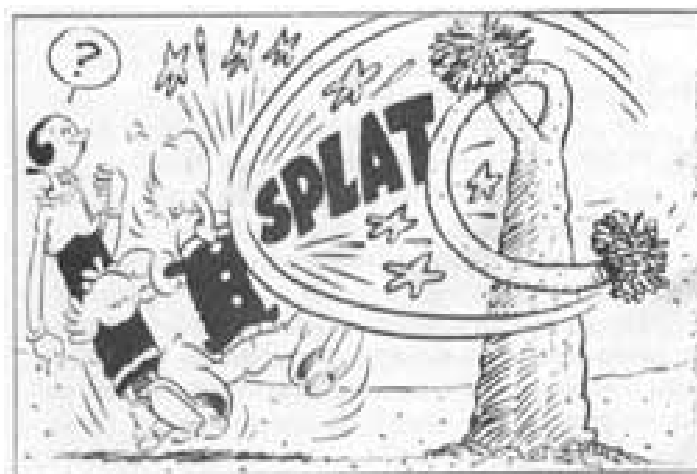


Figura 2: Popeye de Segar e Sagendorf - Fonte: [http:// www.asdicas.com.br/onomatopeia-exemplos/](http://www.asdicas.com.br/onomatopeia-exemplos/)

A figura abaixo reúne variadas onomatopeias utilizadas em HQs:



Figura 3: Fonte: <http://www.asdicas.com.br/onomatopeia-exemplos/>

Outros exemplos de onomatopeias em HQs e seus respectivos significados, retirados do Mundo Vestibular<sup>4</sup>, podem ser observados em (4.10):

<sup>4</sup> Disponível em <http://www.mundovestibular.com.br/articles/698/1/ONOMATOPEIA/Paacutegina1.html>

## (4.10)

- Aai! – grito de dor
- Ah! – grito de surpresa, dor, medo, pavor ou descoberta
- Ah! Ah! Ah! – risada ou gargalhada
- Ahhh! – Aaah!, alívio
- Ahn! – choro Arf! – animal arfando, ofegante
- Argh! – nojo
- Atchim ou ahchoo! – espirro
- Bah! – desagrado
- Bam! – tiro de revólver
- Bang! – tiro
- Baroom! Baruum! - trovões ou explosão de bomba atômica
- Baw! ou buá! – choro
- Bóim – batida na cabeça com objeto
- Bawoing! - corda de aço após soltar flecha.
- Bash! ou bow – queda
- Brrzz! – sintonia de rádio
- Chomp! nhoc! nhac! nhec!- mastigar
- Chop! tchap! tchape! tchope! – chapinhar, patinar, chafurdar na lama
- Clang!, blém!, blém! – batida em objeto metálico
- Clap! clap! Clap! plec! plec! – palmas
- Ka-boom! ta-bum! – bomba
- Klunk! clunc! plunc! tlunc! – ruído surdo de objeto caindo
- Knock! Knock! toc! toc! – batida

- Pat! pat! tap! tap! – tapinha carinhoso
- Pfft! pfft! phfpt! – cuspir; desprezo
- Ping! – gota caindo
- Plomp plom! – fruto caindo de árvore
- Screeech! iééé! – freada de carro
- Sigh! ai-ai! – suspiro
- Slam! blam! – porta batendo
- Slop! blob!, blab! – pessoa ou animal babando
- Slurp! lamb! – lambida
- Smack! vjjj! – estalado; Mmm!, beijo

Utiliza-se também a onomatopeia como recurso literário para realçar a ideia que o autor pretende expressar num determinado contexto de sua produção, como observamos no texto - O apólogo - de autoria de Machado de Assis, parte integrante do livro *Para gostar de ler*<sup>5</sup>: “E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano”.

O narrador pretende dizer que o ambiente estava silencioso a tal ponto que se podia ouvir o som produzido pela agulha que penetrava no pano. Para representar esse som, o autor utiliza-se da palavra onomatopéica *plic*, reduplicando-a quatro vezes com a finalidade de despertar a sensibilidade do leitor para perceber o caráter de silêncio do ambiente; com isso o autor quer atingir a sensorialidade da audição para que o leitor compreendesse que o silêncio era intenso.

---

<sup>5</sup> **Para Gostar de Ler**. v.9, Contos, São Paulo, Ática, 1984. p.59.

Outro exemplo, (4.11), de recurso à onomatopeia com fins literários vem dessa conhecida música, *Relógio*,<sup>6</sup> de Vinícius de Moraes:

(4.11)

Passa tempo

Tic-tac

Tic-tac

Passa hora chega logo

Tic-tac

Tic-tac

E vai-te embora

Passa tempo

Bem depressa

Não atrasa

Nem demora

(Vinícius de Moraes)

O eu-lírico fala da passagem do tempo, que se dá velozmente, e para acentuar mais esse caráter de passagem fugaz do tempo, o autor utiliza-se da onomatopeia que representa o som produzido pelo pêndulo do relógio (tic-tac).

O espaço virtual, especialmente os canais de bate-papo, exigem do usuário uma velocidade no uso do recurso escrito semelhante à velocidade que é usual em uma conversa face a face.

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p 95) o diálogo na internet é veloz e o interactante precisa se adaptar a essa velocidade imposta pelo meio virtual. O falante virtual tem que construir recursos mais expressivos e rápidos

---

<sup>6</sup> CD- Casa de Brinquedos.

para manter a comunicação com outro falante. Isso ocasiona, como já comentamos, mudanças na forma da escrita que tenta se aproximar da fala.

Neste sentido, os processos de abreviação e onomatopeização são constantes na linguagem virtual, o primeiro porque reduz a palavra que é expressa em um tempo mais curto, favorecendo a comunicação interativa; o segundo porque aumenta a expressividade emotiva do falante ao comunicar um sentimento ou ideia a outro falante.

O falante virtual, numa sala de bate-papo, conversa com vários interlocutores e necessita interagir com todos num tempo que se encurta por estar se comunicando simultaneamente com todos. Para conseguir dialogar com vários interlocutores, ele tem que encurtar as orações e as palavras. Para tanto, recorre à abreviação como recurso para diminuir o tempo que teria que utilizar para expor uma ideia mais extensa.

Os exemplos em (4.12) ilustram esse processo. Foram extraídos de conversas entre internautas que, a exemplo dos que utilizaram ambientes virtuais na pesquisa em epígrafe, também usam nomes fictícios ao conversar com outros internautas, comportamento bem típico do que acontece atualmente nas redes sociais.

## (4.12)

- add < adicionar
- bfs < bom final de semana
- bjs < beijos
- bn < boa noite
- bs < boa sorte
- c/ < com
- c/o < como
- cmg < comigo
- d < de
- gnt < gente
- ily ou ilu < i love you (te amo)
- k < quê
- kbça < cabeça
- lol < laughing out loud (rir alto )
- msg < mensagem
- msm < mesmo
- obg < obrigado
- p/ < para
- pq < porque
- qlqr, qq, qquer < qualquer
- qndo < quando
- qnt < quantorotfl < rolling on the floor laughing ( rola no chão de riso)
- s < sim
- tb, tmbm, tbn < também
- tc < teclado
- td bm < tudo bem
- tks ou thx < thanks (obrigado)
- vc < você
- web < World-Wide-Web

A siglagem é uma forma de abreviação também muito comum na linguagem virtual. Também é denominada acrônimo. A diferença entre ambos está na forma como falamos: neste, a pronúncia é realizada como uma palavra só e naquela, a pronúncia é realizada segundo a designação de cada letra. Uma boa referência do que estamos discutindo pode ser encontrado no Dicionário Terminológico para consulta *on-line* do Ministério da Educação de Portugal. Vejamos alguns exemplos em (4.13):

## (4.13)

- HTML < Hypertext Markup Language. (Denota uma linguagem de descrição de páginas de informação);
- TCP < Transmission Control Protocol. (Refere-se a um dos protocolos da Internet do conjunto TCP/IP);
- URL < Uniform Resource Locator (Localizador Uniformizado de Recursos). Objetiva uniformizar o modo de designar a localização de um determinado tipo de informação na Internet;
- WWW < World-Wide-Web;
- MKB < Monkey King Bar (Item do mapa Dota do jogo Warcraft PPL: people);
- AFAIK < As Far As I Know (Pelo Que Sei/ Até onde eu sei);
- AFK < Away From Keyboard (Ausente do Teclado);
- AFG < Away From the Game (Utilizado em jogos quando o jogador minimiza a janela do jogo para olhar outra coisa);
- BF < boyfriend (namorado) ou best friend (melhores amigos);
- BFF < best friends forever (melhores amigos para sempre);
- BSF < but seriously folks (mas sério gente);

Fonte: Wikipédia – a enciclopédia livre:  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Acr%C3%a1nimo>

As onomatopeias, que se constituem como representação de determinados sons naturais, são empregadas nas conversações virtuais para representar determinadas ações do falante. Como, por exemplo, para determinar estado de alegria, curtição, risadas, como as constantes em (4.14):

## (4.14)

- rá rá rá rá
- rs rs = risos
- k k k k
- qua qua qua
- aha ha há
- ihi hi hi
- *he he he!*
- ha ha ha
- hi hi hi
- uahahahahahaaauu

Existem diferenças nas significações dessas onomatopeias. As expressões apresentadas em (4.15) utilizadas para qualificar diversas formas de riso ilustram bem essa variação:

(4.15)

- ha-ha-ha (riso normal)
- he-he-he (riso cúmplice)
- hi-hi-hi (risinho)
- ho-ho-ho (riso do Pai Noel)
- hu-hu-hu (riso desvairado)
- Ahahahaha (riso mais contido)
- KKKKKKKKKKKKKK (riso mais escandaloso)

Considerando tudo o que foi exposto, fica evidente que tanto a abreviação quanto a onomatopeia são importantes recursos linguísticos utilizados pelos internautas no processo de comunicação virtual, uma vez que, por meio delas, o interlocutor tem condições de, por um lado, agilizar o processo de comunicação, algo crucial em interação virtual e, por outro, tornar determinadas ações mais “expressivas”. A relevância desses recursos ficará amplamente demonstrada na análise dos dados que desenvolveremos na próxima seção.

## 5. O COMPORTAMENTO DA ESCRITA NO CIBERESPAÇO: divergências e convergências à norma padrão nas salas de bate papo

Nesta seção, será possível explicitar de forma mais detalhada como surgiu o interesse pelo tema. Como já citado na introdução desta tese, dois fenômenos chamaram a atenção: a comunicação entre adolescentes e a comunicação entre adultos em ambientes virtuais e os desvios em relação à norma padrão na escrita do português brasileiro sem comprometer a comunicação. É interessante observar que este fenômeno não ocorre isoladamente em uma localidade específica do Brasil, mas, como demonstram os dados coletados em cidades das cinco regiões do país, Florianópolis, Brasília, São Paulo, São Luís e Belém, ele é uma constante. Estas variações na escrita não comprometem a comunicação, ao contrário agilizam-na, proporcionando velocidade à troca de informações, seja pela supressão de vogais (bj, ksa, bleza), seja pela representação de emoções ( ;-), :-( , \o/ ), seja pelo uso de onomatopéias (kkkkkk, rrsrs, pow).

Como podemos observar no quadro 6, os exemplos de expressões presentes nos diálogos destes internautas representam bem esta “nova” forma de troca de informação que envolve a velocidade presente nos novos mecanismos de comunicação.

Cidade	Expressões com maior incidência na amostra
Florianópolis	rrsrs;bj; kkkkkkkkkk; vc; qm; msm; hahaha; mto; hje; q; ta;
Brasília	Rssssssssssss kkkkkkkkkkkkk; vc; d; q; ta; bleza; neh; to; ta; tava; hehehe; mto
São Paulo	magina;hj; pq;xau; kkkkk; hahah; vc, axo; mtos; mta; d; q; esqci; perai;
São Luís	vc; tc; kakakaka; ahahaha; bjos, k, p; tb;+; tbem;
Belém	Kkkkkkkkkkkkkk; huehehuehuehue; bj; niver; pera; vc; ta;

Quadro 6: Expressões com maior incidência na amostra



## 5.1 Contextualização do universo da pesquisa e coleta do *Corpus*

Na busca pela compreensão de como se efetua a comunicação neste novo ambiente de interação, em um primeiro momento, foram mapeadas no Brasil cinco regiões que pudessem reproduzir o cenário de um país com grandes dimensões geográficas e também com suas especificidades culturais, sociais e linguísticas. A amostra foi composta de conversas de Florianópolis (Sul), São Paulo (Sudeste), Brasília (Centro oeste), São Luís (Nordeste) e Belém (Norte). Tais cidades serviram de pano de fundo para a delimitação do *corpus* e do *lócus* da pesquisa.

Quando apontamos as dimensões de nosso território, sabemos das variações e mudanças existentes na forma de falar de cada região do país. Uma das questões que motivaram esse estudo foi verificar se também na comunicação escrita em meio digital é possível observar variações definidas regionalmente.

A coleta do material de análise consistiu em uma seleção de textos de salas de bate-papo, MSN, utilizadas por internautas falantes do português brasileiro nessas cinco capitais. Tais materiais foram identificados e analisados para que se procedesse a uma comparação entre as formas escritas usadas por eles, com vistas a observar a grafia e os sentidos dos termos/expressões utilizados.

Em termos de metodologia, poderíamos descrever os passos utilizados na coleta e análise dos dados, da seguinte forma:

- a) seleção de textos provenientes das salas de bate-papo;
- b) levantamento de todas as formas escritas que convergem ou divergem da ortografia oficial (denominadas nesta pesquisa de formas convergentes e divergentes) presentes nos textos selecionados;
- c) descrição das formas escritas divergentes, de modo a identificar o que as coloca em contraste com a forma escrita padrão;

d) análise dos processos fonológicos e/ou morfológicos que deram origem às formas escritas divergentes;

e) comparação dos resultados das análises de cada uma das capitais, de modo a traçar possíveis perfis dialetológicos;

Foram selecionados textos escritos em salas de bate-papo, MSN, por internautas, com os seguintes perfis:

(i) faixas etárias:

- 1: adolescentes (faixa etária de 14 a 18 anos);

- 2: adultos (faixa etária de 25 a 50 anos);

Com essas duas faixas etárias foram possíveis avaliar, por um lado, a escrita de adolescentes que nasceram na era da internet, sendo esse meio de comunicação, portanto, parte constitutiva de sua vida; e, por outro lado, a escrita de adultos que viram o surgimento da internet e começaram a fazer uso dessa forma de comunicação quando já possuíam certo grau de escolaridade e de letramento. Hipotetizamos que o uso da língua portuguesa na internet pelos adolescentes se daria de forma mais natural (coloquial) e frequente do que para os adultos. A partir de tal hipótese, quisemos avaliar qual é o uso que interfere na forma escrita da língua na sala de bate-papo.

(ii) naturalidade:

- naturais de São Paulo: capital representando a região Sudeste;

- naturais de São Luis: capital representando a região Nordeste;

- naturais de Belém: capital representando a região Norte;

- naturais de Brasília: capital representando a região Centro-Oeste;

- naturais de Florianópolis: capital representando a região Sul.

Como representantes das cinco regiões brasileiras, a escolha dessas cidades se justifica pela referência geográfica 'capital', pelo número populacional e pelo uso de chats de bate-papo por parte dos internautas ali residentes, de modo que forneceram dados para a constituição do *corpus* desta pesquisa.

Como já mencionamos acima, ao avaliarmos a escrita de internautas das diferentes regiões geográficas do Brasil, objetivamos construir uma amostra representativa dessa escrita nas salas de bate-papo brasileiras, podendo avaliar as convergências e divergências entre internautas brasileiros. Desse modo, objetivam-se as seguintes avaliações:

(1) identificar as convergências e divergências entre os internautas; e

(2) avaliar tais convergências e divergências em relação a uma norma estabelecida, quer sejam (i) a norma ortográfica e/ou (ii) a norma padrão (real) do português brasileiro.

(iii) escolaridade:

- ensino médio completo ou em andamento;

- com curso superior; e

- sem curso superior.

Para a faixa etária 1 (14 a 18 anos), apenas a categoria "ensino médio" se aplica, visto que nesse intervalo não há internautas com grau de escolaridade superior.

A divisão dos internautas em níveis de escolaridade foi proposta por partirmos da hipótese de que sujeitos com maior escolaridade têm maior contato com a escrita padrão e, conseqüentemente, maior domínio das suas

regras e funcionamento. Assim, esperávamos que pessoas com maior nível de escolaridade apresentassem as formas escritas das salas de bate-papo mais próximas à da escrita oficial do Português Brasileiro (doravante PB).

(iv) sexo/gênero:

A pesquisa contou com internautas de ambos os sexos/gêneros. Assim, avaliamos se a escrita na sala de bate-papo apresentou variação em função dessa variável extralinguística, à semelhança do que acontece com certos fenômenos na língua oral<sup>7</sup>.

Foram considerados 20 internautas por região, sendo 10 para cada faixa etária, 10 com ensino médio completo ou em andamento, 5 sem curso superior e 5 com curso superior. Os textos usados nesta pesquisa foram coletados com a permissão dos seus respectivos autores, mesmo recomendando que substituíssem os seus nomes por nomes fictícios, pois do contrário não alcançaríamos o nosso propósito.

Para que pudéssemos chegar aos internautas, fossem eles adolescentes ou adultos, buscamos pessoas conhecidas em cada uma das localidades selecionadas e a elas eram explicados os verdadeiros objetivos da pesquisa, tais como: seu objeto, o perfil dos internautas, etc. Quando éramos questionados acerca do que iria ser feito com aquelas conversas, era respondido o seguinte: “estamos querendo saber quais são os assuntos conversados com maior frequência por meio do MSN”. Tal resposta tinha por objetivo impedir interferências nas produções dos internautas, que poderiam monitorar seus textos caso soubessem que o foco da pesquisa era, exatamente, a forma de produção escrita.

---

<sup>7</sup> Alguns fenômenos como, por exemplo, determinadas gírias e expressões.

Portanto, as pessoas conhecidas do pesquisador faziam o primeiro contato com os internautas e perguntavam se o pesquisador poderia fazer o contato através do e-mail com o intuito de explicar os detalhes da pesquisa e solicitar que disponibilizassem cópias de suas conversas em ambiente virtual. Em ambos os grupos, tanto no de adolescentes quanto no de adultos, o espaço temporal para aquisição das cópias das conversas entre os internautas superou os seis meses. Os dados deste universo, que fazem parte deste estudo, foram coletados no período de outubro de 2008 a outubro de 2009

O levantamento e a categorização das formas dos textos em divergentes e convergentes em relação à norma escrita resultou em um universo de 21.381 ocorrências divididas entre as cinco capitais. Tal universo, após uma primeira análise, encontra-se dividido em 5.874 ocorrências divergentes do padrão e 15.507 convergentes ao padrão. Nesta amostra, 27,47% das ocorrências divergem do padrão de escrita estabelecido no país; ou seja, mais de um quarto desta amostra demonstra peculiaridades nas formas de estabelecer a troca de informações sem que seja rompida a comunicação.

Na figura 4, abaixo, podemos observar a distribuição de nossa amostra no território nacional e a quantidade de ocorrências coletadas por Estado.



Figura 4: Mapa indicativo-demonstrativo – cidades/ocorrências –  
 Fonte: mapa-base - [http:// www. Portalsaofrancisco .com.br / alfa/brasil/imagens/mapa-do-brasil-2.gif](http://www.Portalsaofrancisco.com.br/alfa/brasil/imagens/mapa-do-brasil-2.gif)

Para Bagno (2007, p.1) o uso da internet e o aparecimento desta nova forma de se comunicar surgem em função das mudanças presentes no mundo atual. Assim, "o internetês é um fenômeno decorrente das transformações sociais, culturais e tecnológicas do mundo contemporâneo". De acordo com o autor, esse fenômeno é salutar, a ponto de afirmar que "do ponto de vista dos usuários da língua, podemos até dizer que é bom, porque dá provas de vitalidade, de flexibilidade e capacidade de adaptação às exigências da vida moderna." (BAGNO, 2007, p1)

Foi acreditando na direção desta vitalidade, flexibilidade e capacidade de adaptação que esta pesquisa avançou. Podemos afirmar que, como toda língua natural em uso, o português brasileiro é uma variedade linguística em transformação, e que acompanha as dinâmicas do mundo atual, e esta nova forma de comunicação acompanha a velocidade da informação e ainda integra a construção de uma identidade linguística fortalecida por este ambiente diferenciado de comunicação.

## **5.2 Análise dos dados**

### *5.2.1 O papel dos fatores extralingüísticos*

Nesta sub-seção abordaremos os dados de acordo com a cidade fonte dos dados, a idade, o sexo e a escolaridade dos internautas. A fim de organizar nossa análise obedeceremos a ordem em que foram coletados os dados/cidade, sendo esta: Florianópolis, São Paulo, Brasília, Belém e São Luís. Em cada uma das cidades foram utilizadas dez conversas coletadas via msn (ambiente de bate-papo pela internet), no período de janeiro a junho de 2009. Estas conversas ocorreram entre dois grupos, cinco entre adultos e cinco entre adolescentes. Após coletadas as conversas e levantadas as quantidades de ocorrências chegamos aos seguintes indicadores que passamos a analisar nas subseções seguintes.

#### *5.2.1.1 Análise dos dados coletados em Florianópolis*

O universo de ocorrências obtidas através das dez conversas coletadas em Florianópolis é de 3.799. Deste universo temos 775 oriundas das conversas entre adolescentes e 3024 entre adultos. Cada grupo de ocorrências foi classificado entre obtidas pelo informante do sexo feminino e pelo informante do sexo masculino. A distribuição dos dados vem exposta no quadro 7, abaixo.

Ocorrências/Florianópolis				
Universo	Sexo	Quantidade/ percentual do total	Convergentes / percentual da amostra por sexo	Divergentes/ percentual da amostra por sexo
Adolescentes 775 ocorrências	feminino	469 - 60,51%	362 – 77,19%	107 – 22,81%
	masculino	306 - 39,49%	256 – 83,67%	50 – 16,33%
Adultos 3024 ocorrências	feminino	1.832 – 60,58%	1.192 – 65,07%	640 – 34,93%
	masculino	1.192 – 34,93%	658 – 55,20%	534 – 44,8%

Quadro 7: Ocorrências Florianópolis

Pelo quadro 7 observamos que, em Florianópolis, das ocorrências levantadas nas conversas entre adolescentes, 60,51% são obtidas nos registros do sexo feminino e 39,49% do sexo masculino. Ao analisarmos detalhadamente os dois universos, percebemos que tanto os informantes adolescentes do sexo masculino como do sexo feminino em Florianópolis usam mais expressões convergentes à escrita padrão do português brasileiro que as divergentes, observando-se que as informantes mulheres divergem mais, 22,81% de suas ocorrências, já os informantes homens em 16,33% de suas ocorrências. Em números globais, envolvendo ambos os sexos, os adolescentes florianopolitanos, no universo de suas ocorrências divergem em 20,25% e convergem em 79,75%.

Com relação às ocorrências nas conversas entre os adultos, observamos que 1032 são oriundas dos registros das informantes do sexo feminino e 1192 dos informantes do sexo masculino. Das ocorrências do sexo feminino, observamos que há um crescimento sensível de dados divergentes ao compararmos com os adolescentes: 34,93% do total de ocorrências são de formas das mulheres adultas contra 22,81% das adolescentes. Ocorre da mesma forma com os dados do sexo masculino: há um crescimento sensível com relação ao registro de dados divergentes em relação aos adolescentes, correspondendo nesse caso a 44,8%. Outro fator interessante de ser observado é o de que os adultos florianopolitanos do sexo masculino usam mais palavras divergentes em relação à escrita padrão, quando fazem uso das salas de bate papo que as mulheres ao contrário dos adolescentes do sexo masculino. Podemos visualizar melhor essa distribuição através do gráfico 2:

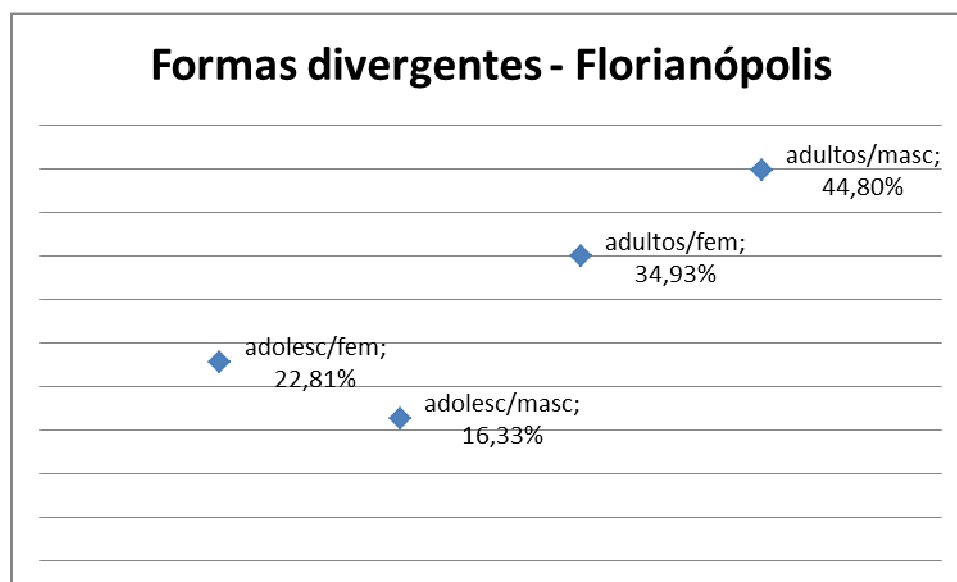


Gráfico 2 - Dados das ocorrências divergentes em adultos/adolescentes – Florianópolis

Ao observarmos o Gráfico 2, verificamos que a incidência dos dados divergentes entre os adultos é maior no sexo masculino, ocorrendo o contrário entre os adolescentes, que apresentam incidência maior de divergências no

sexo feminino. Assim, as mulheres adultas são mais fiéis ao padrão da língua que os homens, ocorrendo o mesmo entre os homens adolescentes.

### 5.2.1.2 Análise dos dados coletados em São Paulo

O universo de ocorrências obtidas pela análise das dez conversas coletadas em São Paulo é de 4.737. Deste universo temos 1.401 oriundas das conversas entre adolescentes e 3.336 entre adultos. A distribuição detalhada dos dados vem apresentada no Quadro 8:

Ocorrências/São Paulo				
Universo	Sexo	Quantidade/ percentual do total	Convergentes / percentual da amostra por sexo	Divergentes/ percentual da amostra por sexo
Adolescentes  1.401 ocorrências	feminino	675- 48,17%	318 – 47,12%	357 – 52,88%
	masculino	726 – 51,83%	423 – 58,27%	303 – 41,73%
Adultos  3.336 ocorrências	feminino	1.860 – 55,76%	1772 – 95,27%	88 – 4,73%
	masculino	1.476 – 44,24%	1244 – 84,28%	232– 15,72%

Quadro 8 – Ocorrências São Paulo

Das ocorrências levantadas nas conversas entre adolescentes, 48,17% são obtidas nos registros do sexo feminino e 51,83% do sexo masculino. Ao analisar os índices de formas divergentes, constatamos que são os adolescentes, tanto do sexo feminino como do sexo masculino, que mais

divergem da escrita padrão. Observamos, também, que esses dados apontam para uma “mescla” equilibrada de expressões convergentes e divergentes nos textos dos adolescentes paulistanos, pois seus índices são próximos a 50%. Em números gerais, envolvendo ambos os sexos, os adolescentes paulistanos, no universo de suas ocorrências divergem em 47,1% e convergem em 52,9%.

Com relação às ocorrências coletadas nas conversas entre os adultos, observamos que 1860 são oriundas dos registros das informantes do sexo feminino e 1476 dos informantes do sexo masculino. Das ocorrências do sexo feminino observamos que as mulheres adultas alcançam um índice de 95,27% de convergência, o que, se comparado ao universo das adolescentes do mesmo sexo, equivale a um pouco mais que o dobro das ocorrências. No sexo masculino, há uma diferença sensível com relação ao registro de dados convergentes: 84,28% dos adultos contra 58,27% dos adolescentes.

Outro fator interessante de ser observado é o de que os adultos paulistanos do sexo masculino e feminino, diferentemente dos florianopolitanos nesta mesma faixa etária, usam menos palavras divergentes com a escrita padrão, quando fazem uso das salas de bate papo, que os adolescentes, e seu comportamento representa um uso quase categórico das formas padrão. Podemos visualizar melhor tais correlações por meio da Gráfico 3 apresentado abaixo:

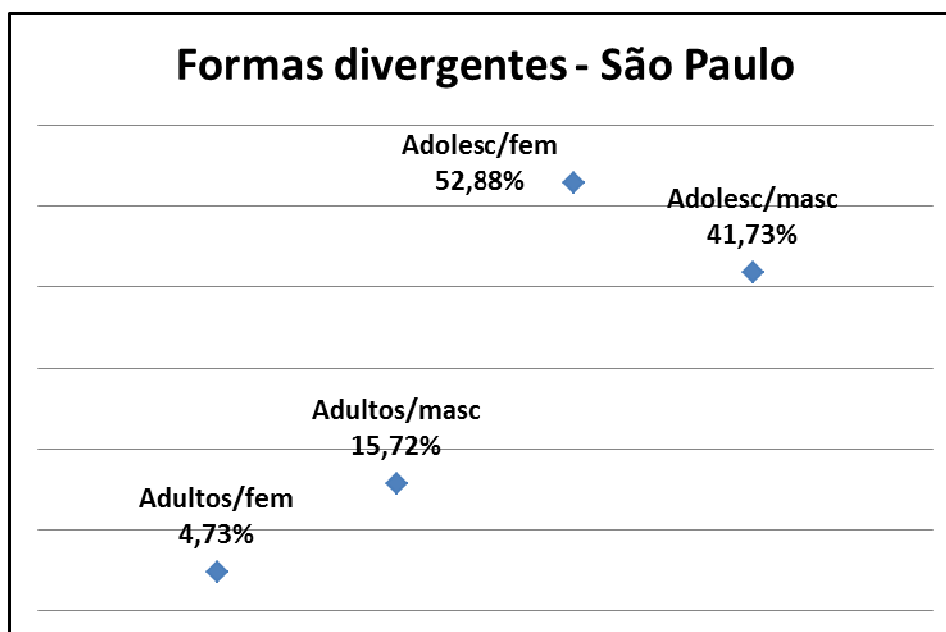


Gráfico3 - Dados de ocorrências divergentes em adultos/adolescentes – São Paulo

Ao compararmos esses índices com os observados para Florianópolis podemos perceber que em ambas as localidades a incidência dos dados divergentes entre os adultos é maior no sexo masculino, ocorrendo o contrário entre os adolescentes, para os quais a incidência maior de divergências se dá no sexo feminino. Em contrapartida as mulheres adultas são mais fiéis ao padrão da língua que os homens, ocorrendo o mesmo entre os homens adolescentes.

### 5.2.1.3 Análise dos dados coletados em Brasília

O universo de ocorrências obtidas através das dez conversas coletadas em Brasília é de 4.395. Deste universo, temos 2.325 oriundas das conversas entre adolescentes e 2.070 entre adultos, como mostra o Quadro 9:

Ocorrências/Brasília				
Universo	Sexo	Quantidade/ percentual do total	Convergentes / percentual da amostra por sexo	Divergentes/ percentual da amostra por sexo
Adolescentes  2325 ocorrências	Feminino	999 – 42,67%	672– 67,27%	327 – 32,73%
	Masculino	1326 – 57,03%	981– 73,98%	345 – 26,02%
Adultos  2070 ocorrências	Feminino	1.226 – 59,23%	1134– 92,5%	92 – 7,5%
	Masculino	844 – 40,77%	610– 72,27%	234 – 27,73%

Quadro 9: Ocorrências Brasília

Em Brasília, das ocorrências levantadas nas conversas entre adolescentes, 42,67% são obtidas nos registros do sexo feminino e 57,03% do sexo masculino. Ao observarmos detalhadamente os dois universos, perceberemos que são os informantes adolescentes do sexo feminino em Brasília que usam mais expressões divergentes em relação à norma escrita. Na sequência temos os homens adultos e os adolescentes do sexo masculino, com índices bastante próximos. Em números totais, envolvendo ambos os sexos, os adolescentes brasilienses, no universo de suas ocorrências divergem em 28,9% e convergem em 71,1%.

Com relação às ocorrências nas conversas entre os adultos, observamos que 1226 são oriundas dos registros das informantes do sexo feminino e 844 dos informantes do sexo masculino. Das ocorrências do sexo feminino observamos que há um decréscimo sensível de dados divergentes ao compararmos com os adolescentes: 7,5% do total de ocorrências são divergentes e 92,5% convergentes. Outro fator interessante de ser observado

é o de que os adultos brasileiros do sexo masculino usam mais palavras divergentes em relação à norma escrita quando fazem uso das salas de bate papo que as mulheres e, ainda, ao contrário do que acontece entre os adolescentes, eles superam as mulheres adultas. A Gráfico 4 expõe mais claramente essas correlações:

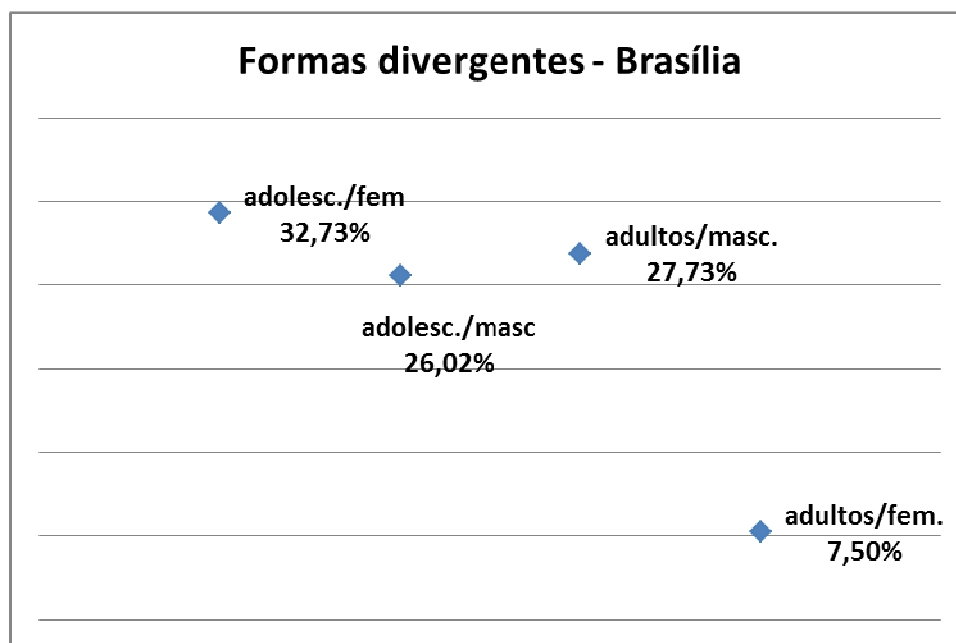


Gráfico 4 - Dados de ocorrências divergentes em adultos/adolescentes – Brasília

Os índices de frequência de uso de formas divergentes revelam claramente dois grupos: de um lado temos adolescentes (do sexo feminino e masculino), juntamente com os homens adultos, e, de outro, as mulheres adultas.

#### 5.2.1.4 Análise dos dados coletados em Belém

Na cidade de Belém, obtivemos um total de 2.885 dados. Deste universo temos 1.496 oriundas das conversas entre adolescentes e 1.389 entre adultos, como observamos na Quadro 10.

Ocorrências/Belém				
Universo	Sexo	Quantidade/ percentual do total	Convergentes / percentual da amostra por sexo	Divergentes/ percentual da amostra por sexo
Adolescentes  1496 ocorrências	Feminino	538– 35,96%	434– 80,67%	104– 19,33%
	Masculino	958 – 64,04%	746 – 77,87%	212 – 22,13%
Adultos  1389 ocorrências	Feminino	885 – 63,71%	774– 87,46%	111 – 12,57%
	Masculino	504 – 36,29%	459– 91,07%	45 – 8,93%

Quadro 10: Ocorrências Belém

Das ocorrências levantadas nas conversas entre adolescentes, 35,96% são obtidas nos registros do sexo feminino e 64,04% do sexo masculino. Não há uma diferença efetiva no comportamento dos jovens, sejam do sexo feminino ou masculino. Ambos concentram os índices mais altos de formas divergentes na amostra analisada: em números gerais, envolvendo ambos os sexos, os adolescentes belenenses divergem em 21,12% e convergem em 78,8%.

Com relação às ocorrências nas conversas entre os adultos, observamos que 885 são oriundas dos registros das informantes do sexo feminino e 504 dos informantes do sexo masculino.

Ao compararmos os dados dos adultos aos dos adolescentes, observamos um decréscimo sensível nos índices de formas divergentes nos textos dos primeiros. Esse decréscimo é mais acentuado entre os homens adultos. É o que se pode visualizar na Gráfico 5.

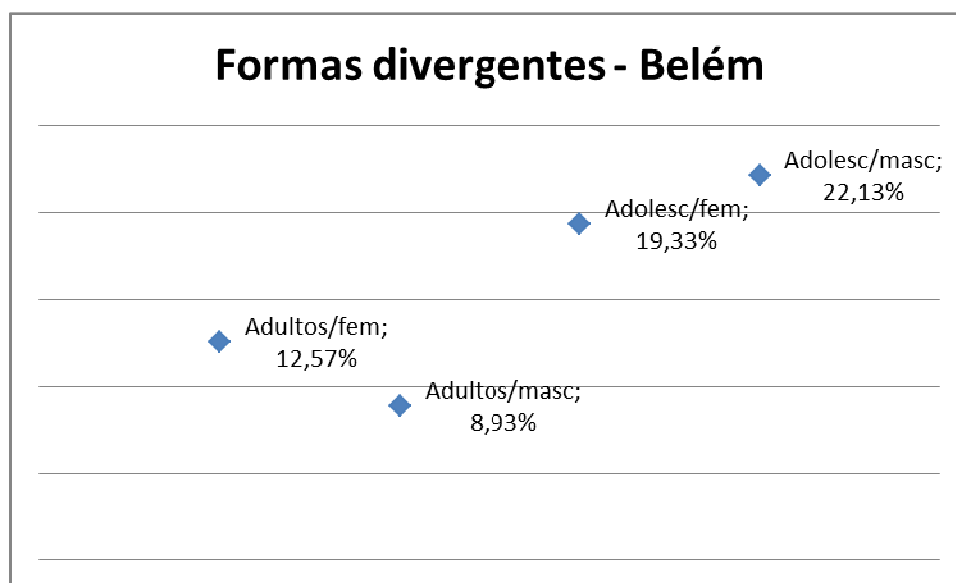


Gráfico 5 - Dados de ocorrências divergentes em adultos/adolescentes – Belém

O Gráfico 5 explicita mais claramente que, do grupo analisado, são os homens adultos os que apresentam o maior índice de formas dentro do padrão escrito da língua. Por outro lado, observa-se que quem mais diverge da escrita padrão são os adolescentes do sexo masculino.

#### *5.2.1.5 Análise dos dados coletados em São Luís*

Como vem exposto no Quadro 11 o universo de ocorrências obtidas nas dez conversas coletadas em São Luís é de 5.565, sendo 3.228 oriundas das conversas entre adolescentes e 2.337 entre adultos.

Ocorrências/São Luís				
Universo	sexo	Quantidade/ percentual do total	Convergentes / percentual da amostra por sexo	Divergentes/ percentual da amostra por sexo
Adolescentes 3228 ocorrências	Feminino	1144 – 35,44%	588 – 51,4%	556 – 48,6%
	Masculino	2084 – 65,56%	1228 – 58,93%	856 – 41,07%
Adultos 2337 ocorrências	Feminino	1029 – 44,03%	921– 89,5%	108 – 10,5%
	Masculino	1308– 55,97%	735– 56,19%	573 – 43,81%

Quadro 11 – Ocorrências São Luís

Das ocorrências identificadas nas conversas entre adolescentes, 35,44% são obtidas nos registros do sexo feminino e 65,56% do sexo masculino. A análise dos dois universos revela que são as informantes adolescentes do sexo feminino em São Luís que usam mais expressões divergentes em relação à escrita padrão, seguidas pelos homens adultos. Em números gerais, envolvendo ambos os sexos, os adolescentes ludovicenses, no universo de suas ocorrências divergem em 43,74% e convergem em 56,26%.

Com relação às ocorrências nas conversas entre os adultos, observamos que 44,03% são oriundas dos registros das informantes do sexo feminino e 55,97% dos informantes do sexo masculino. No que se refere ao emprego de formas divergentes, há um contraste significativo entre homens e mulheres nesse grupo. Por outro lado, os índices observados entre os homens adultos quase se equiparam aos dos adolescentes do sexo masculino e

também estão próximos ao índice das adolescentes do sexo feminino. Parece que sejam adultos ou adolescentes, há certa igualdade na forma em que utilizam a língua nos ambientes de troca de informação mediados pela internet.

A maior disparidade entre os dados se dá no sexo feminino, uma vez que as informantes mulheres adultas convergem em sua grafia para a norma culta, em 89,5% de sua amostra, já as adolescentes alcançam próximo da metade de sua amostra, ficando com 51,4%. Ao observarmos a Gráfico 6, disposta a seguir, esta afirmação se traduz de forma mais clara, revelando uma distribuição semelhante ao que já havíamos observado em Brasília.

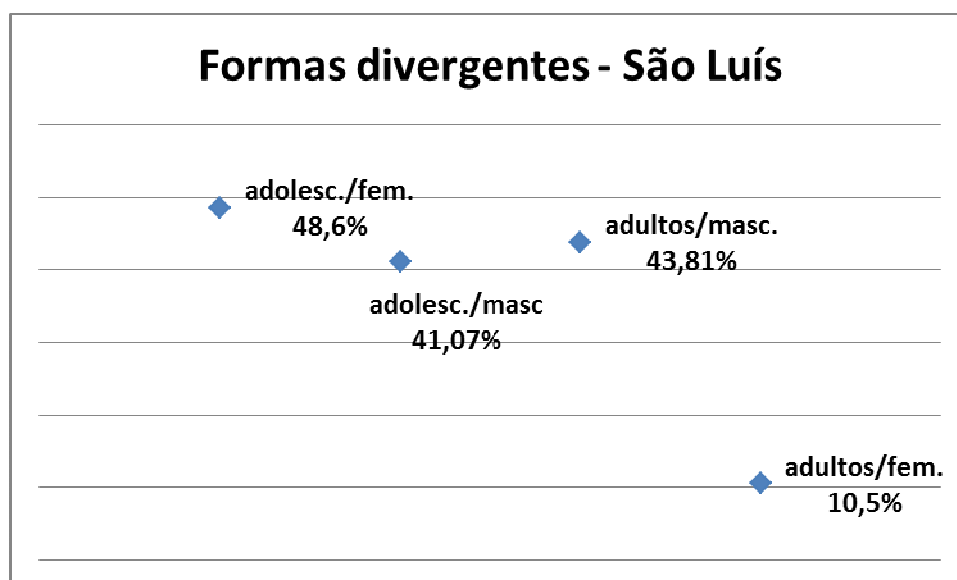


Gráfico 6 - Dados de ocorrências divergentes em adultos/adolescentes – São Luís

#### 5.2.1.6 Considerações gerais acerca dos resultados obtidos

Ao longo das análises das ocorrências por localidade alguns dados por região nos chamaram atenção. Os dados pontuados em cada região servirão de base, nesta subseção, para destacar evidências que contribuirão para os resultados do que foi proposto neste estudo.

Ao observarmos o quadro 12, abaixo, temos um panorama das regiões estudadas, a partir dos dados divergentes. Nesta análise, podemos

inferir que quanto menos se diverge da escrita padrão, mais conservador é o grupo. .

Resultados divergentes - parâmetros sexo e categorização idade						
		Florianópolis	São Paulo	Brasília	Belém	São Luís
Adolescentes	Feminino	22,81%	52,88%	2,73%	9,33%	8,60%
	Masculino	16,33%	41,73%	6,02%	2,13%	1,07%
Adultos	Feminino	34,93%	4,73%	,50%	2,57%	0,50%
	Masculino	44,80%	15,72%	7,73%	,93%	3,81%

Quadro 12 – Divergentes – cidades/idade/sexo

Com base nos índices mostrados no Quadro 12, temos evidências de que as informantes adultas paulistanas são as mais conservadoras de toda a análise feita, seguidas pelas os informantes adultas brasilienses. Na sequência temos os homens adultos belenenses, as mulheres adultas ludovicenses e os informantes adolescentes florianopolitanos do sexo masculino. Um dado que se destaca neste universo é o fato de que na cidade de Florianópolis são os adolescentes do sexo masculino os mais conservadores, o que vai contra uma hipótese geral, comprovada para outros fenômenos em variação, de que os adultos seriam mais resistentes a mudanças.

Por região temos resultados: na cidade de Florianópolis os adolescentes do sexo masculinos são os mais conservadores e os adultos do sexo masculinos os menos conservadores. Na cidade de São Paulo são os adultos do sexo feminino os mais conservadores e os adolescentes do sexo feminino os menos conservadores. Já na cidade de Brasília os mais conservadores são os adultos do sexo feminino e os menos conservadores os adolescentes do sexo feminino. Da mesma forma em São Luís, os adultos do sexo feminino são os mais conservadores e os adolescentes do sexo feminino os menos conservadores. Podemos concluir, então, que nas cidades de São Paulo, Brasília e São Luís as mulheres adultas são as mais conservadoras e as mulheres adolescentes as menos conservadoras. Outra constatação é na cidade de Belém, os adultos do sexo masculino são os mais conservadores e as adolescentes do sexo feminino as menos conservadoras.

Este resultado reforça a visão de Luchesi (2004, p.90) de que:

A visão unitária de uma única língua que recobre as diferenças lingüísticas, tanto no plano diastrático das diferenças sociais, quanto no plano diatópico das diferenças regionais, fundamenta-se, para além dos influxos políticos, na perspectiva teórica que focaliza o funcionamento abstrato da língua circunscrito à sua função comunicativa, ou é tributária da teoria de uma competência lingüística que reflete os mecanismos mentais do funcionamento da faculdade da linguagem, abstraídas as condições concretas de uso da língua.

Resultados divergentes - categorização idade					
	Florianópolis	São Paulo	Brasília	Belém	São Luís
Adolescentes	19,57%	47,31%	29,38%	20,73%	44,84%
Adultos	39,87%	10,23%	17,62%	10,75%	27,16%

Quadro 13 – Divergentes – cidades/idade

Reforçando esta informação, oriunda das análises, o Quadro 13 agrega dados condensados por faixa etária, independentemente de sexo: os resultados ressaltam os adolescentes de Florianópolis e os de Belém como os que menos divergem, ou seja, são, no universo das cinco regiões estudadas os mais conservadores.

Ao agregarmos os dados e calcularmos as médias por sexo, verificamos que as mulheres e os homens de Belém são os mais conservadores. Dados que podem ser observados no Quadro 14:.

Resultados divergentes – sexo					
	Florianópolis	São Paulo	Brasília	Belém	São Luís
Feminino	28,87%	28,81%	20,12%	15,95%	29,55%
Masculino	30,57%	28,73%	26,88%	15,53%	42,44%

Quadro 14 – Divergentes – cidades/sexo

O Quadro 15 condensa os resultados por região. As médias apontam que, das cidades estudadas, Belém é a cidade em que os “internautas” são mais conservadores e São Luís em que estão os que mais se divergem. Dado interessante, uma vez que Belém encontra-se na região norte e São Luís na região nordeste, e a proximidade geográfica não foi uma prerrogativa para a proximidade de comportamentos.

Resultados divergentes – Região					
	Florianópolis	São Paulo	Brasília	Belém	São Luís
Média da cidade	29,72%	28,77%	23,50%	15,74%	36%

Quadro 15 – Divergentes –média resultados cidades

Para Freitag e Fonseca (2006, p 39):

O uso da língua em ambientes de comunicações virtuais está indo em direção ao surgimento de um subconjunto da norma padrão – uma espécie de subnormal condicionadas pelas pressões do meio. Cabe salientar que não se trata de mais uma variedade mas sim de um subconjunto da norma pois não podemos fazer a associação entre variedade e região.

Thurlow e Brown (2003) sugerem que para se estabelecer a comunicação em ambientes virtuais é necessário que o internauta domine a norma padrão de sua língua. O internauta que não domina a norma padrão não pode valer-se da reestruturação paralinguística. Segundo os autores:

A recuperação de vogais elididas, por exemplo, só pode ser feita por um internauta que tenha intuições linguísticas aguçadas, tanto para o usuário remetente que codifica, como para o destinatário que decodifica. (THURLOW; BROWN 2003, p. 15 ).

Desta forma podemos constatar a partir dos dados analisados que existem três máximas que devem ser observadas nos ambientes virtuais de comunicação apontadas por Thurlow e Brown (2003):

- a) Todas as convenções no âmbito do “internetês” são estabelecidas a partir da norma padrão;
- b) Para se comunicar neste ambiente é preciso dominar a norma padrão e as máximas de interação entre os seus usuários;

- c) As diferenças dialetais são sempre minimizadas por seus usuários.

Desta forma explica-se que existam situações em que pessoas com mais vivência no uso da norma padrão, seja pelo nível cultural, social, seja pela idade cronológica, nível de escolaridade possam abolir determinadas convenções com a finalidade de estabelecer a comunicação de forma mais próxima à habitual naquele universo. Esta pode ser uma explicação para o caso de Florianópolis com relação aos adultos, que apresentam um índice comparativamente alto de formas divergentes. Podemos inclusive inferir que o uso da internet é um fato recente para os mais idosos, mas para os mais jovens pode se configurar a representação iconográfica de sua existência, pois nasceram em um ambiente em que esta forma de ter acesso a comunicação e de se comunicar é uma realidade.

As dimensões do Brasil e as variações e mudanças linguísticas de cada região não comprometem a comunicação; observamos ao longo desta pesquisa que, independente da faixa etária e do sexo, a comunicação não é comprometida, em sua expressão escrita, mesmo diante das variações existentes em relação à norma padrão, estabelecidas nos ambientes virtuais.

Nesta seção, apresentamos o universo da pesquisa, especificando os procedimentos metodológicos adotados e as descrições e análises dos dados que compõem o *corpus* desta pesquisa, a comparação entre os usos observados em cada uma das capitais estudadas.

### *5.2.2 Caracterização das formas escritas divergentes*

As conversas nas salas de papo são caracterizadas pela criação de um espaço em que o ambiente virtual se aproxima muito do mundo real. Desta forma, os internautas se comunicam por meio de sua língua materna, utilizando mecanismos de representação gráfica (modalidade escrita), seguidos muitas vezes de “onomatopeias”, “rebus”, dentre outras figuras, visando à

configuração de um ambiente que poderíamos caracterizar como “mediano” entre a escrita formal e aspectos da prosódia. Assim, de um modo geral, podemos afirmar que a escrita usada por eles segue as regras ortográficas de sua língua materna, o que lhes permite alcançar eficiência comunicativa.

Os internautas das 5 regiões brasileiras, ao se comunicarem nas diferentes regiões do país usam o português brasileiro (PB), seguindo suas normas e regras, como podemos observar em trechos retirados do *corpus* analisado nesta pesquisa, os exemplos (5.1 – 3), dispostos abaixo:

(5.1)

(...) pela manhã ia ser dividido por área (...)

(São Luís, V.S, masculino, adolescente, 17 anos, ensino médio)

(5.2)

(...) olha a criança falando(...)

(São Luís, J., feminino, adolescente, 17 anos, ensino médio)

(5.3)

(...) já sei... vamos falar do dia da sua depressão (...)

(São Luís, S.P., feminino, adolescente, 17 anos, ensino médio)

Como podemos verificar pelos dados acima apresentados, a comunicação nas salas de bate papo segue as normas ortográficas do português. No exemplo (5.1) observamos o uso do dígrafo “nh” para representar a nasal palatal e o til para indicar vogal nasal na palavra *manhã*; bem como o uso da consoante “r” para marcar o infinitivo em *ser*; a vogal “o”

em posição átona final na palavra *dividido*, vogal essa que se realiza como posterior alta na língua falada.

No exemplo (5.2) temos as letras “lh” para representar a lateral palatal na palavra *olha*; “ç” para representar a fricativa que segue da vogal nasal alveolar surda na palavra *criança* e a terminação *-ndo* como marca do gerúndio, em *falando*<sup>8</sup>.

As reticências em (5.3) representam o tom suspenso das ideias que antecedem e sucedem a fala expressa. Podemos observar que a forma verbal composta *vamos falar* traz a desinência número pessoa *-mos* de primeira pessoa de plural e a consoante “r”, em posição de coda, designando a marca de infinitivo, exigências da escrita oficial. Ainda no exemplo (5.3), podemos verificar as consoantes “ss” para representar a fricativa alveolar surda /s/ em posição intervocálica, bem como o uso do til para indicar que estamos diante de vogal nasal, no caso de *depressão*.

Como podemos observar pelos exemplos trabalhados, dentre outros que aparecem no *corpus*, as regras ortográficas não são estranhas aos usuários de salas de bate-papo e são usadas com frequência pelos mesmos.

Apesar de os internautas usarem um código escrito com regras bem definidas e, na grande maioria das vezes, estarem cientes delas, fazendo uso das mesmas, como verificamos nos exemplos (5.1), (5.2) e (5.3), as mesmas formas escritas podem divergir da norma culta, sem, contudo, evidenciar um desconhecimento por parte do internauta. Ao contrário, esta divergência é utilizada como um mecanismo de aproximação da fala espontânea, fazendo emergir o espaço mediano entre fala e escrita citado anteriormente. Tais divergências são muito abundantes nesse ambiente de comunicação.

---

<sup>8</sup> O gerúndio no PB na fala é normalmente realizado sem a presença da oclusiva alveolar sonora. A presença do *-ndo* é exigida na escrita oficial.

Mas o que falar dessas formas divergentes? Elas são particulares a cada internauta? Alternam-se de acordo com a situação e/ou momento de representação da fala? Comprometem a inteligibilidade comunicativa? Violam o sistema linguístico? Variam de região para região?

A análise das formas de representação da fala por meio da linguagem escrita que divergem da norma culta pode trazer indícios para responder a essas perguntas e, ainda, pode evidenciar que, diferentemente do caos visual que um texto proveniente de uma sala de bate-papo possa aparentar, como podemos observar no quadro 16, a criação dessas formas divergentes conta com regras e critérios que são de natureza linguística, tanto no que se refere à organização do sistema, como no que se refere aos mecanismos de processamento da linguagem oral ou escrita.

Data	Hora	De	Para	Mensagem
20/10/2008	18:04:42	-	]/[b]/[c]	eu nunca falei com ela
20/10/2008	18:04:51	-	]/[b]/[c]	vai ela viu add puxando papinhu
20/10/2008	18:04:52	-	]/[b]/[c]	ihaoihoiahoiahoiahoia
20/10/2008	18:04:56	-	]/[b]/[c]	dai eu axei estranhu
20/10/2008	18:04:58	-	]/[b]/[c]	ihooaiohoiahoiahoia
20/10/2008	18:05:12	]/[b]/[c]	-	ela comço puxa papo ?
20/10/2008	18:05:15	]/[b]/[c]	-	suiehiuse

Quadro 16: mensagem instantânea do *chat*

No quadro 16, podemos observar que a conversa coletada apresenta palavras cuja grafia difere das regras padrão do PB; a referenciação se estabelece a partir de sua proximidade em termos de representação sonora.

É o que observamos, por exemplo, na terceira linha da coluna “mensagem” do exemplo apresentado no quadro 16, acima: ali encontramos a palavra “pa.pi.nhu”. Constatamos que o internauta representou a vogal final da última sílaba da palavra com base no som que ele pronuncia ao falar. Podemos representar, então, da seguinte forma, como demonstrada em (5.4).

(5.4)

Grafia padrão em PB	Grafia do Internauta	Transcrição fonética
pa.pi.nho	pa.pi.nhu	[πα.πι.ν]

(A.L, São Paulo, adolescente, 18 anos, ensino médio, feminino)

Observamos que o informante (internauta), expressa, mesmo que de forma não intencional, a representação do som da palavra; acreditamos ser esta uma marca de aproximação entre o ambiente virtual e o ambiente real de fala espontânea.

Nas linhas que se seguem encontramos outras palavras em que a grafia tem as mesmas características. Tais palavras são destacadas no quadro (5.5), a seguir.

(5.5)

Grafia padrão em PB	Grafia do Internauta	Transcrição fonética
a.chei	a.xei	[α.Σει]
es.tra.nho	es.tra.nhu	[ισ.τΡα.ν]
co.me.çou	co.me.ço	[κο.με.σο]
pu.xar	pu.xa	[πυ.κα]

(A.B, São Paulo, adolescente, 18 anos, ensino médio, feminino)

Observamos, por meio dos dados evidenciados em (5.5), que o informante (internauta), tal como em (5.4), representa a fala como se estivesse em um ambiente de fala espontânea. Embora conheça regras de ortografia, neste momento não é este o seu propósito maior; o que busca é estabelecer

uma comunicação da forma mais próxima à que teria em um bate papo informal em ambiente “real”. Observamos, além da supressão de consoantes na representação gráfica, o apagamento de semivogal final em posição de coda, bem como o apagamento da desinência de infinitivo, normalmente suprimida na fala nesta posição, de coda.

Nosso levantamento de dados a partir das conversas de 100 internautas revelou uma profusão de formas convergentes e divergentes, tal como apresentado no quadro 17.

	Universo total de ocorrências	Divergentes	Convergentes
Adolescentes	9.225	3.217	6.008
Adultos	12.156	2.657	9.499

Quadro 17. Universo de ocorrências na amostra

Apesar do expressivo volume de formas divergentes em relação à norma padrão escrita, as análises realizadas nos permitem verificar que essas diferentes formas de escrita apresentam certas características e padrões que podemos organizar em grupos, segundo os processos que as caracterizam:

1) uso da abreviação (por exemplo: OMG: Oh my God (Oh meu Deus); A.K.A: Also Known As (também conhecido como); OWNED: Gíria de fracasso ou humilhação. Também pode ser dito como algo que você fez muito bem. Ex: "Ownei naquele jogo"; PWNED: Perfect Owned);

2) uso de onomatopeia (por exemplo: kkk – risada);

3) eliminação ou alteração do acento gráfico (por exemplo: ta, ape);

4) substituição ou apagamento de consoantes e/ou vogais - podendo ser classificado também como abreviação (por exemplo: blz (beleza), tb (também),, flw (falou despedida);

5) registro da oralidade (por exemplo: falanu, comendu, papi, apê).

Além das formas escritas que divergem da ortografia oficial, nos textos das salas de bate-papo dos adolescentes e adultos que compõem o *corpus* da pesquisa, encontramos outros recursos gráficos que devem ser levados em conta, uma vez que podem representar um estado emocional, ou sentimento do informante naquele ambiente de comunicação. Podemos exemplificar o uso de letras maiúsculas representando que está falando alto, de forma alterada ou mesmo zangado; uso de sinais de pontuação configurando uma ênfase em uma pergunta seguida de surpresa, como o uso seguido de sinais de interrogação (???????); ou de surpresa com o uso da exclamação (!!!!!!!!!), ou de um estado de espírito, utilizando os sinais para a formação de “emoticons” ( ;-) ); ( :- ( ) . Tais usos foram categorizados como:

6) rebus<sup>9</sup>;

7) símbolos;

8) letras maiúsculas;

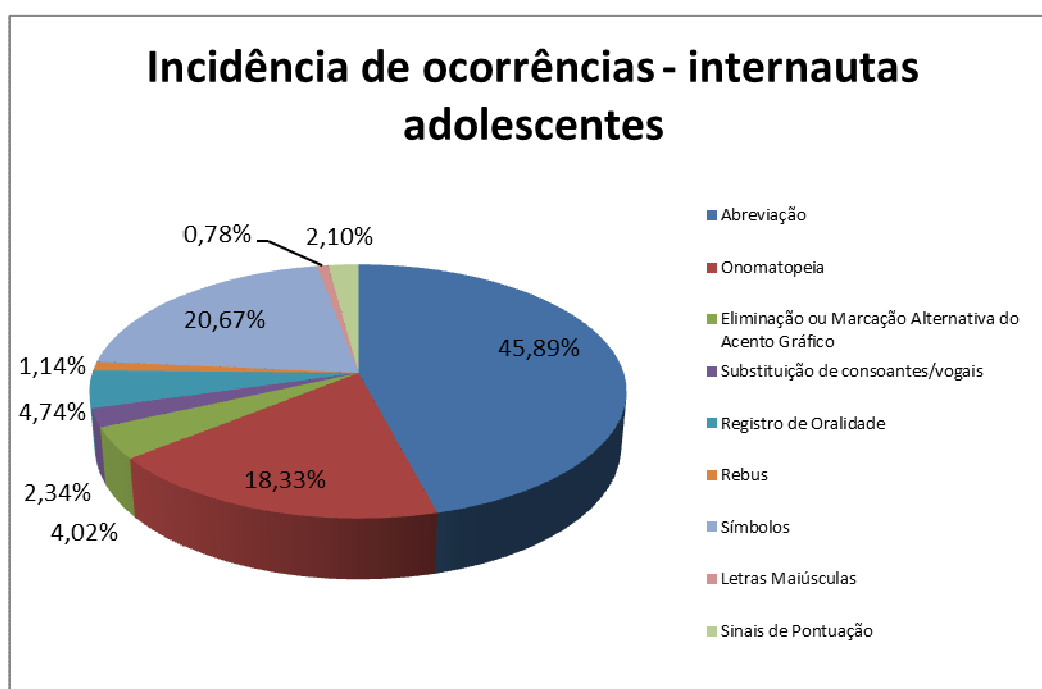
9) sinais de pontuação.

A partir do levantamento das ocorrências e registro dentro das categorias citadas acima, pudemos analisar a incidência e ocorrência maior ou menor dessas categorias nos dois grupos, adolescentes e adultos, e ainda por

---

9 O rebus é a representação de palavras ou frases por meio de desenhos ou sinais, como por exemplo: d+. (SILVA, 2009, p.35). Segundo Massini-Cagliari e Cagliari (1999, p. 25), “existem muitas maneiras de se representar os sons de uma palavra. Podemos representar as suas sílabas, os seus segmentos e até partes maiores (como [...] nos exemplos de rebus) – ou mesmo a palavra como um todo”.

região. As porcentagens de ocorrência das categorias de formas de escrita encontradas nos textos analisados são dispostas nos gráficos 7 e 8, correspondendo, respectivamente, aos resultados dos adolescentes e dos adultos. O resultado que salta imediatamente aos olhos é o predomínio da abreviação dentre as categorias identificadas, em ambos os grupos: corresponde a 46% das formas usadas pelos adolescentes e 67% das formas usadas pelos internautas adultos.



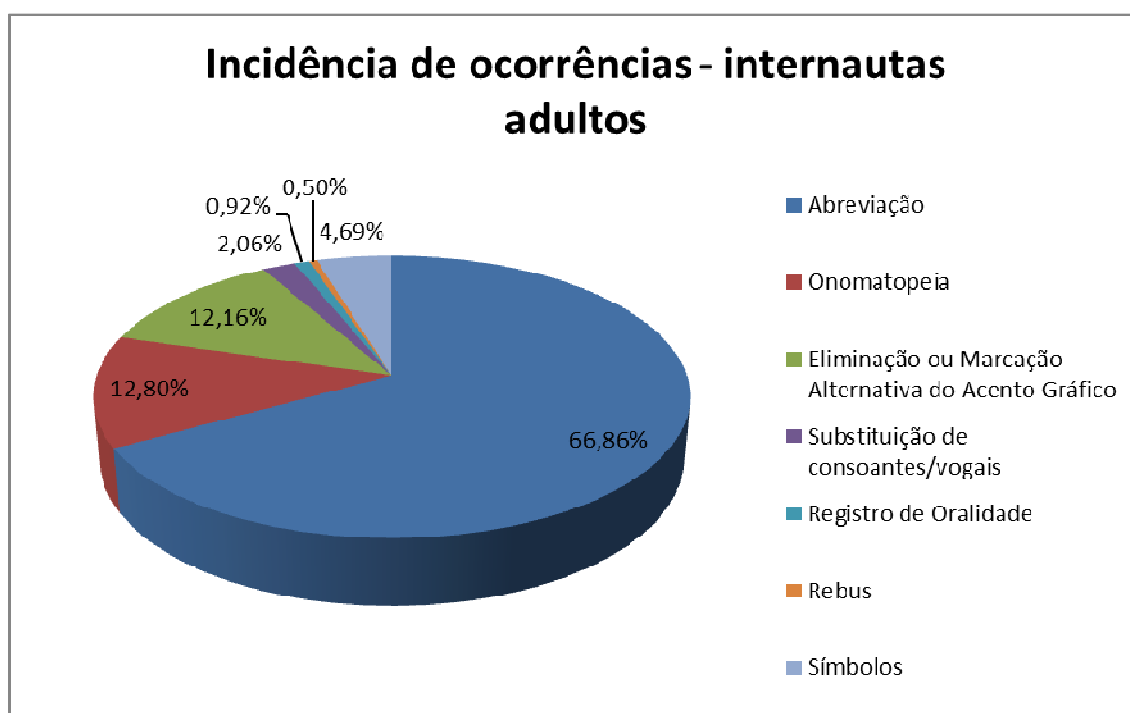
**Gráfico 7:** incidência de ocorrências das formas escritas divergentes encontradas no *corpus*/adolescentes.

Verificamos também no gráfico 7 que, depois da abreviação, as categorias símbolos (20,67%) e onomatopeia (18,33%) são as mais frequentes nos textos dos adolescentes. Constatamos que somente essas três categorias reúnem 85% do total de ocorrências analisadas na presente pesquisa.

A predominância dessas categorias no *corpus* pode indicar, no caso da abreviação, por exemplo, a necessidade de simplificar a forma linguística escrita, a fim de ajustá-la ao contexto conversacional virtual, que requer velocidade na troca de turnos, assim como ocorre nas conversações face a face. Já o uso dos símbolos e de onomatopeias pode ser uma indicação da

necessidade que tem o internauta de, na interação sincrônica virtual, compensar os recursos de que dispõe em uma interação presencial para expressar sensações e sentimentos, mas que estão ausentes do ambiente virtual.

O uso frequente de tais categorias nas interações efetivadas por esses internautas nas salas de bate-papo evidencia que essa prática social comunicativa, realizada por meio da escrita, vale-se de recursos linguísticos que remetem à linguagem oral, revelando a imbricação existente entre linguagem falada e escrita, conforme ressalta Marcuschi (2007).



**Gráfico 8:** incidência de ocorrências das formas escritas divergentes encontradas no *corpus/adultos*.

No *corpus* de dados representativos do uso de internautas adultos (cf. gráfico 8), observa-se, que, depois da abreviação, as categorias onomatopeia (12,8%) e eliminação ou marcação alternativa do acento gráfico (12,16%) são as mais frequentes. Constatamos que somente essas três categorias reúnem 91,82% do total de ocorrências entre adultos analisadas na presente pesquisa. Tais dados podem indicar que a abreviação, tal qual como

ocorre com os adolescentes, é usada em função da necessidade do ajuste ao contexto conversacional virtual. As onomatopeias são também recursos utilizados pelos adultos como índice de aproximação entre o texto do chat e a fala espontânea, tal qual ocorre com os adolescentes. A eliminação ou marcação alternativa do acento gráfico parece convergir para a mesma causa do uso da abreviação, representando a velocidade da fala e imprimindo um maior ritmo conversacional, estabelecendo mais uma vez esta relação de sincronia. Observa-se que no ambiente dos adultos há uma necessidade maior de outros pontos de ancoragem com os elementos que transitam no mundo real.

Apresentamos, a seguir, um quadro demonstrativo das ocorrências de formas divergentes que representam as categorias citadas anteriormente coletadas nas cinco regiões, no universo dos adolescentes pesquisados.

Demonstrativo da frequência das categorias levantadas por cidade e sexo Adolescentes						
Região/cidade	Feminino		Masculino		Total	%
	Total	%	Total	%	Total	%
Paulistanos	1.009	51,11	965	48,89	1974	59,21
Ludovicenses	301	48,71	317	51,29	618	18,53
Belenenses	67	28,03	172	71,97	239	7,17
Brasilienses	237	56,97	179	43,03	416	12,48
Florianopolitanos	56	64,37	31	35,63	87	2,61
TOTAL	1.670	50,08	1.664	49,92	3.334	100

Quadro 18 – Distribuição de ocorrências considerando as variáveis *sexo* e *cidade* (Adolescentes).

Podemos observar no Quadro 18 que houve uma equivalência entre o número total de ocorrências verificadas, seja no sexo masculino, seja no sexo feminino. Observamos também que essa distribuição equilibrada se mantém em São Paulo, São Luís e Brasília. No entanto, ao atentarmos para as cidades de Belém e de Florianópolis, nesta ordem, a distribuição se altera no que se refere aos resultados gerais para a variável sexo. Em Belém os recursos encontrados nos textos das salas de bate-papo são mais frequentes nos informantes do sexo masculino; em contrapartida, em Florianópolis este fenômeno se inverte, sendo mais recorrente nos textos das adolescentes.

É importante destacar que as cidades de Belém e de Florianópolis são as que apresentaram os menores números de ocorrências de formas divergentes de escrita, que estamos analisando como manifestação de internetês. Independentemente do gênero, os resultados obtidos apontaram proporcionalmente mais formas que atendam as regras ortográficas por, talvez, os jovens que forneceram os textos apresentarem uma cultura letrada, ou de linguagem, mais próxima da do adulto. O uso do léxico, seu funcionamento mais próximo do padrão, do normativo, limitando-se à estrutura da palavra, da oração, do período ou da frase, indica a proximidade com a norma padrão.

Apresentamos a seguir a distribuição por sexo/região das ocorrências correspondentes às categorias elencadas nesta pesquisa, a partir dos registros das salas de bate-papo no universo dos adultos.

Demonstrativo da frequência das categorias levantadas por cidade e sexo/ Adultos						
Região/cidade	Feminino		Masculino		Total	%
	Total	%	Total	%	Total	%
Paulistanos	37	26,42	103	73,57	140	9,69
Ludovicenses	64	34,97	119	65,02	183	12,67
Belenenses	190	52,19	174	47,80	364	25,20
Brasilienses	130	40,37	192	59,62	322	22,29
Florianopolitanos	251	57,70	184	42,29	435	30,12
TOTAL	672	46,53	772	53,46	1444	100,0

Quadro 19 – Distribuição de ocorrências considerando as variáveis *sexo e cidade* (Adultos).

De acordo com os dados expostos no Quadro 19, em uma análise geral, envolvendo todas as cidades, observa-se que há um equilíbrio com relação à frequência do uso das formas divergentes por parte de homens e mulheres nas salas de bate-papo. No entanto, os índices específicos das cidades pesquisadas revelam alguns comportamentos contrastantes: as cidades de São Paulo e de São Luís apresentam um forte contraste na distribuição das ocorrências entre homens e mulheres. Diferentemente dos dados dos adolescentes em que em um estado a incidência maior de ocorrências se dava no sexo feminino e em outro no sexo masculino, neste segmento, a incidência maior de ocorrências se deu somente no sexo masculino, nas cidades que apresentaram contraste.

Os dados apresentados no Quadro 20 referem-se ao grupo 2 adulto, especificamente em relação à distribuição das formas de escrita segundo o grau de escolaridade do informante. A categoria 'nível superior' não se aplicará aos adolescentes, impedindo, assim, uma comparação efetiva entre os dois grupos, nesse quesito.

Demonstrativo da frequência de ocorrências por grau de escolaridade/ Adultos						
Escolaridade	Nível Superior		Sem Nível Superior		Total	%
	Total	%	Total	%	Total	%
Paulistanos	100	71,42	40	28,57	140	9,69
Ludovicenses	128	69,94	55	30,05	183	12,67
Belenenses	220	60,43	144	39,56	364	25,20
Brasilienses	137	42,54	185	57,45	322	22,29
Florianopolitanos	102	23,44	333	76,55	435	30,12
TOTAL	687	47,57	757	52,42	1444	100

Quadro 20 – Distribuição de ocorrências considerando a variável *Grau de Escolaridade* (Adultos).

A partir dos dados explicitados no Quadro 20, é interessante observar que os paulistanos com menor escolaridade recorrem muito menos ao uso dessas categorias em comparação aos informantes com nível superior completo, fato este que se repete entre os ludovicenses e belenenses. Entre os brasilienses poderíamos afirmar que há certo equilíbrio; somente entre os florianopolitanos a incidência de formas divergentes entre os que têm menor escolarização se dá de forma mais visível. Tal fator não chega a desequilibrar a média entre as regiões, mas deve ser levado em consideração quando da análise individualizada dos adultos de Florianópolis.

Apresentamos, a seguir, a distribuição das ocorrências identificadas nos textos produzidos pelos adolescentes, levando em conta a especificidade do processo utilizado, a cidade de origem e o sexo.

Categorias'	Número de ocorrências por cidade/internautas adolescentes											
	Internauta paulistanos		Internautas ludovicenses		Internautas belenenses		Internautas brasilienses		Internautas Florianopolitanos		Total	%
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%		
Abreviação	825	53,92%	352	23,01%	155	10,13%	145	9,48%	53	3,46%	1.530	45,89%
Onomatopeia	395	64,65%	86	14,08%	38	6,22%	90	14,73%	2	0,33%	611	18,33%
Eliminação ou Marcação Alternativa do Acento Gráfico	27	20,15%	26	19,40%	17	12,69%	54	40,30%	10	7,46%	134	4,02%
Substituição de consoantes/vogais	66	84,62%	4	5,13%	1	1,28%	4	5,13%	3	3,85%	78	2,34%
Registro de Oralidade	117	74,05%	12	7,59%	2	1,27%	22	13,92%	5	3,16%	158	4,74%
Rebus	18	47,37%	12	31,58%	3	7,89%	3	7,89%	2	5,26%	38	1,14%
Símbolos	478	69,38%	97	14,08%	15	2,18%	93	13,50%	6	0,87%	689	20,67%
Letras Maiúsculas	11	42,31%	10	38,46%	3	11,54%	-	-	2	7,69%	26	0,78%
Sinais de Pontuação	37	52,86%	19	27,14%	5	7,14%	5	7,14%	4	5,71%	70	2,10%
<b>TOTAL</b>	<b>1.974</b>	<b>59,21%</b>	<b>618</b>	<b>18,54%</b>	<b>239</b>	<b>7,17%</b>	<b>416</b>	<b>12,48%</b>	<b>87</b>	<b>2,61%</b>	<b>3.334</b>	<b>100%</b>

Quadro 21: Número de ocorrências por cidade /internautas adolescentes.

Como podemos observar, no Quadro 21, o número total de ocorrências, assim como a frequência de uso das estratégias de escrita pode variar tanto de uma região/cidade para outra, quanto em função da variável sexo. Ainda assim, com poucas exceções, todas as categorias estão representadas no *corpus* de textos dos adolescentes. Uma discussão mais detalhada desses usos é desenvolvida em 5.2.1.1.

No entanto, ao compararmos com os resultados dos internautas adultos, apresentados no quadro 22 abaixo, constatamos que alguns tipos de ocorrências não aparecem, ou são pouquíssimo utilizados. Podemos destacar o caso da troca de consoantes e vogais, uso de rebus, de símbolos, de letras maiúsculas e de sinais de pontuação. Uma hipótese a ser investigada pode ser a de que os adultos estão muito familiarizados com a escrita formal, e seu acesso a novas tecnologias tenha se dado em idade mais avançada, diferente

dos adolescentes que nasceram em meio à revolução tecnológica; haveria, assim, uma resistência maior, mesmo que involuntária ao uso destas categorias por parte dos adultos.

A seguir, no Quadro 22, apresentamos o número das ocorrências identificadas nos textos produzidos pelos adultos, levando em conta a especificidade das regiões e das categorias:

Categorias <sup>1</sup>	Número de ocorrências por cidade/internautas adultos											
	Internautas paulistanos		Internautas ludovicenses		Internautas belenenses		Internautas brasilienses		Internautas Florianopolitanos		Total	%
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%		
Abreviação	126	13,40%	137	14,57%	227	24,15%	231	24,57%	219	23,30%	940	66,86%
Onomatopeia	5	2,78%	18	10,00%	42	23,33%	44	24,44%	71	39,44%	180	12,80%
Eliminação ou Marcação Alternativa do Acento Gráfico	6	3,51%	18	10,53%	42	24,56%	35	20,47%	70	40,94%	171	12,16%
Substituição de consoantes/vogais	3	10,34%	-	-	3	10,34%	2	6,90%	21	72,41%	29	2,06%
Registro de Oralidade	-	-	1	7,69%	1	7,69%	-	-	11	84,62%	13	0,92%
Rebus	-	-	-	-	1	14,29%	4	57,14%	2	28,57%	7	0,50%
Símbolos	12	18,18%	-	-	47	71,21%	6	9,09%	1	1,52%	66	4,69%
Letras Maiúsculas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Sinais de Pontuação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>152</b>	<b>10,81%</b>	<b>174</b>	<b>12,38%</b>	<b>363</b>	<b>25,82%</b>	<b>322</b>	<b>22,90%</b>	<b>395</b>	<b>28,09%</b>	<b>1.406</b>	<b>100%</b>

Quadro 22: Número de ocorrências por cidade /internautas adultos.

A partir dos dados apresentados acima é possível iniciar análises acerca da frequência da ocorrência das categorias elencadas que fazem parte do *corpus* desta tese. Sendo assim, na subseção seguinte, iniciaremos a discussão destes dados coletados visando traçar as primeiras conclusões, a partir das hipóteses traçadas.

### 5.2.2.1 *Análise da Frequência de Ocorrências Divergentes na Escrita dos Adolescentes*

Nesta subseção, as ocorrências serão analisadas a partir de categorias como: 1) abreviação, 2) onomatopeia, 3) acento gráfico; 4) substituição de consoantes e/ou vogais, 5) registro de oralidade, 6) rebus, 7) símbolos, 8) letras maiúsculas, e 9) sinais de pontuação, na escrita dos adolescentes

1- Abreviação (45,89%): entre os paulistanos a abreviação representa 53,92%, os ludovicenses com 23,01%, os belenenses com 10,13% e os brasilienses com 9,48%. Já os florianopolitanos apresentam o menor índice dos 1530 registros nesta modalidade, com apenas 3,46%. Assim, podemos afirmar que os paulistanos adolescentes são os que mais fazem uso de abreviações e os florianopolitanos adolescentes os que menos o utilizam.

2 - Onomatopeia (18,33%): Nesta modalidade, encontramos 611 registros nos dados coletados entre os adolescentes. Os paulistanos, com 64,65%, apresentaram o maior índice de uso desse recurso, enquanto que os florianopolitanos limitaram-se a apenas 0,33%. Os brasilienses e belenenses obtiveram índices muito próximos 14,73% e 14,08% respectivamente.

3 - Eliminação ou Marcação Alternativa do Acento Gráfico (4,02%): Os campeões de marcação alternativa foram os brasilienses com 40,30% dos 134 registros desta modalidade, enquanto os dados dos florianopolitanos foram os apresentaram o menor índice, com apenas 7,46% de seu uso. Notamos que os paulistas e os ludovicenses mantiveram-se praticamente no índice de uso médio de 20,15% e 19,40% respectivamente;

4 - Substituição de consoantes e/ou vogais (2,34%): é praticamente evitada pelos internautas. Uma hipótese, a ser pesquisada em todas as análises dos estados em uma outra oportunidade, é a de que se evite porque as abreviaturas se baseiam em um formato comum na língua inglesa. Apenas 2,34% se valeram da utilização desta categoria em um universo de 78

registros, sendo os paulistas com 84,61% do total de ocorrências nesta modalidade em toda a amostra dos adolescentes, seguido dos brasilienses e ludovicenses com índices iguais 5,13% , os florianopolitanos com apenas 3,85% e os belenenses com 1,28%.

5 - Registro de oralidade (4,74%): Os paulistanos lideram o uso deste recurso com 74,05% dos 158 registros encontrados na amostra dos adolescentes seguido dos brasilienses com 13,92%. Os ludovicenses, florianopolitanos e belenenses correspondem a índices inferiores a 10% da amostra .

6 - Rebus (1,14%): Do universo de 1406 dados analisados, apenas 38 apresentaram esse recurso: os paulistanos com 47,37%, os ludovicenses com 31,58%, belenenses e brasilienses com 7,89% e os florianopolitanos com 5,26%.

7 - Símbolos (20,67%): Foram os paulistas com 69,38% dos 689 registros encontrados na amostra dos adolescentes os que mais usam esse recurso. Percebemos que os demais não ultrapassam os 15%, sendo os ludovicenses com 14,08%, seguidos dos brasilienses com 13,5%, belenenses com 2,18% e florianopolitanos com 0,87%. Este é o segundo recurso mais utilizado pelos internautas; em número de registros só fica abaixo das abreviações, que entre os adolescentes lideram entre as formas divergentes.

8 - Letras maiúsculas (0,78%): Este é o recurso menos utilizado pelos internautas adolescentes com apenas 26 registros em um universo de 3.334 ocorrências. Os que mais se utilizam deste recurso são os paulistas com 42,31%, seguidos dos ludovicenses com 38,46%, belenenses com 11,54%, florianopolitanos com 7,69%. Os brasilienses não apresentaram nenhum registro deste tipo.

9 - Sinais de pontuação (2,10%): Das 3.334 ocorrências registramos apenas 70 nesta categoria; mais uma vez os paulistanos lideram com 52,86%,

seguido dos ludovicenses com 27,14%, belenenses e brasilienses com índices iguais de 7,14% e os florianopolitanos com 5,71%.

#### *5.2.2.2 Análise da Frequência de Ocorrências Divergentes na Escrita dos Adultos*

Nesta seção, seguindo a mesma lógica da anterior, analisaremos a frequência de ocorrências na escrita dos adultos, como:

1 - Abreviação (66,86%): entre os brasilienses a abreviação representa 24,57%, equivalente aos belenenses com 24,15% e aos florianopolitanos com 23,3%, os ludovicenses apresentam somente 14,57% destas ocorrências, seguidos dos paulistanos com 13,4%. Assim, podemos afirmar que os brasilienses adultos são os que mais fazem uso de abreviações e os paulistanos adultos os que menos o utilizam.

2 - Onomatopeia (12,8%): Os florianopolitanos, com 39,44%, apresentaram o maior índice de uso desse recurso, enquanto que os paulistanos limitaram-se a apenas 2,78%. A média de uso nas 5 capitais não superou 12,8% dos dados;

3 - Eliminação ou Marcação Alternativa do Acento Gráfico (12,16%): Os campeões de marcação alternativa foram os florianopolitanos com 40,94%, enquanto os dados dos paulistas foram os apresentaram o menor índice, com apenas 3,51% de seu uso. Notamos que os brasilienses, os belenenses mantiveram-se praticamente no índice de uso médio de 24,26% e 20,47% respectivamente, já os paulistanos limitaram-se a 3,51%;

4 - Substituição de consoantes e/ou vogais (2,06%): é praticamente evitada pelos internautas. Apenas 2,01% se valeram da utilização deste recurso, sendo os florianopolitanos com 72,41% do total de ocorrências nesta categoria em toda a amostra adulta, seguidos dos belenenses e paulistanos com índices iguais 10,34%, os brasilienses com apenas 6,9%. Os ludovicenses não apresentaram registros;

5 - Registro de oralidade (0,92%): Paulistanos e brasilienses não se valeram desse recurso. Apenas os florianopolitanos com 84,62%; belenenses e ludovicenses com 7,69% do total das ocorrências que correspondem a essa categoria. Esses resultados mostram que o registro da oralidade em textos escritos em ambientes virtuais não é comum entre os adultos das cidades em que foi efetuada a pesquisa;

6 - Rebus (0,5%): Do universo de 1406 dados analisados, apenas sete apresentaram esse recurso: 1 em texto de belenense, 2 em texto de florianopolitanos e 4 em texto de brasilienses, o que representou apenas 0,5% do universo envolvido na pesquisa;

7 - Símbolos (4,69%): Foram os belenenses com 71,21%, seguidos dos paulistanos, com 18,18%, que mais usaram símbolos, mas a prática não chegou a superar os 4,7% do total de dados analisados;

8 - Letras maiúsculas: Esta prática de dar ênfase ao escrito pela internet não foi registrada entre os internautas acompanhados nesta pesquisa;

9 - Sinais de pontuação: Como forma não convencional de traduzir efeitos emocionais, em um “*tetê a tetê*”, também não foram usados por nenhum dos internautas adultos, que participaram da pesquisa, pelos textos coletados.

Fica, portanto, demonstrado, nesta seção, que a estrutura da língua é correlacionada ao seu uso, levando à diferenciação entre as escolhas do falante adulto e a do falante adolescente em situação de escrita das mensagens instantâneas das salas de bate-papo, meio de expressão que apresenta traços de proximidade com a fala. Usualmente os traços referenciais (oralidade e escrita) do público adolescente e do público adulto são diferenciados, de modo que ambos, por exemplo, têm escolhas sintáticas, léxicas e semânticas próprias durante o planejamento verbal. No que se refere ao universo desta pesquisa, há, sim, desdobramentos da linguagem apoiada em meios gramaticais, como abreviações e tantas outras estratégias de comunicação.

Isto posto, vale ressaltar que as diferentes categorias das formas de escrita das salas de bate-papo, aqui estabelecidas, comuns a internautas de diferentes regiões do país, são formadas, cada uma delas, a partir de certos princípios e, em alguns casos, com funções comunicativas bem delimitadas, como mostraremos a seguir. Assim, os textos das salas de bate-papo, cujo aspecto visual é diferenciado, caracterizam-se, todavia, pela aplicação de critérios não-arbitrários, fato que torna essas formas comuns aos diferentes internautas, possibilitando-lhes manterem diálogos rápidos, independentemente da região do país em que estão se comunicando.

Um dos fatores mais relevantes entre os observados, no que se refere às diferenças encontradas na linguagem das salas de bate-papo entre adolescentes e adultos é o grau de escolaridade. Embora encontremos neles traços variáveis próprios da fala, os textos dos adultos, de modo geral, refletem o uso da norma-padrão. A influência da aprendizagem dos conhecimentos gramaticais e a maturidade levam a tal uso, até mesmo pela imagem de si frente ao outro adulto. Esse comportamento, na escrita dos adultos e adolescentes, revelou um uso comum da expressão “a gente”, que dá sensação clara de inclusão e proximidade àquele que lê a mensagem. Esse traço gramatical foi usual nos textos dos adultos e adolescentes.

Com ambos os sexos, ainda em relação à gramática, observamos que é frequente a repetição do pronome “se” em seus mais diversos usos e funcionamentos sintáticos. Muitas vezes, ele é empregado mais de uma vez na mesma frase: “tem que saber se virar e se sair dessa”. O uso do pronome é comum para tornar a mensagem mais clara, como, por exemplo, “você não pode se achar sendo que vc não sabe se combinar”, querendo dizer que “ela não deveria ser orgulhosa de achar que estava bem na festa por não ter sabido combinar as roupas”.

Já o uso, por exemplo, de hipérbole e personificação, como processos típicos da linguagem dos jovens, constrói com firmeza o estilo e dissemina o estado de ser estritamente próximo do outro, além de demonstrar

o caráter confidente, amigável, curioso. Outra característica marcante dos bate-papos é o uso de gírias, o que parece, entre os jovens, não comprometer a compreensão das mensagens (dos textos).

A linguagem e o vocabulário são totalmente voltados para a identificação destes internautas indicando variações lexicais no funcionamento linguístico das comunicações em salas de papo. Usadas como gírias, as palavras adquirem significado denotativo ou conotativo, como no caso da palavra *“look”* (dar uma olhada ou representar um estilo, um visual), mais frequente em mensagens de adolescentes do sexo feminino. Da mesma maneira, mas já no público masculino, *“bombar”* é um verbo utilizado com diversos significados. Por exemplo, dizer: *“a festa vai bombar”* ou *“ela bombou”* é dizer que a festa será ou estava muito boa. Também pode ganhar outro significado: dizer que *“bombou”* na festa, significa que você se divertiu muito; mas no ambiente da escola dizer que *“bombou”* é dizer que você não foi aprovado de ano. Outras gírias apresentadas, com maior frequência, nas mensagens são: *“BV”*, gíria utilizada para denominar pessoas que ainda não deram seu primeiro beijo, e *“balada”* para designar festa.

Distinto do emprego de verbos dos adolescentes, os adultos se utilizam mais dos tempos verbais compostos (exemplos: tenho recorrido, havia quebrado, etc.) em detrimento de outras estruturas verbais como, por exemplo: *“nem bem eu havia chegado lá”, “vai entrar pra história”, “agora, cada um deve seguir seu caminho”, “está fazendo o maior sucesso”, etc.*

### 5.3 Categorias mais recorrentes: a análise dos processos

Nesta subseção, destacaremos as categorias mais recorrentes. Como vimos na descrição dos dados, tanto nos textos dos adultos como nos dos adolescentes, as abreviaturas foram o recurso mais utilizado ressaltando, por vez, a não-correspondência entre fonemas e letras. Em geral, essas escolhas se manifestaram na forma de fenômenos como, por exemplo, a representação de: vogais nasais, do fonema lateral, do fonema vibrante, das

vogais átonas finais, das vogais pretônicas. Além disso, há, ainda, a presença da ditongação, da monotongação, da redução da marca de gerúndio e da redução das proparoxítonas.

Além desses processos, trataremos também de eliminação, repetição e substituição de vogais e consoantes, onomatopeias, eliminação de acento gráfico ou marcação alternativa do acento gráfico, bem como o registro de oralidade, rebus, símbolos, uso de maiúsculas e sinais de pontuação.

### *5.3.1. Abreviação:*

De todos os processos catalogados nesta pesquisa, a eliminação e a repetição de constituintes silábicos portanto, foi de longe a estratégia mais produtiva (46%), usada pelos internautas adolescentes, conforme apresentado na Figura 4 e correspondente a quase 70% entre os internautas adultos, de acordo com a Figura 2.

#### *5.3.1.1 Eliminação de vogais e consoantes:*

A sílaba pode ser abreviada na escrita pela eliminação de vogais e consoantes, dados estes observados em maior ou menor incidência tanto no universo dos adultos quanto no dos adolescentes. Os dados encontrados nessa pesquisa evidenciam que a eliminação desses segmentos segue certas regras, justamente porque se caracterizam como um tipo de abreviatura. Assim, essa eliminação pode ser de diferentes tipos, como apresentado no quadro 23:

1 – p (para), t (te), c (com)
2 – hj (hoje), nd (nada), blz (beleza), pq (porque); GNT (gente); mt (muito ), td (tudo); vc (você), sb (sabe), nd (nada), dps (depois), tbm (também), ngm (ninguém), mts (muitos), qr (quero), msm (mesmo),
3 – kbeça (cabeça), qria (queria), ksa (casa), c (você), q (que), kbça (cabeça)
4 – bele (beleza), niver (aniversário), churras (churrasco), facul (faculdade)

Quadro 23. Exemplos de formas de escrita divergentes com eliminação de vogais e/ou consoantes encontradas nos textos dos internautas adolescentes de ambos os sexos, de cidades das cinco regiões brasileiras.

Avaliando os exemplos apresentados no quadro acima, podemos verificar os seguintes tipos e contextos de eliminação de vogais:

a) Eliminação de vogal do monossílabo:

Monossílabos são palavras formadas por uma única sílaba, como apresentado anteriormente. Para esse tipo de palavra é recorrente, na escrita dos internautas, a eliminação da vogal e a manutenção da consoante, como apresentado no item 1, do referido quadro. Dentre as análises realizadas nesta pesquisa, não foi observado caso de eliminação de consoante, somente eliminação da vogal.

A manutenção da consoante dentro do contexto sintático/semântico/conversacional no qual se encontra permite ao leitor/internauta recuperar a palavra, como podemos verificar no exemplo abaixo:

1) **t** insuportavel esse caloor (*KT-A,F*)<sup>10</sup>.

A consoante *t* no contexto sintático, qual seja, antecedendo um adjetivo, e em um determinado contexto semântico/conversacional - a dificuldade de se suportar o calor - permite que o leitor/internauta infira que essa consoante se refere à forma reduzida *tá* da forma verbal *está*.

Vale ressaltar, todavia, que a eliminação de vogais em monossílabos não é categórica. Outras formas previstas pela ortografia co-ocorrem com a forma divergente, como exemplificado em 2 e 3:

2) capaiz q a agua da maguera **ta** quente tbm (*KT-A,F*).

3) o povo pulando nakela chuva todo mundo **tava** suado depois da chuva só nego molhado e refrescado (*KT-A,F*).

b) Eliminação de vogais em dissílabos e trissílabos.

Em palavras com duas ou três sílabas, a alteração da estrutura silábica se dá com frequência pela eliminação das vogais. É recorrente a eliminação de todas as vogais das palavras, mantendo-lhe somente as consoantes, como podemos observar no item 2, do quadro 2.

Assim, o internauta usa *hj* para *hoje*, eliminando da palavra as vogais “o” e “e”, mantendo-lhe as consoantes *h* e *j*. Assim como também na palavra *gente*, dentre outros casos, verificamos a eliminação da letra *e* que ocupa a primeira e a última sílabas, mantendo-se as consoantes *gnt*. A eliminação de vogais acontece tanto em sílabas tônicas quanto em sílabas átonas.

---

<sup>10</sup> Estes dados referem-se à codificação dos informantes, sendo que as duas letras iniciais indicam o internauta; a letra intermediária indica a faixa etária pesquisada (adolescentes); e, por fim, a letra final refere-se ao sexo do informante.

A partir dos dados apresentados nos itens 1 e 2, do quadro 7, podemos afirmar que a eliminação de vogais em detrimento da eliminação da consoante é um procedimento bastante frequente na construção de formas divergentes na escrita de salas de bate-papo.

A pergunta que colocamos é por que a eliminação de vogais em detrimento das consoantes?

A hipótese, aqui, levantada é a de que o conjunto de símbolos gráficos usados para representar as vogais no PB é pequeno, composto por apenas 5 símbolos: a, e, i, o, u, ao passo que o conjunto de símbolos gráficos usados para representar as consoantes é bem maior: p, t, c, r, nh, lh, s, ç, ss, z, f, v, d, g, etc. Assim, é mais fácil para o leitor recuperar o constituinte silábico eliminado dentre um conjunto pequeno de possibilidades, como é o caso do conjunto de símbolos gráficos das vogais do PB, do que recuperá-lo a partir de um espectro de possibilidades maiores, como o das consoantes.

Dessa forma, a manutenção da consoante otimiza o processo de leitura do internauta que recebe a mensagem na tela de seu computador, e, ao eliminar as vogais, o enunciador ganha velocidade de digitação sem comprometer o processo comunicativo.

Vamos trabalhar com a hipótese da eliminação das consoantes e a manutenção das vogais, e analisar, por exemplo, o que aconteceria se eliminássemos o *h* e *j* em *hoje* e se mantivéssemos *o* e *e*. Nesse caso, a recuperação da palavra *hoje* pelo leitor levaria muito mais tempo, dado o grande número de letras que podem ocupar essas posições. Dentre as possibilidades combinatórias, as letras *p* e *d* podem ocupar essas posições e formar com as vogais presentes palavras reais da língua, por exemplo. A palavra acessada, contudo, não corresponderia à palavra que realmente foi pensada ao ser digitada.

Diante disso, podemos afirmar que as eliminações dos segmentos dos grafemas pelos internautas não são realizadas caoticamente ou de forma

subjativa. Pelo contrário, essas operações são orientadas por questões de ordens fonológica, ortográfica e de processamento mental da atividade de leitura.

Vale ressaltar que foram encontradas no nosso *corpus* realizações como *qdo*, *dxo*, *gnte*, *vlw*, *mtas*, *bjah*, *flw*, nas quais temos a manutenção da vogal final, o que não constitui, contudo, condição para que as consoantes sejam eliminadas. Assim, temos formas com eliminação de vogais, que constituem a grande maioria dos dados, mas também casos de manutenção das mesmas. Nos casos das consoantes, a sua manutenção é obrigatória, uma vez que a sua eliminação compromete o acesso da palavra no léxico mental.

Os únicos contextos de eliminação de consoante encontrados foram os casos de eliminação da marca de infinitivo, eliminação da consoante alveolar sonora de gerúndio e da marca de plural, e nos contextos de truncamento, como será visto mais adiante. Essas eliminações não devem ser consideradas abreviaturas e, sim, casos de registro da oralidade. Assim, essas ocorrências não constituem contra exemplos para a hipótese de que, na abreviatura, as consoantes são os constituintes silábicos cuja manutenção é requerida.

c) Eliminação de vogal motivada pelo princípio da acrofonia:

Os exemplos apresentados no item 3, */kbeça/*, */qria/*, */ksa/*, */c/*, */q/*, */kbça/*, do quadro 7, constituem mais um subconjunto de palavras que sofrem abreviação pela eliminação de vogais.

Ao observarmos os dados, verificamos que, em *kbeça*, *qria*, *ksa*, não ocorre a eliminação de todas as vogais e que a vogal eliminada é recuperada pelo nome da letra que a antecede, o que se explica pelo princípio da acrofonia, no qual se estabelece uma relação biunívoca entre os sons da fala e a escrita. Assim, o símbolo gráfico K tem um nome que recupera uma sílaba [ka], bem como o nome do símbolo gráfico q seja a sílaba [ke], t [te], etc. Então,

a rigor, só houve eliminação gráfica da vogal, pois ela se materializa na sílaba pela consoante.

d) Eliminação de vogal e consoante em polissílabos:

Os exemplos dispostos no item 4, do quadro 7, *bele, churras, facul* se caracterizam pela abreviação de palavras. No caso da palavra *niver*, acreditamos que o informante retirou da palavra principal aquela parte que é mais significativa para ele e que passa a representar a palavra toda.

Nesse sentido, as ocorrências do item 4, do quadro 2, extraídas a partir dos textos provenientes das salas de bate-papo frequentadas por adolescentes, são ocorrências muito comuns na língua falada, o que constitui um registro de oralidade e/ou de abreviação.

O truncamento, usado com frequência pelos falantes adultos e adolescentes, é mais um processo, linguisticamente previsível, utilizado pelo informante internauta para otimizar a digitação de seu texto e manter o fluxo de sua conversação na sala de bate-papo.

A eliminação de vogais é uma alteração da forma da palavra que segue padrões da ordem da fonologia, da morfologia, da ortografia. O objetivo evidente da eliminação é reduzir o número de caracteres com vistas a intensificar a sua velocidade de digitação. Essas reduções segmentais, contudo, não podem ser aleatórias e/ou subjetivas, pois, caso contrário, o leitor internauta não conseguiria recuperar a palavra e não conseguiria, conseqüentemente, compreender a mensagem que lhe foi enviada, comprometendo o processo de interação verbal estabelecido. E as análises realizadas até o momento mostram que, efetivamente, essas eliminações estão longe de ser arbitrárias e subjetivas.

### 5.3.1.2. Repetição de vogais e consoantes

Se a eliminação de vogais e consoantes é realizada com o propósito de otimizar a digitação do texto, por que, nesses mesmos textos, encontramos, ao lado de formas reduzidas, formas com repetições segmentais?

Os dados encontrados nesta pesquisa evidenciam que a repetição de segmentos é uma estratégia de escrita bastante usada pelos internautas e pode ter funções bem definidas na conversa. Exemplos de repetição são apresentados, a seguir, no quadro 24:

1– Fuui; saaindo, ook; oii, Oioi, taã, nadaa; voltaa, jamaaiz; tuudo, jamaaaiz; tadinhooo,abertaaa, profuuuuundamente, esperandoo, Maninhoo; boaaa, iiiiiiiiii, dormindoooooooooo; tuuudooo
2- Hemm; humm  Ahh; nammoro, ihhh; Ohhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh; okk
3 – nosssaaaa

Quadro 24 - Exemplos de formas de escrita divergentes com repetição de vogais e/ou consoantes encontradas nos textos dos internautas adolescentes e adultos de ambos os sexos de cidades das cinco regiões brasileiras<sup>11</sup>.

Em uma conversa realizada sob a forma escrita, expressar emoções e sentimentos não é uma tarefa muito fácil. Como uma das formas de contornar essa dificuldade e deixar os bate-papos nos ciberespaços mais próximos da conversa face a face, os textos de internautas adolescentes são “recheados” de palavras escritas com repetição de vogais e de consoantes.

<sup>11</sup> O item 1 refere-se à repetição de vogais; o 2, refere-se à repetição de consoantes; e o item 3, à repetição de vogal e consoante.

Por meio das repetições de vogais de palavras com carga semântica particular, os internautas podem expressar emoções e sentimentos de natureza diversa.

Assim, por exemplo, o vocábulo *nossa*, a depender da situação comunicativo-interacional funciona como uma interjeição e não como um pronome possessivo feminino. E, sendo assim, é uma palavra invariável e usada somente na forma feminina. O uso do *nossa* em uma conversa indica surpresa. Esse sentimento é intensificado pela repetição de vogais e consoantes como podemos verificar no exemplo (5.1):

(5.1)

E vc sb q ele ainda precisa arruma outro karro, né?

Nossaa, naum posso acreditar, que pena!

(Florianópolis, B,M, masculino, adulto, 40 anos, ensino superior)

Por meio do uso de uma palavra com carga semântica positiva, o internauta pode expressar alegria que pode ser carregada de emoção com a repetição segmental, como apresentado no exemplo (5.2):

(5.2)

Consegui convencer Tati a ir com a gnt no cine

Boaaa. Assim temos carona pra ir e voltar e não precisaremos pegar busãw

(Florianópolis, M. T., feminino, Adolescente, 16 anos, ensino médio)

A repetição de vogais e consoantes pode também expressar ênfase, como em (5.4) e (5.5):

(5.4)

Eu confessu que fikei profuuuuuundamente xatiadu com a situation

(Brasília, J,P., masculino, Adolescente, 16 anos, ensino médio)

(5.5)

Vc q spr tuuuudooo pr vc.

(Belém, J.S., feminino, Adolescente, 17 anos, ensino médio)

Podem também indicar vocativo (prolongamento), chamamento, como em *Maninhoo, oii, Oioi*, ou ainda indicar uma situação em andamento, como em *fuui; saaindo*.

Considerando as análises e discussões apresentadas sobre a repetição de vogais e consoantes encontradas nos textos de bate-papo, verificamos que a repetição tem como função aproximar virtualmente os internautas separados e distantes no mundo real. É uma estratégia que promove maior dinamismo na conversa e cumplicidade entre os internautas. Ao expressar suas emoções e ao corresponder às emoções de seu interlocutor, o internauta marca a sua participação no diálogo. A intensidade do sentimento expressado é proporcional ao número de vezes que o segmento foi repetido.

### 5.3.1.3 Onomatopeias

Se o bate-papo é uma forma de conversa entre duas pessoas, é natural, então, que sejam utilizadas onomatopeias nas salas de bate papo, a fim de trazer para o diálogo um ambiente de maior aproximação com a realidade sonora. Assim, por exemplo, os risos e gargalhadas que surgem durante a conversa podem ser registrados no texto por meio das onomatopeias, e podem, a depender da forma escrita que possuem, indicar

várias nuances (um alongamento de vogal, ou sílabas repetidas, podem mostrar a intensidade do sentido), tal como apresentado no quadro 25 a seguir.

1 hehe, ham, huhum ham, hehe
2 Srsrsr, rsrs rsrs; sr, kk
3 kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk, hihihihihihihihih, hahahahahahaha

Quadro 25 - Exemplos de onomatopeias encontradas nos textos dos internautas adolescentes de cidades das cinco regiões brasileiras de ambos os sexos.

As onomatopeias do item 1 do quadro 9 são usadas no texto de salas de bate-papo para representar aqueles sons que fazemos para indicar ao nosso locutor que estamos atentos ao que ele está dizendo. Essas vocalizações funcionam como se disséssemos: “Sim, pode continuar falando que estou prestando atenção”.

Já as onomatopeias do item 2 indicam risos relativamente moderados, e as onomatopeias do item 3 são usadas para gargalhadas ou risos intensos. Destaca-se que, além das onomatopeias, esses elementos também podem ser registrados por meio de recursos como *emoticons*, por exemplo.

#### 5.3.1.4. *Eliminação de acento gráfico ou marcação alternativa do acento gráfico*

A necessidade de assegurar velocidade rápida de digitação leva o internauta a adotar procedimentos para tornar a interação mais ágil. Essa demanda talvez justifique a ocorrência de palavras com grafias divergentes no que se refere ao acento gráfico, como apresentado no quadro 26:

1 – La So, la, rapidao, e
2 – Eh, Neh Neh; eh, inteh, dah, neh
3 –pow pow
4 – naun, baum Naun, taun

Quadro 26: Exemplos de eliminações de acento gráfico ou marcação alternativa do acento gráfico encontradas nos textos dos internautas adolescentes de cidades das cinco regiões brasileiras de ambos os sexos.

Assim, a digitação um pouco mais rápida pode ser alcançada ao não acentuar as palavras, como as ocorrências apresentadas no item 1 do quadro 26, ou substituir o acento gráfico por uma letra, como o *h* que substitui o acento agudo, como no item 2, o *w* que substitui o acento circunflexo, como nos dados do item 3, e o *n* substituindo o til, como apresentado no item 4.

Além disso, podemos observar que as ocorrências de ausência de acento gráfico se dão em contextos em que a não colocação do mesmo não compromete a leitura da palavra.

O uso das letras *n* e *m* no lugar do *til* para marcar a nasalidade é perfeitamente compreensível, haja vista que essas letras, representam na escrita consoantes nasais, como, por exemplo: c[ã]ta; c[ã]tada.

#### 5.3.1.5 . Substituição de consoantes e/ou vogais:

Os textos produzidos pelos internautas apresentam alguns usos divergentes das convenções estabelecidas no sistema oficial de escrita. Essas ocorrências, contudo, não constituem dados absurdos que evidenciem total falta de domínio das regras ortográficas, como podemos observar nos dados apresentados no quadro 27.

1. Xeguei, axo, xance
2. Nakela; aki, Kero, Kerendo, dakeles, molekes
3. Fika; Toko

Quadro 27: Exemplos de trocas de letras encontradas nos textos dos internautas adolescentes, de cidades das cinco regiões brasileiras, de ambos os sexos.

As ocorrências divergentes podem ser explicadas pela própria organização do sistema ortográfico do PB. Assim, observamos nos dados do item 1, a troca do dígrafo *ch* pela letra *x*.

De acordo com o sistema de escrita oficial, a consoante fricativa pós-alveolar surda pode ser representada pelas letras *ch*, como em chave, e pela letra *x*, como em xale. Buscando sempre otimizar a velocidade de digitação, o internauta opta por grafar aquelas palavras que têm em sua forma oficial a letras *ch*, representando a fricativa pós-alveolar surda com a letra *x*. Assim, ao invés de digitar duas letras, ele irá digitar apenas uma.

Também não é de se estranhar as trocas do dígrafo *qu* pela letra *k*, como apresentadas no item 2, que seria explicada pela economia de caracteres a serem digitados. O sistema de escrita oficial prevê o *qu* para representar a oclusiva velar surda que corresponde, sonoramente, à pronúncia da letra *k*.

Por extensão, a letra *c* antes das vogais *a*, *o*, *u*, que representa também a oclusiva velar surda, é igualmente substituída pela letra *k*, como dados apresentados no item 3.

### 5.3.1.6 . Registro da oralidade:

Considerando que o bate-papo é uma atividade escrita que deve ocorrer de forma dinâmica, não podemos negar que essa atividade, apesar de ser escrita, possui um caráter substancialmente oral, na medida em que se estrutura com base no diálogo, podendo haver influência de fatores extralinguísticos tais como: origem, idade, influência cultural, dentre outras, dos falantes, usuários das salas de bate papo. Assim, não é surpresa, para nós, que essa escrita, muitas vezes, seja quase uma transcrição da fala, o que pode ser observado no quadro 28:

1. Naun, baum Bju, mtu, fotu,
2. piquenu, Muleke
3. Amiguim, bjim. Poquim;
4. Oia (olha), entom (então), Inteh, meioh, onti
5. oloco, Ondefikmu, né, oq, teperguntar, pressa (para essa)
6. Tava, to, ta
7. indu Falanu
8. Vo, so (sou), Vamo
9. faiz, Rapaiz
10. loco, Beju

Quadro 28: Exemplos de registros da oralidade encontrados nos textos dos internautas adolescentes de ambos os sexos de cidades das cinco regiões brasileiras

Analisando os dados do quadro 28, podemos verificar que muitas das formas escritas encontradas nos textos dos internautas constituem verdadeiros registros da fala.

Nos dados do item 1, a forma escrita registra alteamento vocálico (vogais médias tornam-se altas) que ocorre em sílaba átona final, processo

muito produtivo na língua oral ( Mollica, 2003). Verificamos também registro do alteamento vocálico em sílaba pretônica, como nos dados do item 2.

Os dados do item 3 mostram o registro do diminutivo tal como realizado na fala. Assim, o diminutivo que, na escrita oficial, é marcado com *inho(a)*, é realizado na fala como [ i]), “*Amiguim*”, por exemplo, neutralizando a diferença entre masculino e feminino. A juntura vocabular, que é muito comum na língua falada, também foi encontrada na escrita de sala de bate-papos, conforme seção 5. As junturas vocabulares, ou seja, ausência de intervalo entre uma palavra e outra, formam um bloco único, como ocorre na fala, em função de seu caráter contínuo.

Pelo quadro 28 também observamos escolhas lexicais típicas da fala: *inteh*, *onti* (item 4). Há também nesse item casos de vocalização da lateral palatal, como em *oia* e *meioh*; a forma oral para *estava*, *estou* (item 6); a forma oral do gerúndio *-du* ou *-nu*, registrado na escrita oficial como *-ndo* (item 7); a monotongação do ditongo em *vo*, *to*, afetando a desinência número-pessoal da 1ª. pessoa do singular do presente do indicativo e o apagamento parcial da desinência número-pessoal da 1ª. pessoa do plural do presente do indicativo em *Vamo* (item 8) que, porém, não compromete a interpretação da forma como referente a essa pessoa gramatical; a inserção da vogal *i* próxima a consoantes fricativas que travam sílaba, ausentes na escrita oficial (item 9), e a eliminação do glide *w* e *j*, presentes na escrita oficial (item 10), caracterizando a monotongação dos ditongos *ou* e *ei*.

Vale ressaltar no item 4 a ocorrência de um caso de transcrição que foge ao padrão adotado pelos internautas, pois ao invés de *entaum*, para *então*, temos *entom*, o que pode indicar um possível desconhecimento por parte do internauta das regras desse tipo de transcrição das palavras, comum em interações sincrônicas virtuais e constituintes do internetês.

### 5.3.1.7. Rebus, símbolos, uso de maiúsculas e sinais de pontuação

Como acabamos de ver, a comunicação virtual em *chats* ocasiona modificações na escrita das palavras. Tais alterações objetivam adaptar a linguagem escrita à dinamicidade requerida pelo processo de comunicação efetivado sincronicamente em ambientes virtuais. Por se tratar de uma comunicação em tempo real, como é o caso da conversa presencial, mas requerer o uso da escrita, esta precisa, no *chat*, adequar-se às necessidades temporais e comunicativas dos internautas.

Além das modificações na escrita das palavras, os internautas lançam mão de outros artifícios gráficos com vistas a otimizar o processo de digitação e ampliar o grau de comunicabilidade. Dentre esses recursos podemos encontrar o *rebus*, que, como já mencionado, consiste na representação de palavras ou frases por meio de desenhos ou sinais cujo nome apresenta analogia com o que se quer dar a entender, símbolos que indicam o formato de um rosto, alegre ou triste, a depender da situação comunicativa, escrita das palavras em maiúscula e uso combinado e/ou exagerado de sinais de pontuação, como podemos verificar a partir dos exemplos apresentados no quadro 29:

1) d+, 9dade; 10animado
2) :-); -(; ;p; =/; =) <sup>12</sup>
3) CONTA ISSO LOGO
4) ?????.....

Quadro 29: Exemplos de rebus, símbolos, uso de maiúscula e sinais de pontuação.

Pelos exemplos apresentados no item 1, do quadro 29, verificamos que as palavras *demais*, *novidade* e *desanimado* são escritas pela combinação

---

<sup>12</sup> Designam, na sequência: feliz, triste, piscando e mostrando a língua, lamentação, feliz.

de sinais e números. Essas formulações economizam a digitação de vários caracteres, como também digitações são economizadas com o envio de símbolos que indicam alegria e tristeza, como os apresentados no item 2. Assim, ao invés de verbalizar que ficou triste ou alegre, o internauta expressa essas emoções por meio desses símbolos, uma de suas estratégias usadas.

Os textos escritos nas salas de bate-papo contam ainda com duas estratégias para aumentar o grau de interatividade do internauta: o uso de letras maiúsculas (item 3) e o uso de sinais de pontuação (item 4), em situações comunicativas como as apresentadas nos exemplos (5.6) e (5.7), respectivamente:

(5.6)

vc q msm sb?

CONTA ISSO LOGO.

(5.7)

pq vc nãw vem amanhã????.....

Vc jura!!!!!!!

As letras maiúsculas, recurso pouco utilizado pelos internautas avaliados (1%, conforme gráfico 1), bem como os sinais de pontuação (2% de uso) têm como função, mais precisamente, indicar que o que está sendo dito tem um “tom de voz” elevado, com o propósito de chamar a atenção do seu interlocutor.

De um modo geral, pelo que foi analisado até o momento, podemos afirmar que entre os internautas brasileiros adolescentes e adultos, de ambos os sexos, as estratégias de escrita usadas seguem orientações fonológicas, fonéticas, morfológicas e ortográficas. Essas estratégias são usadas com vistas a otimizar a digitação ou intensificar o grau de interatividade com os seus

interlocutores; portanto, são estratégias cujo uso visa a facilitar a interação entre os internautas.

Deste modo, as formas de escrita usadas pelos internautas constituem verdadeiros pontos de convergência. Nessas salas de bate-papo, não encontramos diferenças linguísticas regionais. As formas de escrita utilizadas na internet, à semelhança da escrita oficial, como lembra Cagliari (1992), neutralizam as diferenças dialetais.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, tratamos da comunicação instantânea produzida em salas de conversas, conhecidas como salas virtuais de bate papo. Embora haja heterogeneidade no aspecto linguístico, por se tratar de públicos mistos, entre adolescentes, jovens, adultos, a escrita usada nesse contexto **traz certa uniformidade**. Os internautas, mesmo com especificidades regionais, locais, idade e escolaridade, comunicam-se no espaço virtual. Nessa situação, a linguagem se manifesta por uma tendência à **uniformidade de escrita**, para que resulte em possível ação comunicativa. O **ciberespaço** apresenta regularidades da fala na escrita por distintas marcas. Isso chamamos de internetês, uma manifestação com códigos próprios.

Nas descrições e análises dos dados que compõem o *corpus* desta pesquisa, que prevêm a comparação entre os usos observados, obtivemos como resultados:

- a) na distribuição de ocorrências considerando as variáveis sexo e cidade, no que se refere aos adolescentes, verificamos o predomínio de uma equivalência entre os percentuais de ocorrências de formas divergentes verificadas em ambos os sexos. Apenas nas cidades de Belém e Florianópolis, observou-se um quadro diverso: em Belém, as formas divergentes em relação à norma escrita encontradas nos *chats* são frequentemente do público masculino, enquanto em Florianópolis elas predominam nos textos do sexo feminino. Destacamos que em ambas as cidades encontramos os menores índices de ocorrências de formas divergentes de escrita;
- b) na distribuição das ocorrências divergentes considerando as variáveis sexo e cidade, no que se refere aos adultos,

verificamos contrastes apresentados nas cidades de São Paulo e São Luis, em ambos os sexos;

- c) na frequência de ocorrências por grau de escolaridade dos adultos, observamos que os paulistanos, os ludovicenses e belenenses com menor escolaridade recorrem muito menos ao uso das categorias em comparação aos informantes com nível superior;
- d) nos textos produzidos pelos adolescentes são destacados dois recursos principais de uso: a) a abreviação, com destaque nos textos de jovens do sexo feminino em Florianópolis, e do sexo masculino em Belém; e b) a onomatopeia como uso geral em todas as cidades pesquisadas;
- e) nos textos produzidos pelos adultos, observamos um uso predominante do recurso abreviativo, em geral, com altos índices pelos paulistanos (82,9% dos dados), ludovicenses e brasilienses (78,7% e 71,7%, respectivamente).

O contexto dos *chats* e a interação em distintos dispositivos digitais foram observados e considerados como característicos para a identificação de “gênero”. Esse conceito proposto por Bakhtin e o seu Círculo objetiva compreender a operacionalização de processo de tipificação, verificando sua constituição e categorização. Diante disso, o *chat* pode ser considerado um novo gênero (hiper)textual por considerar a dimensão social e a relação da escrita com as condições de produção. Há um princípio gerativo que sistematiza o *chat*, condicionando-o à forma de gênero. Postar nome, cidade, estar disponível (on-line) e começar a “teclar” com outro internauta forma um conjunto sistemático para a produção comunicativa de *chat*. Em seguida, tratamos da escrita no ciberespaço, como efeito de um fenômeno identificável: amenizar a formalidade, assim propiciando o emprego de recursos linguísticos

verbais e não-verbais. Destacamos dois recursos mais utilizados por adolescentes e adultos - a abreviação e a onomatopeia.

Nas análises, na quarta seção, observamos que a projeção da fala se dá no texto produzido no ambiente virtual, em tempo real, de forma instantânea, de forma que os internautas não usam o som da fala, mas o representam no texto escrito, apresentando-se, de certa maneira, um texto misto, híbrido. Essa “fala virtual” apresenta conversações diversas, incluindo várias temáticas, em circunstâncias variadas, vistas em cada uma das capitais estudadas.

Demonstramos, nesta pesquisa, que a estrutura da língua é correlacionada ao seu uso, de modo a diferenciar entre as escolhas do internauta adulto e a do internauta adolescente. Em situação de escrita das mensagens instantâneas das salas de bate-papo, meio de expressão que apresenta traços de proximidade com a fala, são destacadas as abreviações, e as onomatopeias, recursos usados para a expressividade de aceitação, rejeição, sorrisos, frustrações, exaltações, exclamações, surpresas, entre outros. Vimos que os traços referenciais (oralidade e escrita) do público adolescente e do público adulto são diferenciados, de modo que ambos, por exemplo, têm escolhas sintáticas, lexicais e semânticas específicas durante o planejamento verbal. Há, assim, desdobramentos da linguagem apoiada em meios gramaticais, como abreviações e tantas outras estratégias de comunicação.

Ressaltamos, sobretudo, que as diferentes categorias de produção das formas de escrita das salas de bate-papo, aqui estabelecidas, comuns a internautas de diferentes regiões do país, são formadas, cada uma delas, a partir de certos princípios e, em alguns casos, com funções comunicativas bem delimitadas. Com isso, percebemos uma variação não acentuada em função do sexo, faixa etária e grau de escolaridade do internauta, em que as formas escritas são usadas, confirmando a hipótese de uniformidade da escrita, com características específicas do gênero (hiper)textual *chat*. Os elementos

identificados como recursos mais usados, analisados e sintetizados, subsidiam tal interpretação, na medida em que procedemos à verificação dos processos interativos entre as comunidades virtuais.

Um dos fatores mais relevantes entre os observados, no que se refere às diferenças encontradas na linguagem das salas de bate-papo entre adolescentes e adultos, é o grau de escolaridade. Embora encontremos neles traços variáveis próprios da fala, os textos dos adultos, de modo geral, refletem mais o uso da norma-padrão. Há construções frasais que atendem às exigências sintáticas. Os conhecimentos da norma gramatical influenciam na escrita instantânea.

Diante dessas reflexões, acreditamos não ser possível identificar um perfil dialetológico *estricto senso* nesse meio de comunicação. Os textos dos internautas das salas de bate-papo exibem atividade dialógica muito próxima da conversa oral, que revela algumas particularidades linguísticas de seus sujeitos falantes. Os recursos utilizados, por sua vez, de formas diferentes entre os sexos e as localizações geográficas do Brasil, sugerem algumas singularidades dialetais. Todavia, mais que particularidades, apresentam uniformidade na forma escrita comunicativa, pelo fluxo rápido próprio da prática languageira do *chat*. O próprio uso de abreviação e os *emoticons* são recursos identificáveis desse gênero de comunicação. Acreditamos, por isso, que, mais do que buscar especificidades nessa prática em uma perspectiva horizontal – diferenciações associadas ao espaço geográfico – é possível e desejável aprofundar as relações estabelecidas em um eixo vertical, em que os usuários se diferenciam em função de idade, sexo, escolaridade e seus papéis sociais. É nesse sentido que seria possível defender um perfil dialetológico das salas virtuais de conversas.

## REFERÊNCIAS

ABRÃO, Bernardette Siqueira (org). **História da Filosofia. Os Pensadores.** São Paulo: Nova Cultural 1999.

ALKMIM, T. Sociolinguística, Parte 1. In: MUSSALIN, F. BENTES, A.C (Orgs.) **Introdução e Linguística: domínios e fronteiras.** São Paulo: Cortez, p. 21-47, 2001.

ALMEIDA FILHO, Agenor. A comunicação na era da tecnologia digital: a escrita no ciberespaço. In: **Folio – Revista de Letras – Vitória da Conquista.** V.2, n.1, jan/jun 2010, p. 88-100.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical.** São Paulo: Editora Ática, 1994.

AMARAL, Sérgio Ferreira. Internet: novos valores e novos comportamentos. In: SILVA, Ezequiel Theodoro (Coord). **A Leitura nos Oceanos da Internet.** São Paulo: Cortez, 2003.

ANDRADE, Mário de. **Poesias Completas.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1987.

ARAGÃO, Rodrigo Moura Lima de. **Descrição e Análise dos usos linguísticos de diferentes ambientes da internet e sua relação com o suporte.** Revista Letras, n.70, p. 137-156, set./dez. Curitiba: Editora UFPR, 2006.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss de Língua Portuguesa.** 2.ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

AZEVEDO, José Carlos. **Fundamentos de Gramática de Português.** 3ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. Língua materna: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta – Língua e poder na sociedade brasileira.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003. 200 p.

BAGNO, Marcos (et al.). Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa: UEPG, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 29. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BAKHTIN, Mikhail Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mickhail. **Estética da criação verbal.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, '1988.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 8. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mickhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BASÍLIO, M. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1987.

BATISTA, Cassia Panizza. **A influência da linguagem dos Chats em bilhetes trocados por alunas em sala de aula**. São Paulo, 2004. 127 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDES, Alessandra Sexto; VIEIRA, Paula M. Teixeira. O *chat* como produção de linguagem. In: FREITAS, Maria Tereza de Assunção Freitas; Sérgio Roberto Costa. (Org.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, v., p. 45-64.

BERNSTEIN, B, **Class, codes and control**. London: Routledgge & Kegan Paul, 1971.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Erechim (RS): Edelbra, 1979, 1102pg.

BORBA, Marcelo C. e PENTEADO, Miriam Godoy. **Informática e Educação Matemática**. Coleção tendências em Educação Matemática. Autêntica, Belo Horizonte, 2001.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1997..

CAGLIARI, L.C. **Marcadores prosódicos na escrita**. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 18, 1989, Lorena. **Anais ....** Lorena: Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo, 1989. p. 195-203.

CAGLIARI, L.C. **Alfabetizando sem o bábéibóbu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CAGLIARI, L.C. **A ortografia na escola e na vida**. In: \_\_\_\_\_. Diante das Letras. Campinas, SP, Mercado das Letras, 1999.

CAIADO, R. V. R. **A Ortografia no gênero *weblog*: entre a escrita digital e a escrita escolar**. In: Araújo, J. C. (Org.). *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 35-47.

CALLOU, D.; J. MORAES; Y. LEITE; M. A. KATO; C. T. de OLIVEIRA E

COSTA; M. ORSINI & V. RODRIGUES (1993) **Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe e prosódia**. In: Castilho, A. (org.) (1993) (op. cit. n.º 32).

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JR, J. M. H **História da Linguística**. Petrópolis: Vozes, 1975.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 26. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

CARDOSO, S. A. M; MOTA. J. A O Atlas Linguístico do Brasil: (uma descrição do português brasileiro do Oiapoque ao Chuí). In: FONSECA-SILVA, M. C.; PACHECO, V.; LESSA-DE-OLIVEIRA (Orgs.) **Em torno da língua(gem): questões e análises. Vitória da Conquista: Edições Uesb**, 2007, p. 139-159.

CASTILHO, A. T. de. A língua falada no ensino de português. São Paulo: Contexto, 2000.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. IN: Bisol, Leda (1996) **Introdução a estudos de fonologia do português**. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

COSTA, Sérgio Roberto (Org.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006<sup>a</sup>.

COSTA, Sérgio Roberto. Leitura e escrita de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares. In: FREITAS, Maria Tereza de Assunção Freitas; COSTA, Sérgio Roberto (Org.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006b.

COSTA, Sérgio Roberto. Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper)textuais na internet. In: FREITAS, Maria Tereza de Assunção Freitas; COSTA, Sérgio Roberto (Org.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006c.

CRYSTAL, D. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Fonética e Linguística**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

CRYSTAL, David. **Language and the internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

CRYSTAL, David. **A Revolução da Linguagem**. Trad. Quintana, Ricardo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CUNHA, Celso. **Nova Gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

CUNHA, Celso. **Uma política do idioma**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

DEFILLIPPO, Juliana Gervason; CUNHA, Patrícia Vale da. Porque *nickname* escreve mais que *realname*? Uma reflexão sobre gêneros do discurso. In: FREITAS, Maria Tereza de Assunção Freitas; COSTA, Sérgio Roberto (Org.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DICIONÁRIO SENSAGENT, Bookmark. Disponível em: <http://dicionario.sensagent.com/onomatopeia/pt> acesso em: 20 de março de 2010.

DINIZ, K. C. L. Influência da linguagem dos bate-papos da internet nos textos argumentativo-dissertativos escolares. Cadernos do CNLF, São Paulo, v. X, n. 6 [s.p] 2006

DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística**. Trad.: Izidoro Blikstein (Coord.). 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

FARACO, Carlos Emílio. MOURA, Francisco Marto. **Literatura brasileira**. Ática, 1989.

FÁVERO, L. L.; Koch, I. G. V. **Linguística Textual: introdução**. São Paulo: Cortez, 1983.

FERREIRA, B. F. **Comunicação virtual: uma análise contrastiva da linguagem dos blogs de adolescentes e de adultos à luz da Teoria Semiolinguística**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Belo Horizonte: UFMG, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação com prática de liberdade**. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREITAG R. M.; FONSECA, M. **Uma análise sociolinguística da língua utilizada na internet: implicações para o ensino da língua portuguesa**. Revista Intercâmbio. v.XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. Da tecnologia da escrita à tecnologia da internet. In: FREITAS, Maria Tereza de Assunção Freitas; COSTA, Sérgio Roberto (Org.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GALLI, F. C. S.. **Linguagem da Internet**: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. S. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 120-134.

GALLO, Sílvio (1994). Educação e Interdisciplinaridade. **Impulso**, vol. 7, nº 16. Piracicaba: Ed. Unimep, p. 157-163.

GOODY, Jack. **The domestication of the Savage mind**. Cambridge University Press, 1977.

GOUVÊA, Sylvia Figueiredo. Os caminhos do professor na Era da Tecnologia. **Revista de Educação e Informática**, Ano 9 - número 13 - abril 1999.

GUSTACK, Felipe; DOS SANTOS, Vanessa. Internet e linguagem adolescente: Sentidos e 'Logações' da Família e da Escola. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul: UNISC, v. 13, nº2, p. 71 – 86

HEATH, Shirley B. **Ways with words**: language, life and work communities and classrooms. Cambridge University Press, 1993.

HENRIQUES, Claudio Cesar. **Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

HILGERT, José Gaston. A construção do texto "falado" por escrito: a conversação na internet. In: PRETI, Dino (Org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, 2000. p. 17-55. jul. 2006.

INAGAKI, Alexandre. **Cyber movie, o dilema**. Texto publicado originalmente em 01/03/05. Disponível em <<http://www.interney.net/blogs/inagaki/2005/12/10cyber/>>. Acesso em: 9 de agosto de 2009.

INFOESCOLA. <http://www.infoescola.com/pedagogia/parametros-curriculares-nacionais-da-lingua-portuguesa/>

JUNG, Neiva Maria. Letramento: uma concepção de leitura e escrita como prática social. In: BAGNO, Marcos (et al.). Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa: UEPG, 2007.

KEHDI, Valdir. **Formação de palavras em português**. São Paulo: Ática, 1992.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Análise da conversação. Trad. Carlos Piovizani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

KOCH, I. G. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

KOMESU, F. Entre o público e privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet. Tese (Doutorado em Linguística) - Campinas: Iel-Unicamp, 2005.

LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Unicamp: Campinas, 1990.

LIMA, Nádia Laguárdia de ; SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. **Do diário íntimo ao blog: o sujeito entre a linearidade e a espacialidade**. *Rev. Mal-Estar Subj.* [online]. 2009, vol.9, n.3, p. 938-962 ,

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da linguística moderna. São Paulo: Parábola, 2004.

LUFT, Celso P. **Língua & Liberdade**: por uma nova concepção da língua materna. 8. ed. São Paulo: Ática, 2003 [1985].

LYONS, John. **Língua(gem) e Linguística uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MACEDO, Donaldo. Alfabetização, linguagem e ideologia. *Educação & Sociedade*. n.73, ano XXI, Dezembro 2000. P. 84-99

MARCONATO, S. A revolução do internetês. **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo, v.1, n. 5, p. 22-29, 2006.

MARCUSCHI, L.A. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L.A. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: I. Signorini (Org.) **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. São Paulo: Mercados das Letras, 2001.

MARCUSCHI, L.A. **Oralidade e escrita**. Goiás: Signótica, v. 9, p. 119- 145, 1997.

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de

retextualização. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. A mudança linguística. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; MARTELOTTA, Mário Eduardo; OLIVEIRA, Mariangela Rios de (Orgs.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 57-71.

MARX, Karl; ENGELS, F. **Ideologia alemã**. 5. ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.

MASSINI-CACLIARI, G.; CACLIARI, L. C. *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Mercado de Letras/ALB/Fapesp, 1999.

MATEUS, Maria Helena Mira. **O essencial sobre linguística**. Lisboa: Editora Caminho, 2006.

MILLER, C.; SHEPHERD, D. **Blogging as social action: a genre analysis of the weblog**. Disponível em: <[http://blog.lib.umn.edu/blogsphere/bloggin\\_as\\_social.html](http://blog.lib.umn.edu/blogsphere/bloggin_as_social.html)>. Acesso em: 13 de abr. 2009.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DE PORTUGAL. **Dicionário terminológico para consulta em linha**. <http://pt.wikipédia.org/wiki/Acr%C3%9Animo>. Acesso em 06 de nov. 2010.

MOLLICA, Maria Cecília. **Da linguagem coloquial à escrita padrão**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MONTEIRO, José. **Morfologia portuguesa**. Campinas: Pontes, 1991.

MORELLO, Rosângela. A diversidade Linguística nos textos de gramáticas normativas brasileiras. In: ORLANDI, Eni (org.). **História das ideias linguísticas: construção da saber metalinguístico constituição da língua nacional**. Pontes: UNEMAT Editora, 2001.

MOTA, J. A. Áreas dialetais Brasileiras. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; MATTOS E SILVA, R.V. (Orgs.). **Quinhentos anos de história Linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, p. 319-357, 2006.

NADER, Valéria Holzmann. **A interação virtual em diálogos da internet: novas possibilidades para a análise do discurso**. São Paulo, 2001. 175 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

NASCIMENTO, Celina Aparecida Garcia de Souza. A redação na UFMS: progressão referencial e argumentação. **REVISTA GUAVERA. Revista do**

**Programa de Pós-graduação** – Mestrado em Letras do campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Volume 2, número 2, dezembro de 2005. Disponível em [www.revistaguavira.com.br/downloads/revguavira001.pdf](http://www.revistaguavira.com.br/downloads/revguavira001.pdf). Acesso em 12 de novembro de 2009.

NEVES, Iara et. al. **Ler e Escrever: Compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

Observatório da Imprensa. **Programa do dia 29 de março de 2005**. Disponível em: <[http://www.tvebrasil.com.br/observatorio/arquivo/principal\\_050329/](http://www.tvebrasil.com.br/observatorio/arquivo/principal_050329/)> Acesso em 30 de junho de 2009.

OCHS, E. Planned and unplanned discourse. In: GIVÓN (ed) *Syntax and semantics*. N.York: Academic Press, v.12.1979.

OLSON, David. O mundo no papel. Ática: São Paulo, 1977.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é linguística?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

OTHERO, Gabriel de Ávila. A língua portuguesa nas salas de bate-papo, uma visão linguística de nosso idioma na era digital. Porto Alegre: Berthier., 2002.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Élia. **As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática**. São Paulo: Claraluz, 2006.

PEREIRA, Ana Paula M. S.; MOURA, Mirtes Z. da Silva. A produção discursiva nas salas de bate-papo: formas e características processuais. In FREITAS, Maria Teresa de A. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PERINI, Mário A. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2003.

PERINI, Mário A. **Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PERINI, Mário A. **Sofrendo gramática: ensaio sobre a gramática**. São Paulo: Ática, 1997.

PERRENOUD, Philippe. Utilizar novas tecnologias.. **Dez Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. p. 125-139.

PESSOA, Fernando. **A língua portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

PIMENTEL, C. **Vc Tb excreve axim? Análise do léxico nos blogs de adolescentes**. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 9. Rio de Janeiro, 2005. Anais... <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/4/index.htm>. Acesso: 05/09/2009.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. Ensino de português como elemento consciente de interação social: uma proposta de atividade com texto. **Ciências & Letras**. Porto Alegre: FAPA, n. 17, p.189-198, 2001.

PRETI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis da fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. 9. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

RANDALL, Neil. **Lingo online: the language of the keyboard generation**. Waterloo, 11 de junho de 2002. Disponível em <<http://www.arts.waterloo.ca/%7Enrandal/LingoOnline-finalreport.pdf>>. Acesso em: 9 de fevereiro de 2009.

RAMOS, Fabio Pestana. Para entender a história. Ano 1. V.10, série 13/12, 2010. p. 01-16.

ROBINS, R. H. **Linguística geral**. 2ª ed. Porto Alegre-Rio de Janeiro: 1981.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Editorial, 2005.

ROJO, Roxane. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso? In: SIGNORINI, Inês; MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Investigando a relação oral/ escrito e as teorias do letramento**. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

RUIZ, E. M. S. D. **Kd o português dk gnt???:-D O blog, a gramática e o professor**. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. v. 5, n. 1, p. 115-133, 2005.

SANDMANN, Antônio. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1991.

- SAUSSURE, F. (1916) **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2008.
- SCRIBNER, Sylvia. **Mind and Social Practice**. Selected Writings. New York: Cambridge University Press, 1977.
- SILVA, Marcelo Alves da. **Língua Portuguesa na internet: o caso das abreviações em salas de bate-papo**, s/d. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/anais%20iv/civ06-6.htm>> Acesso em: 06 dez. 2009.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- SILVEIRA, Maria Inêz Matoso. **Análise de gênero textual: concepção sócio-retórica**. Maceió: EDUFAL, 2005.
- SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. **Uma pronúncia do português brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.
- SOARES, D. A Globalização numa perspectiva sociocibernética, In: **Revista Contracampo**, nº1. Mestrado da UFF, jul/dez/1997. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/cc2.htm>>.
- SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Global, 2004.
- SOUSA, S. C. T; SOARES, M. E. Developing Writing Skills Through the Use of Blogs. **L1 - Educational Studies in Languages and Literature**, v. 9, p. 71-90, 2009; *Meio de divulgação*: Digital; Série: 2; ISSN/ISBN: 15786617.
- SOUSA, S. C. T. As formas de interação na *internet* e suas implicações para o ensino de língua materna. In: Araújo, J. C. (Org.). **Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 196-204.
- STREET, Brian V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- TARALLO, Fernando. **A Pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Scipione, 1997. (Coleção Ponto de Apoio)

THURLOW; BROWN. **Generation Txt?** The sociolinguistics of young peoples text-messaging. Discourse Analysis on line. 1.1.2003, Disponível eletronicamente em: [Http. www. shu.ac.uk/daol/articles](http://www.shu.ac.uk/daol/articles).

TRAVAGLIA, Luís Carlos. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino da gramática. São Paulo: Cortez, 1996.

URBANO, Hudinilson. **Uso e abuso da linguagem da internet. Informe** – Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo, 1999-2001, p. 69-74, 2002. Edição especial.

WALTER ONG J. ***Orality and Literacy: The Technologizing of the Word.*** New Accents. Ed. Terence Hawkes. New York: Methuen, 1988.

WEININGER, Markus J. **O uso da Internet para fins educativos**, 1996. Disponível em <http://www.ced.ufsc.br/~uriel/internet.htm> Acesso em 23 de mar. 2009.

ANEXO 1**BATE-PAPO ENTRE INTERNAUTAS ADOLESCENTES DE SÃO PAULO - SP**

- ee maiconzitoo

• **kaa**

**h:**

- chovei mó pikiim

• **kaa**

**h:**

sim num deu nem pra brinca

**M**

**a**

**i k**

**e**

**®Amo-te s²**

=/

**M**

**a**

**i k**

**e**

**®Amo-te s²**

- Aghasoihsoihsaia

• **kaa**

**h:**

- da naaaada

• **kaa**

**h:**

- o negócio é ventilador memso

• **kaa**

**h:**

Mais eu qria brinca na chuva

**M**

**a**

**i k**

**e**

**®Amo-te s²**

Dhaushsa

M  
a  
i k  
e □  
® *Amo-te s²*

□

sim sim

M  
a  
i k  
e □  
® *Amo-te s²*

-

Hsoiahioshaioshaioisa

• kaah:

-

pega a manguera

• kaah:

-

e faiz tipo chuvinhaaa

• kaah:

-

dai se mooolha

• kaah:

□

Kk

M  
a  
i k  
e □  
® *Amo-te s²*

□

capaiz q a agua da maguera ta quente tbm

M  
a  
i k  
e □  
® *Amo-te s²*

□

ai nem rola

M  
a

i k  
e □  
®Amo-te s²

□

Dhaush

M  
a  
i k  
e □  
®Amo-te s²

-

HisoaHSOlahsoia

• kaah:

-

é verdade

• kaah:

-

Capaaaiz

• kaah:

□

o jeito é entra nu chvero memo ou se nao dormi dentro da geladera

M  
a  
i k  
e □  
®Amo-te s²

-

HsolAHSOAlshioAHSIO

• kaah:

-

oooo pode creee

• kaah:

-

eu fico abrindo a geladeira toda hora

• kaah:

-

só pra vim o ventinho gelado

• kaah:

□

Kk

M

a  
i k  
e □  
® *Amo-te s²*

**ANEXO 2****BATE-PAPO ENTRE INTERNAUTAS ADULTOS DE SÃO PAULO - SP**

(14:42) Guilherme: Boa Tarde Bianca

(14:42) Guilherme: hj aconteceu um pequeno desentendimento aqui na portaria envolvendo um colaborador DDC

e um segurança

eu conversei com os dois

(14:43) Guilherme: dei uma advertencia verbal vamos dizer assim

para o nosso colaborador

em conversa com o Delcimar

(14:43) Guilherme: expliquei o que ocorreu

(14:44) Guilherme: e o mesmo me pediu para fazer um comunicado que o colaborador foi advertido verbalmente

(14:44) Guilherme: vc tem algum modelo para esse tipo de caso

(14:44) Bianca: faça a advertência escrita

nos mesmos moldes da advertência oral

(14:45) Guilherme: o problema é que o colaborador não está totalmente errado

era mais para fazer um tipo de registro

(14:46) Bianca: veja, a advertência escrita já é um registro

(14:46) Guilherme: para não ser tão pesado para o colaborador

(14:47) Bianca: não há diferença entre a advertência oral e escrita

(14:47) Guilherme: hum

(14:47) Bianca: advertência é menos grave das punições

é como se fosse um puxão de orelha

registrado

entendeu

(14:47) Guilherme: sim

(14:48) Bianca: vc vai registrar por escrito o que vc falou oralmente

(14:48) Bianca: agora, em casos de reincidências

(14:48) Guilherme: certo

(14:48) Bianca: de advertências

é que a coisa começa a complicar

(14:48) Bianca: então, vc vai descrever o ocorrido

(14:48) Guilherme: ok

(14:49) Bianca: demonstrando ao empregado o que aconteceu

bem como a conduta dele ao caso

(14:49) Bianca: e fazer com que ele entenda

(14:49) Guilherme: é que esse caso está complicado

(14:49) Bianca: a forma como ele procedeu

(14:49) Guilherme: pq é 2 versões

(14:49) Guilherme: e o seg deu um enroscada na versão dele

sabe

mas vou fazer aqui

(14:50) Bianca: foi pego o depoimento dos dois

(14:50) Guilherme: não por escrito

(14:50) Bianca: o que ocorreu

de fato

(14:50) Guilherme: eu conversei com os dois

o nosso colaborador estava entrando na portaria com o cracha no bolso

(14:50) Guilherme: quando o porteiro

pediu para mostrar o cracha ele acho ruim pq estava de uniforme e td mas

(14:51) Guilherme: mas na mesma hora mostrou o crachá e o Marcelo seg acho que a forma como ele mostrou o crachá foi agreciva

(14:51) Bianca: entendo

(14:52) Guilherme: primeiro ele falou que o Sandro colocou na cara do porteiro

(14:52) Bianca: bem, cabe uma advertência

pelo fato do mesmo estar com o crachá no bolso

(14:52) Bianca: viu, o empregado confirmou essa parte

do crachá no bolso

(14:53) Guilherme: depois falo que não foi assim

aqui (14:53) Guilherme: que ele realmente mostrou mas tipo dizendo tó ta

sabe

ai onde começou o bate boca

(14:53) Bianca: pois é

(14:54) Guilherme: na conversa eu disse para o Sandro que ele tem a obrigação de mostrar

nem tem que esperar o seg pedir

mas tb não pode ficar esquentadinho

boca (14:54) Guilherme: e dei uma durinha no seg para não ficar batendo

(14:54) Bianca: então

(14:54) Guilherme: para não perder a razão

sabe

(14:54) Bianca: pois é

(14:54) Guilherme: ai fica um falando do outro

(14:55) Bianca: cabe uma advertência pela falta de cuidado

(14:55) Bianca: no que tange ao trato com o porteiro

que está fazendo a sua parte

qual seja: pedir o crachá

(14:55) Bianca: e para não bater boca

pois, o porteiro está fazendo seu trabalho

(14:56) Bianca: entendeu

então, cabe sim uma escrita

nos moldes da conversa que vc teve com o funcionario

(14:57) Guilherme: certo

(15:04) Bianca está Offline

(15:28) Bianca: oi

Mery está por aí

(19:11) Guilherme: Boa Noite Bianca

a Suely já chegou

pois o Ricardo da Solda de trilho foi trabalhar

(19:12) Bianca: pois é

(19:12) Guilherme: e precisa dar o aviso para ele

(19:12) Bianca: Leonardo me ligou

assim que ela chegar

eu mando ir aí

(19:12) Guilherme: ok

(19:12) Bianca: pepê tb ligou

(19:12) Guilherme: qualquer coisa pede para ela me ligar

é eu estava lá tb

ANEXO 3**BATE-PAPO ENTRE INTERNAUTAS ADOLESCENTES DE SÃO LUIS - MA**

(13:02)	Oiii
' νιστoя σαηταη:	
(13:02)	Xd
' νιστoя σαηταη:	
(13:03)	<b>Maninhoo</b>
<b>Rayssa Rios =D:</b>	
(13:03)	<b>cmo eh q taa?</b>
<b>Rayssa Rios =D:</b>	
(13:04)	bem e vc?
' νιστoя σαηταη:	
(13:04)	<b>Tbm</b>
<b>Rayssa Rios =D:</b>	
(13:04)	<b>só naum muitoo por essas noticias..</b>
<b>Rayssa Rios =D:</b>	
(13:04)	Hum
' νιστoя σαηταη:	
(13:04)	<b>hueheuheue</b>
<b>Rayssa Rios =D:</b>	
(13:05)	shahsuahsahsuahsuashausha
' νιστoя σαηταη:	
(13:05)	pelo menos as aulas foram adiadas pra 19
' νιστoя σαηταη:	
(13:05)	pelo menos essa noticia boaaa.
' νιστoя σαηταη:	

- (13:05) sahushuashuashausha  
' **вictory saηtaη:**
- (13:06) **Hmm**  
**Rayssa Rios =D:**
- (13:06) **mas tbm, só essa**  
**Rayssa Rios =D:**
- (13:06) **hsauhasuashusasa**  
**Rayssa Rios =D:**
- (13:06) Poizé  
' **вictory saηtaη:**
- (13:06) eryka disse que vem dia 11..mas tenhoo que avisar que as  
' **вictory saηtaη:** aulas só começam 19
- (13:07) **Poiiseeh**  
**Rayssa Rios =D:**
- (13:07) **ela me mandou um scrap, ate estranheii ela vim**  
**Rayssa Rios =D:** **domingoo**
- (13:08) Ahamm  
' **вictory saηtaη:**
- (13:08) eii..mas é lasca msm..aula di segunda á sabado de 7:20 as  
' **вictory saηtaη:** 12:50 e prova nos domingos
- (13:08) minha mãe disse que se eu reclamasse mais uma vez ela  
' **вictory saηtaη:** ia me colocar no D.Pedro II
- (13:09) **poow...isso eh péssimoo caraa**  
**Rayssa Rios =D:**
- (13:09) **e aula a tarde??**

Rayssa Rios =D:

(13:09)

vamos ter tbm?

Rayssa Rios =D:

(13:10)

eii qual eh essa letraa??

Rayssa Rios =D:

(13:10)

(a tuua)

Rayssa Rios =D:

(13:10)

LEELAWEADEE

' вистоя саηтаη:

(13:10)

UMA COISAA ASSIm

' вистоя саηтаη:

(13:10)

Hmm

Rayssa Rios =D:

(13:10)

e a da coca cola??

Rayssa Rios =D:

(13:10)

tuu tm?

Rayssa Rios =D:

(13:10)

Ahamm

' вистоя саηтаη:

(13:10)

Poxaa

Rayssa Rios =D:

(13:11)

eu qriia essa, cmo eh q faço?

Rayssa Rios =D:

(13:11)

mas tá no outro computador..é só eu ti enviar

' вистоя саηтаη:

(13:11)

LEELAWEADEE?

Rayssa Rios =D:

- (13:11) **naum tm nenhuma aki assim naum**  
**Rayssa Rios =D:**
- (13:11) Aham  
 ' **вистоя саηтаη:**
- (13:11) **Hhm**  
**Rayssa Rios =D:**
- (13:11) **ei victoor, tuu sabe se vamos tr aula a tardee?**  
**Rayssa Rios =D:**
- (13:12) op'z..entaum naum sei  
 ' **вистоя саηтаη:**
- (13:12) vamos...mas agora no inicioo naum  
 ' **вистоя саηтаη:**
- (13:12) eii..já sei o pq dessa letraa.  
 ' **вистоя саηтаη:**
- (13:12) meu windows é o vistaa  
 ' **вистоя саηтаη:**
- (13:14) **aah siim**  
**Rayssa Rios =D:**
- (13:14) **rr'**  
**Rayssa Rios =D:**
- (13:14) **hsuahasuashusaasha**  
**Rayssa Rios =D:**
- (13:15) poizé rayssinhaa..  
 ' **вистоя саηтаη:**

ANEXO 4**BATE-PAPO ENTRE INTERNAUTAS ADULTOS DE SÃO LUIS - MA**

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:45

bom dia

Edilza — quinta, 04 março 2010 09:47

bom dia

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:48

estás em qual bairro?

Edilza — quinta, 04 março 2010 09:49

próximo às praias

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:49

coisa boa

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:50

RS

Edilza — quinta, 04 março 2010 09:50

sim, muito boa

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:50

daqui também tenho uma boa visão do mar

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:50

Olho d'água

Edilza — quinta, 04 março 2010 09:50

legal

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:50

estou na empresa

Edilza — quinta, 04 março 2010 09:50

bom trabalho

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:50

parei um pouco para conversar enquanto o chefe saiu

Edilza — quinta, 04 março 2010 09:51

ok

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:51

enquanto\*

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:51

e vc tá em casa ou serviço?

Edilza — quinta, 04 março 2010 09:54

em casa

Edilza — quinta, 04 março 2010 09:54  
só mais tarde no trabalho

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:54  
ok

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:54  
tem msn?

Edilza — quinta, 04 março 2010 09:55  
sim

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:55  
mande

Edilza — quinta, 04 março 2010 09:55  
nem pensar

Edilza — quinta, 04 março 2010 09:55  
SRRSRRSRSS

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:55  
vc é casada?

Edilza — quinta, 04 março 2010 09:56  
não, sou solteira

Edilza — quinta, 04 março 2010 09:56  
separada há 11 anos

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:56  
ok

Edilza — quinta, 04 março 2010 09:56  
mas só converso com pessoas de minha idade

Edilza — quinta, 04 março 2010 09:56  
esculpe, mas sou assim

Edilza — quinta, 04 março 2010 09:57  
muito inteligente

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:57  
uma pessoa inteligente não põe elogios em si mesma

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:57  
põe\*

Edilza — quinta, 04 março 2010 09:58  
não?

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:58  
não

Edilza — quinta, 04 março 2010 09:58  
não me elogiei

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:58

deixa ser elogiada

Edilza — quinta, 04 março 2010 09:58

só falei que sou inteligente

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:58

todas as pessoas são inteligentes

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:58

do médico ao carroceiro

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:59

uns a utilizam mais que outras

Edilza — quinta, 04 março 2010 09:59

então, sou uma delas

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 09:59

rs

Edilza — quinta, 04 março 2010 10:00

não achas?

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 10:00

não

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 10:00

achei apenas uma decepção com o seu tipo arrogante

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 10:01

como pode uma pessoa se intitular mais sábia que outras

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 10:01

pura burrice

Antonio Carlos — quinta, 04 março 2010 10:01

adeus



- (13:17) Hisaac ja nao to aguentando
- (13:20) Marcella\*: imagino =/
- (14:41) Marcella\*: vou ali almoçar e ja volto  
beeijo
- (14:42) Hisaac Beeeijos
- (14:43) Marcella\* está Offline
- (21:45) Hisaac a aula de fda amanha é presencial???
- (21:45) Marcella\*: Naaaoo nao tera aula
- (21:46) Hisaac
- (21:47) Marcella\*: vamos pro forro das meninas?
- (21:47) Hisaac: aaaaii tinha esquecido  
nao vou poder
- (21:47) Hisaac: tenho que correr atras do meu remedio do dente  
=///
- (21:48) Marcella\*: ihh é  
verdade
- (21:49) Marcella\*: melhor seu dentinhoo msm
- (21:49) Hisaac cirurgia marcada pra segunda que vem  
marcella.. vc conhece algum medico que possa me dar uma receita pra um  
antiinflamatorio?
- (21:50) Hisaac pq a minha dentista me indicou.. mas ela nao pode dar receita pq ele é  
controlado  
acho que so medico pode  
naoo
- (21:51) Marcella\*: quase nao vou em medico  
=/
- (22:33) Marcella\*: vou sair aqui  
beeijo
- (22:33) Hisaac beeeijos  
até amanhã =)
- (22:34) Marcella\*: Ate
- (22:37) Marcella\* está Offline
- (17:17) Marcella\*: hisaac.. fez trab de fda?
- (17:17) Hisaac Que trab??  
hauhauhauhauhu
- (17:19) Marcella\*: iaauhauhuaa  
q belezaaa  
esse pessoal da ed fisica eh bem disciplinado msm
- (17:19) Marcella\*: haha  
ela colocou uma tarefa no moodle
- (17:19) Hisaac vale nota??  
hauhauhauhau

ANEXO 6BATE-PAPO ENTRE INTERNAUTAS ADULTOS DE BRASÍLIA - DF

BRU... says: (21:04:53)

**qq eu faco entao?**

BRU... says: (21:04:54)

**rs**

Marcelo Abreu says: (21:05:43)

Parece meio óbvio, mas fique tranquila... o tempo cura mtas coisas!

Marcelo Abreu says: (21:06:15)

nao adianta ficar remoendo, e pensar no que deu errado!!!!

Marcelo Abreu says: (21:07:49)

conhecer pessoas novas as vezes nos dá preguiça, mas nao podemos pensar assim. A rotina eh uma grande vilã dos relacionamentos. O comodismo eh f@#\$

Marcelo Abreu says: (21:08:33)

meio piegas, mas eh a mais pura verdade!!!

BRU... says: (21:10:10)

**ehhhhh**

BRU... says: (21:10:25)

**o duro eh qdo vc tah no meio do sofrimento e nao consegue ainda enxergar isso**

Marcelo Abreu says: (21:12:13)

as vezes nos apegamos aos momentos que a outra pessoa esta do nosso lado, e em lembrancas, presentes ...daí bate uma vontade voltar! Com o tempo, percebe-se q isso nao eh td!!!

BRU... says: (21:13:02)

**nossa**

BRU... says: (21:13:10)

**ninguem me disse essas coisas antes**

Marcelo Abreu says: (21:13:14)

Mas cabe soh a vc dizer e pensar o que sente por ele!!! Se a vontade de voltar for maior que os seus sentimentos...volte! Se nao for, no começo vc vai sofrer, mas passará

BRU... says: (21:13:43)

**mas nao consigo me dividir**

Marcelo Abreu says: (21:13:47)

hihii fol mal....estou sendo meio duro neh!!!

BRU... says: (21:13:47)

**nao sei oq sinto**

BRU... says: (21:13:49)

**nem oq penso**

BRU... says: (21:13:59)

**nao nao**

BRU... says: (21:14:05)

**vc esta sendo realista**

Marcelo Abreu says: (21:15:02)

na verdade estou dividindo uma experiencia recente que tive!!! cada caso eh um caso... juro q nao quero influencia-la!!! quero vc tenha melhor decisao!!! sem se precipitar. entende?

BRU... says: (21:15:50)

**entendo**

BRU... says: (21:15:53)

**conte-me**

BRU... says: (21:15:54)

**rsrs**

BRU... says: (21:16:03)

**conte-me td**

BRU... says: (21:16:06)

**quem vive**

BRU... says: (21:16:09)

**sabe oq viveu**

Marcelo Abreu says: (21:18:07)

heheh!!! E que temos q ter um olhar maduro...pensar mais com a razao e menos com a emocao!! Na pratica isso eh mto dificil de se fazer, mas temos tentar!

Marcelo Abreu says: (21:19:40)

Saia com suas amigas, conheça pessoas novas! Mas precisa fazer charme, esbanjar que está bem, apenas viva sua vida!

BRU... says: (21:20:09)

**ehhhhhhhhhh**

Marcelo Abreu says: (21:20:10)

quiz dizer Mas NAO precisa fazer charme, esbanjar que está bem, apenas viva sua vida!

Marcelo Abreu says: (21:22:10)

sempre q terminamos um relacionamento, queremos passar inveja ou exibir algo para o namorado!!! isto eh bobagem... temos eh q estar bem conosco!!

Marcelo Abreu says: (21:22:43)

primeiro tente ter clareza no q vc sente! para depois tomar uma decisao definitiva!

Marcelo Abreu says: (21:23:18)

to sendo o maior chato, mas eh que quero ver vc bem!!

BRU... says: (21:23:46)

**eu to te entendendo meu amor...**

BRU... says: (21:23:58)

**pode ter certeza q to prestando bem atencao em td**

BRU... says: (21:23:59)

**e farei**

BRU... says: (21:24:32)

**amor**

BRU... says: (21:24:35)

**vou jantar**

BRU... says: (21:24:39)

**vc vai ficar ai??**

Marcelo Abreu says: (21:24:53)

acho q sim!! vamos nos falando!!!

Marcelo Abreu says: (21:24:56)

vai lah!!!

BRU... says: (21:25:05)

**tah**

Marcelo Abreu says: (21:25:08)

bjsss

BRU... says: (21:25:17)

**jah volto minha coisa lindaaaaa de psicologo**

BRU... says: (21:25:19)

ANEXO 7**BATE-PAPO ENTRE INTERNAUTAS ADULTOS DE BELÉM - PA**

1/08/2009	0:20:09	--=Áxel=---	LLine	égua do gosta mesmo de the sims né!!
1/08/2009	0:20:10	--=Áxel=---	LLine	Hehehe
1/08/2009	0:20:18	LLine	--=Áxel=---	éguaaaaaa
1/08/2009	0:20:21	LLine	--=Áxel=---	nem me fala
1/08/2009	0:20:28	LLine	--=Áxel=---	o marcelo me deu antes de ser lançado
1/08/2009	0:20:40	LLine	--=Áxel=---	encomendou aquela edição pra colecionador
1/08/2009	0:21:00	--=Áxel=---	LLine	ah sim, eu vi na FNAC em SP
1/08/2009	0:21:11	--=Áxel=---	LLine	quase compro, mas n deu
1/08/2009	0:21:30	LLine	--=Áxel=---	égua, é muito legal, áxewl
1/08/2009	0:21:32	LLine	--=Áxel=---	Axel
1/08/2009	0:21:41	--=Áxel=---	LLine	eu lembro que eu que te mostrei e tu não parava de jogar!hahahaha
1/08/2009	0:21:43	--=Áxel=---	LLine	bacana!
1/08/2009	0:21:47	LLine	--=Áxel=---	vixe, não parei mesmo
1/08/2009	0:21:52	LLine	--=Áxel=---	criaste um monstro =P
1/08/2009	0:21:56	--=Áxel=---	LLine	Kkkkkkkk
1/08/2009	0:21:59	LLine	--=Áxel=---	e o pior num é nem isso... eu nem jogo valendo mesmo
1/08/2009	0:22:03	LLine	--=Áxel=---	eu só jogo com macete
1/08/2009	0:22:09	LLine	--=Áxel=---	pra ficar milionária logo
1/08/2009	0:22:15	LLine	--=Áxel=---	construir um casarão
1/08/2009	0:22:16	--=Áxel=---	LLine	ahh hehehe

1/08/2009	0:22:18	--=Áxel=---	LLine	<b>pois é <u>neNE</u></b>
1/08/2009	0:22:19	LLine	--=Áxel=---	e ficar só na manha curtindo
1/08/2009	0:22:20	LLine	--=Áxel=---	Euheuheuhuehue
1/08/2009	0:22:30	--=Áxel=---	LLine	<b>ficar jogando tudo certinho deve consumir muito tempo!</b>
1/08/2009	0:22:34	LLine	--=Áxel=---	égua demais
1/08/2009	0:22:36	LLine	--=Áxel=---	e é muito chato
1/08/2009	0:22:51	LLine	--=Áxel=---	mas olha, acho que no 3 mudou mta coisa
1/08/2009	0:23:05	LLine	--=Áxel=---	antes a gente tinha que ficar estudando né? pra aumentar as habilidades e ganhar as promoções
1/08/2009	0:23:08	--=Áxel=---	LLine	<b>Sei</b>
1/08/2009	0:23:10	LLine	--=Áxel=---	agora nao eh mais assim... mta coisa mudou
1/08/2009	0:23:16	--=Áxel=---	LLine	<b>Humm</b>
1/08/2009	0:23:23	LLine	--=Áxel=---	eh mto doido... tu podes ir na casa dos teus vizinhos
1/08/2009	0:23:26	LLine	--=Áxel=---	dormir no sofá deles
1/08/2009	0:23:28	LLine	--=Áxel=---	comer a comida deles
1/08/2009	0:23:29	LLine	--=Áxel=---	Uehueheu
1/08/2009	0:23:30	LLine	--=Áxel=---	=P
1/08/2009	0:23:30	--=Áxel=---	LLine	<b>Kkkkkkkkkkkk</b>
1/08/2009	0:23:46	--=Áxel=---	LLine	<b>o bom é que hj em dia, podemos comprar os originais</b>
1/08/2009	0:23:54	--=Áxel=---	LLine	<b>na época, era só na base do piratex mesmo!</b>
1/08/2009	0:24:02	LLine	--=Áxel=---	maisé, te lembras?
1/08/2009	0:24:05	LLine	--=Áxel=---	haja piratão =P
1/08/2009	0:24:07	--=Áxel=---	LLine	<b>Heuheuheu</b>

1/08/2009 0:24:08 LLine --=Áxel=--- Uehuehuehue

1/08/2009 0:24:14 LLine --=Áxel=--- tu ja tinha um cara nera? de quem tu comprava

1/08/2009 0:24:21 --=Áxel=--- LLine **eu ainda tenho uma caixa cheia de piratex!**

1/08/2009 0:24:32 LLine --=Áxel=--- todo cabreiro eu lembro que tu dizias que qdo tu ias buscar os cds com ele, ele ficava

1/08/2009 0:24:38 LLine --=Áxel=--- te entregava logo os CDs

1/08/2009 0:24:38 --=Áxel=--- LLine **sim, um cara que deixave em casa**

1/08/2009 0:24:45 LLine --=Áxel=--- ah é, ele ia levar na tua casa

1/08/2009 0:24:48 LLine --=Áxel=--- todo cabreiro o pobre

1/08/2009 0:24:49 LLine --=Áxel=--- Uehuehuehue

1/08/2009 0:24:54 --=Áxel=--- LLine **sim, chegava em casa olhado pros lados!! hahahaha**

1/08/2009 0:24:58 LLine --=Áxel=--- Hauhauhauhauahu

1/08/2009 0:25:01 LLine --=Áxel=--- que onda

1/08/2009 0:25:07 LLine --=Áxel=--- hoje o negocio ta desenfreado =P

1/08/2009 0:25:14 --=Áxel=--- LLine **mais é**

1/08/2009 0:25:31 --=Áxel=--- LLine **na verdade ainda pego uns piratões, mas baixo na internet**

1/08/2009 0:25:38 --=Áxel=--- LLine **mas o jogos que eu gosto, compro originais mesmo**

1/08/2009 0:25:46 --=Áxel=--- LLine **principalmente simuladores**

1/08/2009 0:26:28 LLine --=Áxel=--- é bom ter original né

1/08/2009 0:26:33 LLine --=Áxel=--- nao dá pau... podes pedir supote

1/08/2009 0:26:34 --=Áxel=--- LLine **sim, melhor coisa**

1/08/2009 0:26:36 LLine --=Áxel=--- Suporte

1/08/2009 0:26:40 LLine --=Áxel=--- poisé...

1/08/2009	0:26:40	--=Áxel=---	LLine	<b>Exato</b>
1/08/2009	0:26:46	LLine	--=Áxel=---	que bom que hoje a gente pode =P
8/09/2009	2:17:22	--=Áxel=---	LLine	<b>tu viu o vídeo dos gatos discutindo?!</b>
8/09/2009	2:17:22	--=Áxel=---	LLine	<b>:D</b>
8/09/2009	3:02:00	LLine	--=Áxel=---	Hahahahah
8/09/2009	3:02:03	LLine	--=Áxel=---	vi!!
8/09/2009	3:02:07	LLine	--=Áxel=---	égua, ri muito heuheheue
8/09/2009	3:02:18	--=Áxel=---	LLine	<b>Heuheuheue</b>
8/09/2009	3:02:22	--=Áxel=---	LLine	<b>comico demais</b>
8/09/2009	3:03:08	LLine	--=Áxel=---	:P
8/09/2009	3:03:36	--=Áxel=---	LLine	<b>tem esse outro!</b>
8/09/2009	3:03:36	--=Áxel=---	LLine	<b><a href="http://www.youtube.com/watch?v=m72_3Uaef44">http://www.youtube.com/watch?v=m72_3Uaef44</a></b>
8/09/2009	3:03:49	--=Áxel=---	LLine	<b>mas o outro é amis engraçado</b>
8/09/2009	3:05:27	LLine	--=Áxel=---	Hahahahahahahaha
8/09/2009	3:05:31	LLine	--=Áxel=---	oooooha que fofinhos
8/09/2009	4:01:46	--=Áxel=---	LLine	<b>tu já assistiu ou não o zeitgeist 2?</b>
8/09/2009	4:05:02	LLine	--=Áxel=---	ah menino
8/09/2009	4:05:07	LLine	--=Áxel=---	isso tá virando uma saga, olha...
8/09/2009	4:05:12	--=Áxel=---	LLine	<b>Kkkkkkkkkkk</b>
8/09/2009	4:05:14	LLine	--=Áxel=---	o primeiro eu consegui tranquilo...
8/09/2009	4:05:21	LLine	--=Áxel=---	agora o segundo, como fala muito de dinheiro, eu bodo horrores
8/09/2009	4:05:23	LLine	--=Áxel=---	Durmo

8/09/2009 4:05:27 LLine --=Áxel=--- egua, o marcelo ja desistiu de mim

8/09/2009 4:05:29 --=Áxel=--- LLine **isso que eu to vendo, toda hora tu posta que vai assistir e tal..**

8/09/2009 4:05:39 LLine --=Áxel=--- eu dormi ontem ele assistiu sozinho pq nas 3 vezes que a gente começou a assistir,

8/09/2009 4:05:40 LLine --=Áxel=--- =P

8/09/2009 4:05:42 --=Áxel=--- LLine **aahh tá...**

8/09/2009 4:06:01 LLine --=Áxel=--- mas eu to gostando muito, olha!

8/09/2009 4:06:02 LLine --=Áxel=--- :P

8/09/2009 4:06:13 --=Áxel=--- LLine **depois de um açai enbtão..**

8/09/2009 4:06:19 LLine --=Áxel=--- po, nem me fale...

8/09/2009 4:06:29 LLine --=Áxel=--- uma coisa que me chamou mto a atenção foi um velho la

ANEXO 8BATE-PAPO ENTRE INTERNAUTAS ADOLESCENTES DE  
BELÉM - PA

20:05] Maurinho: **buchechudinha**

[20:05] Maurinho: **tu vai amanha?**

[20:06] Camilla: *acho que sim, se eu arranjar dinheiro*

[20:08] Maurinho: **entao vai logo pra esquina**

[20:08] Maurinho: **huuuuuuum MARA**

[20:08] Camilla: *é já tô indo*

[20:08] Camilla: *AIUHAIUAHIAH*

[20:10] Camilla: *e ai mais babados ?*

[20:11] Maurinho: **asuhaushauhsha**

[20:11] Maurinho: **nao**

[20:11] Maurinho: **mais nao**

[20:12] Camilla: *poxa :/*

[20:15] Maurinho: **hsuahsuahsh**

[20:15] Maurinho: **a renata vai**

[20:15] Maurinho: **a aline vai**

[20:15] Maurinho: **a larissa vai**

[20:15] Maurinho: **bora milloca**

[20:16] Camilla: *eu consigo o money*

[20:18] Maurinho: **eeeba**

[20:18] Maurinho: **é a sessao de 15:40**

[20:19] Camilla: *tá blz*

[20:19] Camilla: *quem vai mais ?*

[20:19] Maurinho: **por enquanto esses**

[20:19] Maurinho: **mas tenho q falar com o braz**

[20:19] Maurinho: **fabio**

[20:19] Maurinho: **feijao**

[20:19] Maurinho: **gabriel**

[20:20] Maurinho: **caio**

[20:20] Maurinho: **thalita( mas ach que nao vai)**

[20:20] Maurinho: **ana thalita**

[20:21] Camilla: ah é, chama mesmo a galera, a feijão sabe por auto

[20:21] Maurinho: **ela nao ta online**

[20:23] Camilla: mas eu falei com ela

[20:23] Camilla: no colégio

[20:24] Maurinho: **ah ta**

[20:30] Maurinho: **eei**

[20:30] Maurinho: **lembra daquela menina**

[20:30] Maurinho: **da parada de ontem**

[20:30] Maurinho: **??**

[20:30] Camilla: sim

[20:31] Maurinho: **hj é aniversario dela**

[20:31] Maurinho: **hauhshaushuahsushuaushah**

[20:32] Camilla: IUAHahaiuhIAH

[20:32] Camilla: não morre cedo

ANEXO 9**BATE-PAPO ENTRE INTERNAUTAS ADOLESCENTES DE FLORIANÓPOLIS-SC**

Francy diz:

**Oii luca  
queres q eu mande por email?**

luca diz:

sim  
te procurei na palestra e vc ja tinha vindo

Francy diz:

**sim, eu so assinei meu nome e sai**

luca diz:

a glauceli me falou q ela pode responder as perguntas hj no intervalo dela vou entregar para ela e ela responde!!!

Francy diz:

**ta..  
falei com a secretaria da ACIF  
ela falou se eu quisesse ela me passava por tel tbm  
dai se vc quiser fazer o da sua amiga, eu faço o da acif pra ficar diferente  
o q tu acha?**

luca diz:

beleza

Francy diz:

**ta,.. mas eu to passando as pergunbtas pra ti ta**

luca diz:

brigadão  
estaou em duvida de como fazelas

Francy diz:

**nem fala  
é um saco neh  
mas as perguntas sao simples  
vou te passar  
dai nao tem erro**

luca diz:

nem fala amanhã colocarei atestado

Francy diz:

**jah envie  
;D**

luca diz:

blz

Francy diz:

**huahuahuha  
serio?**

luca diz:

sim p poder ter tempo!!

A mensagem a seguir não pôde ser entregue a todos os destinatários:  
**sim p poder ter tempo!!**

luca diz:

vou mandar e-mail avisando se nao estou ferrado!! n acha!!

Francy diz:

**luca.. tenta fazer as perguntas hj  
faz com sua amiga..  
passa a limpo**

luca diz:

blz!!

vc ja enviou?

Francy diz:

**essas perguntas sao bem faceis..**

luca diz:

legau !!!

Francy diz:

**dai vc só digita e imprimir**

luca diz:

em tão vuo fazer isso depois

Francy diz:

**sim**

**ta no teu email  
nao foi?**

luca diz:

beleza frncy

Francy diz:

**nada luca.. quaquer coisa me liga ta**

luca diz:

blz entro em contato!!!

Francy diz:

**ta bom..**

**teh amnha entao  
luca**

luca diz:

falou!!

Francy diz:

**pq vc nao manda um email pra prof e pergunta se vc pode mandar o trabalho a  
noite**

luis diz:

vou fazer isso

Francy diz:

**faz mesmo**

luca diz:

blz farei

ANEXO 10BATE-PAPO ENTRE INTERNAUTAS ADULTOS DE FLORIANÓPOLIS-SC

luis diz:

oi tania como vc esta bem

[i]Tânia[/i] [i]Rogério[/i] diz:

querido estou e

OI QUERIDO ESTOU SIM E VC

TIREI ESES DESENHOS NE QUE RUIM

luis diz:

como vai de saude a silvana te espera

[i]Tânia[/i] [i]Rogério[/i] diz:

SO TIRANDO QUE PEGOU FOGO EM MINHA COZINHA NUM PEDAÇO

HUM FOQUIE ESPERANDO

\*FIQUE

SRSRSRRSSR

luis diz:

mais teve muito prejuizo

[i]Tânia[/i] [i]Rogério[/i] diz:

SIM MEU FOGAO

MEU FORNO ELETRICO

SUGAR

QUATRO ARMARIUOS

FRITADEIRA ELETRICA

luis diz:

pora quanto prejuizo

[i]Tânia[/i] [i]Rogério[/i] diz:

O MEU FORRO DE GESSO

E VERDADE FORA AS COISAS MIUDAS NE

luis diz:

quando vc volta

[i]Tânia[/i] [i]Rogério[/i] diz:

MAS DEUS SABE O QUE FAZ

O OLHO E MUITO GRANDE EMCIMA DE NOIS AQUI SABE

NEM SEI POIS MINHA PERICIA VAI SER SO DIA 18JANEIRO

luis diz:

ja contrataram uma pessoa pro teu lugar

[i]Tânia[/i] [i]Rogério[/i] diz:

QUE BOM

SEJA BEM VINDA ELA

luis diz:

contrataram muita gente pra temporada

[i]Tânia[/i] [i]Rogério[/i] diz:

POIS QUANDO VOLTAR NAO POSSO MAIS FAZER ESFORÇO AI TEM QUE VER NE

E VERDADE QUE BOM

E COMO ESTA A PADARIA

luis diz:

tomara que vc volte logo faz falta

[i]Tânia[/i] [i]Rogério[/i] diz:

E TENHO QUE OPERAR MEUS OMBROS ISSO QUE E PIOR AMIGO

NAO NE

AINDA MA SCOM QUEL LA  
RSRSRSRS

luis diz:

mais vai dar tudo certo

[i]Tânia[/i] [i]Rogério[/i] diz:

PRA VC ACHO QUE SIM NE POIS NOSSA AMIZADE E VERDADEIRA  
COM CERTESA  
E A MARCELE JA CASOU COM O JOAO E COMO ESTA AS COISAS POR AI  
A FESTA DO NACIONAL VAI SER QUANDO

luis diz:

a suili teve que ficar uns dias em casa porque a pressão ficou muito alta

[i]Tânia[/i] [i]Rogério[/i] diz:

MEU DEUS

luis diz:

nao falaram ainda da festa

[i]Tânia[/i] [i]Rogério[/i] diz:

COITADA  
A TA  
E O DECIMO TERCEIRO SAI QUANDO  
E AS ESTRELAS QUEM ESTA CENDO

luis diz:

mas agora ela ja ta bem so vai fazer umas consulta ja voltou a trabalhar

[i]Tânia[/i] [i]Rogério[/i] diz:

AI QUE BOM DA UM BEIJAO NELA POR MIM TA ADORO ELA

luis diz:

ja saiu a primeira parcela

[i]Tânia[/i] [i]Rogério[/i] diz:

E QUANDO

luis diz:

no pagamento deste mes

[i]Tânia[/i] [i]Rogério[/i] diz:

EU ACHO QUE VOU RECEBER TUDO JUNTO NE COM O MERU PAGAMENTO DE 15 DIAS  
AFASTADA PELA EMPRESA NE POIS NAO SAIU DIA 15 ENTAO SO DIA 30  
AGORA DIA 30

luis diz:

vai dar uma nota

[i]Tânia[/i] [i]Rogério[/i] diz:

DE NOVEMBRO  
E QUE BOM NE

luis diz:

tem muito desconto ate o do sindicato

[i]Tânia[/i] [i]Rogério[/i] diz:

EU SO VOU RECEBER DA PERICIA EM JANEIRO POIS SO TENHO PERICIA DIA 18 AI  
DEPOIS E QUE ELES MARCAM PARA RECEBER AI SIM TUDO JUNTO  
E NE E UM ABISURDO

luis diz:

e mesmo

[i]Tânia[/i] [i]Rogério[/i] diz:

ENTAO A 1 PARCELA ESTA NESE PAGANEMTO DE NOV

luis diz:

mas por que vc não fica por um longo tempo na pericia vale mais a pena  
assim não tem desconto ne

[i]Tânia[/i] [i]Rogério[/i] diz:

ENTAO T5A BOM AMIGO  
TUDO DE BOM PRA VC E UM BEIJAO  
E VOU VER O QUE O MEDICO VAI FALAR NE POIS ELES QUE DAO OS DIAS PRA GENTE  
E VERDADE

luis diz:

e isso mesmo

APENDICE 1Planilha de conferência de Ocorrências/cidade

## FLORIANÓPOLIS

Universo ocorrências – 3799 – Adultos + adolescentes

## Adolescentes – 775 ocorrências

Feminino – 469 – (60,51%) - 107 – divergentes (22,81%)

362 – convergentes (77,19%)

Masculino – 306 – (39,49%) – 50 – divergentes (16,33%)

256 – convergentes (83,67%)

Resumindo  $\Sigma$  *divergentes* – 157 = (20,25%)

$\Sigma$  *convergentes* – 618 = (79,75%)

## Adultos – 3024 ocorrências

Feminino – 1832 – (60,58%) - 640– divergentes (34,93%)

1192 – convergentes (65,07%)

Masculino – 1192– (39,42%) – 534– divergentes (44,80%)

658 – convergentes (55,20%)

Resumindo  $\Sigma$  *divergentes* – 1174 = (38,82%)

$\Sigma$  *convergentes* – 1850 = (61,18%)

### Resumindo por sexo/cidade-adulto + adolescente

Feminino 2301  $\Sigma$  *divergentes* – 747 = (20,25%)

$\Sigma$  *convergentes* – 1554 = (67,54%)

Masculino 1498  $\Sigma$  *divergentes* – 584 = (38,99%)

$\Sigma$  *convergentes* – 914 = (61,01%)

### Resumindo por cidade – adultos +adolescentes

$\Sigma$  *divergentes* – 1331 = (35,04%)

$\Sigma$  *convergentes* – 2468 = (64,96%)

### São Paulo

Universo ocorrências - 4737 – Adultos + adolescentes

#### Adolescentes – 1401 ocorrências

Feminino – 675 – (48,17%) - 357 – divergentes (52,88%)

318 – convergentes (47,12%)

Masculino - 726 – (51,83%) – 303 – divergentes (41,73%)

423 – convergentes (58,27%)

Resumindo  $\Sigma$  *divergentes* – 660 = (47,10%)

$\Sigma$  *convergentes* – 741 = (52,90%)

#### Adultos – 3336 ocorrências

Feminino – 1860 – (55,76%) - 88– divergentes (4,73%)

1772 – convergentes (95,27%)

Masculino – 1476– (44,24%) – 232– divergentes (15,72%)

1244 – convergentes (84,28%)

Resumindo  $\Sigma$  *divergentes* – 320 = (9,59%)

$\Sigma$  *convergentes* – 3016 = (90,41%)

#### Resumindo por sexo/cidade-adulto + adolescente

Feminino 2535  $\Sigma$  *divergentes* – 445 = (17,55%)

$\Sigma$  *convergentes* – 2090 = (82,45%)

Masculino 2202  $\Sigma$  *divergentes* – 535 = (24,30%)

$\Sigma$  *convergentes* – 1667 = (75,70%)

#### Resumindo por cidade – adultos +adolescentes

$\Sigma$  *divergentes* – 980 = (20,69%)

$\Sigma$  *convergentes* – 3757 = (79,31%)

**Brasília**

Universo ocorrências – 4395 – Adultos + adolescentes

**Adolescentes – 2325 ocorrências**

Feminino – 999 – (42,67%) - 327 – divergentes (32,73%)

672 – convergentes (67,27%)

Masculino – 1326 – (57,03%) – 345 – divergentes (26,02%)

981 – convergentes (73,98%)

**Resumindo**  $\Sigma$  *divergentes* – 672 = (28,90%)

$\Sigma$  *convergentes* – 1653 = (71,10%)

**Adultos – 2070 ocorrências**

Feminino – 1226 – (59,23%) - 92– divergentes (7,50%)

1134 – convergentes (92,5%)

Masculino – 844– (40,77%) – 234– divergentes (27,73%)

610 – convergentes (72,27%)

**Resumindo**  $\Sigma$  *divergentes* – 326 = (15,75)

$\Sigma$  *convergentes* – 1744 = (84,25%)

**Resumindo por sexo/cidade-adulto + adolescente**

Feminino 2225  $\Sigma$  *divergentes* – 419 = (18,83%)

$\Sigma$  *convergentes* – 1806 = (81,17%)

Masculino 2170  $\Sigma$  *divergentes* – 579 = (26,68%)

$\Sigma$  *convergentes* – 1591 = (73,32%)

#### Resumindo por cidade – adultos +adolescentes

$\Sigma$  *divergentes* – 998 = (22,71%)

$\Sigma$  *convergentes* – 3397 = (77,29%)

**Belém**

Universo ocorrências – 2885 – Adultos + adolescentes

**Adolescentes – 1496 ocorrências**

Feminino – 538 – (35,96%) - 104 – divergentes (19,33%)

434 – convergentes (80,67%)

Masculino – 958 – (64,04%) – 212 – divergentes (22,13%)

746 – convergentes (77,87%)

**Resumindo**  $\Sigma$  *divergentes* – 316 = (21,12%)

$\Sigma$  *convergentes* – 1.180 = (78,88%)

**Adultos – 1389 ocorrências**

Feminino – 885 – (63,71%) - 111 – divergentes (12,54%)

774 – convergentes (87,46%)

Masculino – 504 – (36,29%) – 45 – divergentes (26,78%)

459 – convergentes (73,22%)

**Resumindo**  $\Sigma$  *divergentes* – 156 = (11,23%)

$\Sigma$  *convergentes* – 1233 = (88,77%)

**Resumindo por sexo/cidade-adulto + adolescente**

Feminino 1423  $\Sigma$  *divergentes* – 215 = (15,11%)

$\Sigma$  *convergentes* – 1208 = (84,89%)

Masculino 1462  $\Sigma$  *divergentes* – 257 = (17,58%)

$\Sigma$  *convergentes* – 1205 = (82,42%)

#### Resumindo por cidade – adultos +adolescentes

$\Sigma$  *divergentes* – 472 = (16,36%)

$\Sigma$  *convergentes* – 2413 = (83,64%)

### São Luís

Universo ocorrências – 5565– Adultos + adolescentes

#### Adolescentes – 3228 ocorrências

Feminino – 1144 – (35,44%) - 556 – divergentes (48,60%)

588 – convergentes (51,40%)

Masculino – 2084– (64,56%) – 856 – divergentes (41,07%)

1228 – convergentes (58,93%)

Resumindo  $\Sigma$  *divergentes* – 1412 = (43,74%)

$\Sigma$  *convergentes* – 1816 = (56,26%)

#### Adultos – 2337 ocorrências

Feminino – 1029 – (44,03%) - 108– divergentes (10,50%)

921 – convergentes (89,50%)

Masculino – 1308– (55,97%) – 573– divergentes (43,81%)

735 – convergentes (56,19%)

Resumindo  $\Sigma$  *divergentes* – 681 = (29,14%)

$\Sigma$  *convergentes* – 1656 = (70,86%)

### Resumindo por sexo/cidade-adulto + adolescente

Feminino 2173  $\Sigma$  *divergentes* – 664 = (30,56%)

$\Sigma$  *convergentes* – 1509 = (69,44%)

Masculino 3392  $\Sigma$  *divergentes* – 1429 = (42,13%)

$\Sigma$  *convergentes* – 1963 = (57,87%)

### Resumindo por cidade – adultos +adolescentes

$\Sigma$  *divergentes* – 2093 = (37,61%)

$\Sigma$  *convergentes* – 3472 = (62,39%)

### Total da amostra pesquisada nas 5 capitais:

21.381 ocorrências

Resumindo  $\Sigma$  *divergentes* – 5874 = (27,47%)

$\Sigma$  *convergentes* – 15507 = (72,53%)